

MARINALVA DE SOUSA

CICLO DE ENSINO E APRENDIZAGEM, GRAMÁTICA E CONTEXTO:

UM ESTUDO DO USO DOS PROCESSOS
EM 'ESTÓRIAS' NA ESCOLA



**CICLO DE ENSINO E APRENDIZAGEM, GRAMÁTICA E
CONTEXTO: UM ESTUDO DO USO DOS PROCESSOS EM
'ESTÓRIAS' NA ESCOLA**

MARINALVA DE SOUSA

ISBN: 978-65-5886-158-4



978-65-5886-158-4

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Texto e contexto de situação e cultura	35
Figura 02: Variáveis do contexto de situação	37
Figura 03: Contexto de situação	38
Figura 04: Estratificação dos planos comunicativos (linguístico e contextual)	40
Figura 05: Esquema da sequência didática	58
Figura 06: Ciclo de Ensino-Aprendizagem	68

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Distribuição dos significados da categoria dos processos.....	100
Gráfico 02: Distribuição da quantidade de ocorrências de processos – Texto da Construção Conjunta.....	103
Gráfico 03: Distribuição da quantidade de ocorrências de processos da Escrita e Reescrita de textos.....	111
Gráfico 04: Distribuição do quantitativo de processos nas produções de reescrita	117
Gráfico 05: Distribuição da quantidade de ocorrências de processos da Escrita e Reescrita.	128

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Parâmetro metafuncional da linguagem: contexto, atividade e sistema	42
Quadro 02: Tipos de processos e participantes	45
Quadro 03: Processo material (ator/meta)	46
Quadro 04: Processo material (ator/escopo)	47
Quadro 05: Processo material (ator/beneficiário)	47
Quadro 06: Processo material (ator/atributo)	48
Quadro 07: Processo mental	48
Quadro 08: Processo mental perceptivo	49
Quadro 09: Processo mental cognitivo	49
Quadro 10: Processo mental afetivo	49
Quadro 11: Processo mental desiderativo	50
Quadro 12: Processo relacional	51
Quadro 13: Processo verbal	51
Quadro 14: Processo comportamental	52
Quadro 15: Processo existencial	52
Quadro 16: Família dos gêneros escolares	61
Quadro 17: Fases comuns nas estórias	64
Quadro 18: Produção inicial	77
Quadro 19: Produção final	77
Quadro 20: Identificação dos participantes	79
Quadro 21: Proposta de Ciclo de Ensino-Aprendizagem centrado no uso dos processos para o 6º ano do Ensino Fundamental	80
Quadro 22: Distribuição das atividades da Negociação do Campo	82
Quadro 23: Negociação do Campo - Etapas	83
Quadro 24: Conhecimento do aluno sobre o gênero estória – Distribuição das respostas do questionário Sociocultural	84
Quadro 25: Depoimento do morador (S. J. S)	85
Quadro 26: Exemplo de texto - Negociação do Campo.....	87

Quadro 27: Exemplo de texto - Negociação do Campo.....	87
Quadro 28: Exemplo de texto - Negociação do Campo.....	88
Quadro 29: Escolhas léxico-gramaticais realizadas pelos estudantes	89
Quadro 30: Distribuição de processos nas produções dos escolares	90
Quadro 31: Depoimento do morador (S. J. S)	91
Quadro 32: Distribuição das atividades da Desconstrução do gênero	92
Quadro 33: Exemplo de texto - Negociação do Campo.....	95
Quadro 34: Texto – Estrutura laboviana	97
Quadro 35: Elementos da narrativa.....	98
Quadro 36: Texto – Estrutura narrativa	99
Quadro 37: Distribuição das atividades da Construção Conjunta	101
Quadro 38: Texto - Construção Conjunta	102
Quadro 39: Distribuição das atividades da Construção Independente.....	106
Quadro 40: Exemplos de produção de escrita e reescrita.....	107
Quadro 41: Exemplo de texto - análise de processos.....	113
Quadro 42: Exemplo de texto - análise de processos.....	114
Quadro 43: Exemplo de texto - análise de processos.....	115
Quadro 44: Exemplo de texto - análise de processos.....	116
Quadro 45: Exemplos de orações relacionais.....	126

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. GRAMÁTICA, CONTEXTO, LÍNGUA EM USO E ENSINO	22
2.1 Gramática: conceitos, história e influência na educação	22
2.1.1 Ensino de gramática: o que é? Como se faz?	24
2.2 Linguística Sistêmico-Funcional	30
2.2.1 Texto e contexto	34
2.2.2 Língua e linguagem	39
2.3 Metafunções: princípios da LSF.....	42
2.4 Metafunção Ideacional: aspectos de transitividade	43
2.4.1 Processos Materiais	46
2.4.2 Processos Mentais	48
2.4.3 Processos Relacionais.....	50
2.4.4 Processos Verbais	51
2.4.5 Processos Comportamentais	51
2.4.6 Processos Existenciais	52
2.5 Metafunção Interpessoal.....	52
2.6 Metafunção Textual.....	53
2.7 Gênero de textos: escolhas e fundamentos	53
2.7.1 Gênero Textual	53
2.7.2 Gênero na perspectiva da Escola de Sydney	55
2.7.3 Gênero – Escola Norte-Americana.....	56
2.7.4 Gênero – Escola de Genebra	57
2.7.5 Visão do gênero com ênfase nas três escolas	59
2.8 Gênero de família “estória”	60
2.9 Memória	65
2.10 Ciclo de Ensino-Aprendizagem: o que caracteriza?.....	67
2.10.1 Negociação do Campo.....	68
2.10.2 Desconstrução.....	69
2.10.3 Construção Conjunta	70
2.10.4 Construção Independente	72
3. METODOLOGIA DE PESQUISA	74
3.1 Abordagem metodológica	74
3.2 Procedimentos de Coleta	75
3.3 Local de Estudo	75
3.3.1 O museu.....	76
3.4 <i>Corpus</i> : Seleção e Coleta	76
3.5 Participantes da pesquisa	78

3.6 Procedimentos de análise.....	79
3.7 Proposta didática interventiva.....	79
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	81
4.1 Vivência do Ciclo de Ensino e Aprendizagem (CEA).....	81
4.1.1 Negociação do Campo.....	82
4.1.2 Desconstrução do Gênero.....	92
4.1.3 Construção Conjunta	100
4.1.4 Construção Independente	105
4.2 Análise dos textos produzidos na escola.....	108
4.3 Análise comparativa – produção inicial e final	122
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
REFERÊNCIAS.....	130
ANEXOS.....	135

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa insere-se nos estudos realizados pelo CELLUPE – Centro de Estudos Linguísticos da UPE, no que tange ao uso da língua em contextos escolares e sua relação com a funcionalidade de diferentes gêneros textuais. Trata-se de uma pesquisa de intervenção que objetiva analisar estratégias didáticas experienciadas na sala de aula, no intuito de analisar a representação social e o uso dos processos (formas verbais) em ‘estórias’ escritas por discentes do 6º ano do Ensino Fundamental que retratam a cultura de Macaparana- PE e sua relação com o contexto social – de situação e de cultura. Desse modo, busca-se identificar as escolhas léxico-gramaticais – os processos e os participantes da oração – mais utilizadas nas ‘estórias’, descrevendo as escolhas léxico-gramaticais de transitividade – os participantes e os processos – responsáveis pela representação da experiência cultural dos alunos.

Além disso, busca analisar a relação do contexto sociocultural com as escolhas léxico-gramaticais em diferentes gêneros da família ‘estória’ e o uso dos processos (grupos verbais) e dos participantes (grupos nominais) dentro de um Ciclo de Ensino-Aprendizagem centrado no uso desses gêneros na escola e no contexto sociocultural do estudante.

Sendo assim, a presente pesquisa baseia-se num ensino de Língua Portuguesa centrado no uso dos gêneros escritos em sala de aula e sua relação com o aprendizado de gramática, de leitura e escrita, pois o ensino de gramática nas escolas, parece ainda distanciar-se da realidade do estudante por ser realizada, em sua maioria, sem contextualização e sem significados para a vida dos aprendizes, comprometendo a escrita dos gêneros como prática significativa.

A falta de um ensino de gramática contextualizado a um gênero chama à atenção de muitos docentes da Educação Básica e essa inquietação é o grande contribuinte para o desenvolvimento de pesquisas nesta perspectiva, pois é alarmante o índice de retidos e de desistentes dos discentes matriculados no 6º ano, fator inquietante tanto para os profissionais da educação quanto para todos que fazem parte da comunidade escolar.

Em muitas das instituições de ensino, a preocupação dos professores de Língua Portuguesa é a mesma, os estudantes da Educação Básica não escrevem bem, não sabem fazer

as escolhas léxico-gramaticais certas para produzir um texto, muitos não sabem até mesmo ler.

Durante a formação continuada desenvolvida pelas redes estaduais e municipais de ensino, percebem-se as inquietações que ainda se fazem presentes nos depoimentos dos professores tanto de Língua Portuguesa quanto das demais áreas de ensino. O que faço com o aluno que não sabe produzir um texto? O que fazer com o aluno que não domina a modalidade escrita?

Com base nos depoimentos desses professores, parece que o conhecimento que o estudante traz não é priorizado e o seu contexto social não é considerado. Sabe-se o quanto os fatores socioculturais influenciam no registro que o estudante faz e o quanto reflete na construção de sentido e na estrutura do seu texto.

A verdade é que muitos desses aprendizes não apresentam domínio da língua padrão ensinada nas escolas, o domínio da gramática é quase inexistente e há uma grande ineficiência da distinção entre as modalidades falada e escrita que é consequência de um ensino centrado apenas nas formas, na mecanização da língua e não na língua enquanto uso proposta pela Linguística Sistêmico-Funcional, doravante LSF. A funcionalidade dessa língua ainda está bastante distante da realidade do discente o que acaba prejudicando o sentido de suas escolhas léxico-gramaticais por ser visto de maneira desconexa de sua realidade.

A realidade é que, dificilmente os estudantes conseguirão dominar as habilidades de ler, escrever, ouvir e falar de forma efetiva se o ensino de língua portuguesa continuar pautado em modelos padrões descontextualizado da realidade dos aprendizes e, conseqüentemente, dificilmente os alunos alcançarão o que propõe os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), “desenvolver o domínio da expressão oral e escrita em situações de uso público da linguagem” (BRASIL, 1998, p. 49). O fato é que, segundo os censos populacionais, quase um bilhão de membros da população mundial adulta (acima de 15 anos), chegam ao ensino fundamental e médio sem domínio da leitura e da escrita. (UNESCO, 1990).

Diante disso, é necessária a relevância de um estudo tendo como base uma abordagem voltada à linguagem em uso como prática social tomando como base a Linguística Sistêmico-Funcional vista como um sistema de significados organizados a partir de um conjunto de escolhas. “O estudo da gramática no texto está em função de um melhor desempenho na

leitura e na escrita, já que o foco é a reflexão a partir dos usos sociais da linguagem.” (PERNAMBUCO, 2008, p. 17).

Para tanto, precisa-se considerar os resultados obtidos pela escola com relação ao eixo da leitura para então observar que os estudantes ainda estão distantes de atingir o resultado satisfatório nas avaliações externas, como o Sistema de Avaliação da Educação de Pernambuco (SAEPE). Na escola, o ensino de gramática, muitas vezes, ocorre de forma descontextualizada o que reflete no resultado das avaliações externas da unidade de ensino, visto que, estas são aplicadas de maneira contextualizada.

Sabe-se que as avaliações externas: Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e Sistema de Avaliação da Educação de Pernambuco (SAEPE) avaliam os estudantes de escolas públicas a partir do eixo da leitura, os quais são avaliados com relação a sua capacidade de ler e interpretar, não se prioriza a escrita. Ao que parece o eixo da escrita é apenas requerido nas avaliações e atividades internas.

As avaliações do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica buscam avaliar o desempenho dos alunos brasileiros no eixo da leitura e esperam bons resultados, mas, para que se obtenham resultados satisfatórios, faz-se necessário um conhecimento formado acerca da gramática, para que se façam as possíveis intervenções. Entretanto, acontece que, na maioria das vezes, os estudantes não conseguem ler, interpretar e fazer as intervenções necessárias, o que parece prover do Ensino de Gramática que ainda é insuficiente nas escolas e é descontextualizado do universo do aluno ocorrendo um distanciamento entre o currículo proposto e o que é ensinado de fato. Por isso, é preciso possibilitar meios, como o Ciclo de Ensino-Aprendizagem, que permitam aos aprendizes melhor conhecimento do gênero a ser produzido e das escolhas gramaticais que farão parte dessa produção.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no que corresponde ao Componente Curricular, destaca-se o uso da gramática afirmando que “conforme o avanço na escolaridade é esperado um aumento gradativo do nível de sistematização e de utilização de categorias gramaticais, sempre na perspectiva do USO-REFLEXÃO-USO”. (PERNAMBUCO, 2015, p. 39).

No próprio documento, há a relevância de um estudo que visa à gramática em seus usos que nos remete a perspectiva da sistêmico, além de mencionar como um dos objetivos

gerais o domínio da leitura e da escrita, o qual deve levar crianças, jovens e adultos a se apropriar desse domínio e dos conhecimentos relevantes à vida. Tais conhecimentos apresentam sentido para o estudante quando relacionados ao seu contexto sociocultural, os quais podem ser vistos em sua produção escrita, possibilitando entender, a partir dos processos (grupos verbais) e participantes (grupos nominais), a representação que o discente faz do universo que o circunda.

Assim não se justifica tratar o ensino gramatical desarticulado das práticas de linguagem. É o caso, por exemplo, da gramática que, ensinada de forma descontextualizada, tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano – uma prática pedagógica que vai da metalíngua para a língua por meio de exemplificação, exercícios de reconhecimento e memorização de terminologia. Em função disso, discute-se se há ou não necessidade de ensinar gramática. Mas essa é uma falsa questão: a questão verdadeira é o que, para que e como ensiná-la. (BRASIL, 1998, p. 28)

Como fora explicitado, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apontam uma preocupação em como ensinar gramática na escola e essa inquietação se estende até os diferentes âmbitos escolares. Por isso, a teoria da Linguística Sistêmico-Funcional preocupa-se com o ensino de gramática dentro de uma realidade reflexiva que possibilita um auxílio na construção dos textos, da leitura e da escrita, e não apenas estudá-la para fazer uma boa prova e passar de ano como se não houvesse funcionalidade dentro do ensino de língua. De acordo com os PCN:

Nos anos finais do ensino Fundamental, amplia-se a reflexão sobre a linguagem, propondo-se a sistematização de estudos sobre algumas categorias gramaticais, tendo em vista, sempre, o desenvolvimento de competências de uso da língua. Um exemplo dessa atividade, nesta proposta, é o estudo sistemático do verbo, que se distribui, ao longo dos anos finais do Ensino Fundamental e em parte do Ensino Médio, a partir do 6º ano (BRASIL, 1998, p. 51).

Entre as categorias gramaticais temos os processos, que na gramática tradicional correspondem aos verbos, a partir desses processos é possível entender melhor o que os alunos querem demonstrar ao escrever e como as suas escolhas refletem no contexto sociocultural dos estudantes e nos gêneros ‘estória’ dentro da teoria da Linguística Sistêmico-Funcional. “Os gêneros do narrar são objetos das práticas desde os anos iniciais da escolarização até o fim do Ensino Médio”. (BRASIL, 1998, p. 71). Por isso, a importância de analisar os gêneros de família ‘estória’ – narrativas, relatos e comentários que são pertinentes ao ensino de Língua Portuguesa e que devem estar presentes na prática pedagógica do Ensino Fundamental.

Diante desses fatos, surgem os questionamentos: de que forma as escolhas léxico-gramaticais utilizadas pelos estudantes relacionam-se com o contexto sociocultural? De que forma as experiências dos estudantes são representadas em diferentes gêneros de família ‘estória’? De que forma um Ciclo de Ensino-Aprendizagem promove o aprendizado do gênero ‘estória’ levando em consideração o contexto social e as escolhas léxico-gramaticais de transitividade?

A intenção deste trabalho é desvelar estas inquietações, vislumbrando um ensino que viabilize o contexto, no qual os discentes estão inseridos. A pretensão é investigar como os estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental representam a cultura do município através do gênero ‘estória’. Mais especificamente, pretende-se compreender que relação assume as escolhas léxico-gramaticais selecionadas pelos discentes com o contexto cultural e como essas escolhas refletem nos gêneros produzidos. Para compor o *corpus* deste trabalho, analisaram-se as histórias produzidas por discentes de escola pública durante a aplicabilidade do ciclo de ensino-aprendizagem. Essas histórias foram produzidas tomando como base dois momentos: uma visita ao museu do município (memória local) e o depoimento de um morador (memória discursiva). A Memória Discursiva por contribuir para a compreensão das memórias como forma de transformação social e a Memória Local por ser um meio de conhecer mais sobre a história do município, de modo a valorizar a identidade local e praticar a cidadania.

Portanto, busca-se demonstrar a relevância do tratamento do uso do gênero textual no âmbito da sala de aula, considerando o contexto social dos educandos. Enfim, esta pesquisa traz uma contribuição dada pela Linguística Sistêmico-Funcional para o ensino de Língua Portuguesa, especificamente, para a produção de textos na escola, uma vez que esta teoria de linguagem se preocupa com a língua e linguagem em seus diferentes contextos de usos o que é de grande relevância para estudos posteriores por ver a língua enquanto uso. É recente o debate sobre as possibilidades e o desejo de uma educação que considere em todas as suas implicações a diversidade cultural.

A vida em sociedade requer dos sujeitos o domínio da escrita para que possa ler e produzir textos nas diversas situações de comunicação, o que requer autonomia de leitura nos diversos campos, suportes e preparo para produzir textos em diferentes modalidades e adequados aos propósitos e às situações de comunicação em que os sujeitos se inserem.

Pretende-se com esta pesquisa encontrar contribuições capazes de envolver os educandos em ações pedagógicas ancoradas em um ensino de gramática significativo para os estudantes a partir de uma abordagem didática, dentro da perspectiva da sistêmico e embasada no Ciclo de Ensino-Aprendizagem.

Os próprios PCN fazem referência ao trabalho com gênero e destacam a necessidade de contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e a produção escrita de textos, que são capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino (BRASIL, 1998, p. 23-24), mas nos depoimentos de muitos professores ainda há um grande distanciamento dessa prática.

- ✓ Será que o ensino do texto escrito na escola se distancia de uma proposta didática centrada na língua em uso e no estudo do gênero textual?
- ✓ Será que o texto do estudante retrata o contexto social e cultural em que está inserido?
- ✓ De que forma as escolhas léxico-gramaticais utilizadas pelos estudantes relacionam-se com o contexto social?
- ✓ De que forma as experiências dos estudantes são representadas em diferentes gêneros da família ‘estória’?
- ✓ De que forma um Ciclo de Ensino-Aprendizagem promove o aprendizado do gênero ‘estória’, levando em consideração o contexto social e as escolhas léxico-gramaticais de transitividade?

Nos debates realizados em sala de aula, nota-se que grande parte dos professores enfatiza que o ensino de gêneros escritos nas escolas é pouco priorizado e quando é solicitado não faz sentido para o estudante por estar distante do seu contexto sociocultural. Além disso, o aluno escreve apenas para o professor, o que para ele não apresenta significado, escreve para que haja a correção dos desvios ortográficos, sem reflexão e sem revisão do que precisa ser lapidado. O significado dado pelos estudantes a partir das escolhas léxico-gramaticais é desconsiderado e, conseqüentemente, um trabalho sistemático com gêneros também.

Quanto à estruturação desta pesquisa, organiza-se em cinco capítulos, o primeiro é constituído por esta introdução. O segundo destaca os pressupostos teóricos que a fundamentam, evidenciando o Ensino de Gramática, a partir dos estudos de Travaglia (2001); Crystal (2000); Vieira e Brandão (2014); Antunes (2014), entre outros, a Linguística

Sistêmico-Funcional, bem como, princípios básicos dessa teoria, orientações conceituais e metodológicas embasadas nos estudos de Halliday (2014); Halliday e Matthiessen (2004), especificamente o sistema de Transitividade, Fuzer e Cabral (2010); Halliday (2014); Fairclough (2001), concepções de gênero textual sob as perspectivas da Escola de Sydney, Bunzen (2004); Vian Jr., Lima Lopes (2005), da Escola Norte-Americana, Soares (2009); Bazerman (2005) e da Escola de Genebra (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004); Memória, Pêcheux (2010); além das contribuições com ênfase nos gêneros de família "estória", Martin e Rose (2008); Rose e Martin (2012); por fim, a caracterização do Ciclo de Ensino-Aprendizagem com base nos apontamentos de Rothery (1994); Rose e Martin (2012).

No terceiro capítulo, abordam-se os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, segundo Halliday (2014), na área da Sistêmico-Funcional e quali quantitativo (OLIVEIRA, 2011). Expõem-se as características do *corpus*, descrevendo a natureza dos dados da pesquisa, bem como, os procedimentos utilizados para a análise.

Ainda, no terceiro capítulo, apresenta-se uma proposta didática de intervenção baseada no Ciclo de Ensino-Aprendizagem, de Rothery (1994) ampliado por Rose e Martin (2012), levando em consideração o contexto sociocultural, leitura e produção de texto, revisão e publicação.

No quarto capítulo, resumem-se os resultados obtidos a partir da análise e discussão dos dados da pesquisa, destacando as atividades desenvolvidas durante o ciclo de ensino-aprendizagem e os tipos de processos e participantes presentes nas produções dos escolares. Para tanto, analisou-se as escolhas léxico-gramaticais das estórias que compõem o *corpus*, de acordo com Halliday (2014); Fuzer e Cabral (2010). Consequente, descrevem-se, a partir do sistema de transitividade, os processos mais recorrentes nos textos analisados e suas implicações na construção das estórias e na representatividade que os discentes fazem sobre a cultura local.

Por fim, no quinto capítulo, conclui-se com as considerações finais referentes aos resultados obtidos no decorrer das análises realizadas.

2. GRAMÁTICA, CONTEXTO, LÍNGUA EM USO E ENSINO

Neste capítulo, aborda-se a importância de um ensino de gramática contextualizado à vivência dos estudantes a partir de teorias com enfoque na gramática, no gênero textual e na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), teoria de base para esta pesquisa, a qual está fundamentada: a) contexto de situação e de cultura; b) linguagem enquanto objeto de interação; c) linguagem e concepção de sentidos.

2.1 Gramática: conceitos, história e influência na educação

O conceito de gramática será apresentado a partir de três concepções diferentes, tomando como base os teóricos: Travaglia (2001), Crystal (2000) e Perini (2000). A primeira enquadra a gramática em um compêndio de normas para falar e escrever corretamente, “um manual com regras de bom uso da língua” (TRAVAGLIA, 2001). Nessa perspectiva, a única variedade considerada é a norma padrão, as demais além de serem desconsideradas são vistas como desvios da língua. No entanto, é a mais conhecida e adotada pela maioria dos autores de gramática, de livros didáticos em língua portuguesa e, conseqüentemente, estudada pelos estudantes do Ensino Fundamental e Médio. Essa preferência resulta de uma preocupação das normas de bem falar e escrever, prescrevendo o que se deve e o que não se deve usar na língua, considerando apenas uma variedade da língua como válida para ser representada (TRAVAGLIA, 2001, p. 30).

A segunda concepção preocupa-se em descrever a estrutura e o funcionamento da língua. Diferentemente da anterior, não há certo ou errado, pois as variantes são consideradas como gramatical por estarem em consonância com as regras de funcionamento da língua. A gramática descritiva adota uma postura estreitamente excludente, a qual descreve uma língua da maneira que é encontrada em amostras de fala e de escrita. Na tradição mais antiga, a abordagem “descritiva” se opunha à abordagem prescritiva de alguns gramáticos, que tentavam estabelecer regras para o uso social ou estilisticamente correto da língua (CRYSTAL, 2000, p.129).

A terceira concepção corresponde à gramática internalizada, reconhecendo-a como um conjunto de regras que o falante de fato aprendeu e das quais lança mão ao falar (TRAVAGLIA, 2001, p. 28). Assim, estuda a estrutura e o funcionamento da língua, bem como, as regras que definem as possíveis combinações dos elementos lexicais de uma língua, sua interpretação semântica e sua pronúncia (PERINI, 2000, p. 89).

Com relação ao histórico da gramática sabe-se que surgiu por volta do século V a. C. na Grécia como um apêndice da lógica. A primeira gramática de que se tem registro histórico é a de Pãini para o sânscrito. No entanto, acredita-se que o estudo formal da gramática tenha dado início a partir dos gregos, responsáveis por descobrir a estrutura da língua. Com o advento do Império Romano, os romanos receberam essa tradição dos gregos, e traduziram para o latim os nomes dos pares da oração e os acidentes gramaticais.

Entretanto, a partir do século XIX, surgiu a gramática comparativa com enfoque na Linguística e uma obra escrita por Dionísio, o Trácio, intitulada “Arte da Gramática”, a qual foi utilizada como base para as gramáticas grega, latina e também de outras línguas europeias que se estenderam até o Renascimento.

Em meados do século XX, Noam Chomsky concebeu a teoria da "gramática universal", baseada em princípios comuns a todas as línguas. Nos séculos XIX e XX, estabeleceram-se as bases científicas da Semiótica, como "sistema de signos", a conectar várias ou todas as áreas do conhecimento. Em língua portuguesa, a primeira gramática conhecida é da autoria de Fernão de Oliveira, publicada em Lisboa, em 1536, intitulada “Gramática da linguagem portuguesa”.

Depreende-se que o ensino de língua ainda tem mantido a marca indelével que o configura como ensino da gramática normativa/ prescritiva, responsável pelo funcionamento da norma padrão. Desta forma, observa-se que a função da gramática desenvolvida nas escolas continua a desempenhar o mesmo papel que lhe fora atribuído quando surgiu, o de ensinar a língua de acordo com o que prescreve as gramáticas normativas.

A gramática é compreendida como uma estrutura em constante adaptação, sendo vista como representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua, a qual pode ser afetada pelo uso linguístico. Por isso, pode-se dizer que a gramática é um conjunto de

escolhas formuladas pelo falante da língua, a qual deve retratar o dinamismo da língua. Na visão de Halliday (1985, p. 9): Gramática vai além de regras formais de correção. Ela é um meio de representar padrões da experiência. Ela possibilita aos seres humanos construir uma imagem mental da realidade, a fim de dar sentido às experiências que acontecem ao seu redor e dentro deles.

“O estudo da gramática implica a consideração do discurso como dado primário e a estrutura da gramática torna-se indissociável da estrutura do discurso. Parte-se, assim, do pressuposto de que gramática e interação social se complementam: a gramática é um recurso responsável pela interação, uma vez que é no processo de interação social que se dá a aquisição, a manutenção e a mudança da linguagem” (SCHLEE et al., 2012).

Entretanto, precisa-se estudar a língua enquanto produto da história marcada pelos usos e pelos espaços sociais destes usos. Como afirma Geraldi (1999, p. 28), “a língua nunca pode ser estudada ou ensinada, como um produto acabado, pronto, fechado em si mesmo”. Por isso, a escola precisa compreender tudo isso, para que o ensino de gramática não seja apenas algo mecanizado, mas significativo.

2.1.1 Ensino de gramática: o que é e como se faz?

Muitos são os questionamentos acerca do ensino de gramática nas escolas, a qual deve ser ensinada de forma a propiciar condições necessárias aos estudantes para que possam usá-la de acordo com a situação vivenciada. Consciente dessa realidade, o professor deverá dedicar-se para que garanta um ensino significativo ao aluno, pois o ensino de gramática atua como um auxílio ao falante para que tenha conhecimento de sua língua materna, além de possibilitar características essenciais que pertencem à sua cultura, acreditando que o estudante é capaz de aprender e compreender a gramática.

Todavia, ao que parece, o estudante somente interioriza o conhecimento da estrutura gramatical se ela for contextualizada em situações ou contextos comunicativos, pois o ensino de gramática deve ser percebido e estudado quanto a sua aplicabilidade à vivência do aprendiz. Portanto, para que haja um ensino de qualidade, faz-se necessário que o estudo da gramática vá de encontro à vida do estudante.

O ensino de gramática nas escolas deve partir da gramática internalizada que o indivíduo traz consigo, no uso, assim haverá um ensino mais significativo. Como afirmam Vieira e Brandão (2014), é importante que o educador possibilite ao aprendiz reflexões sobre a própria língua, para que possa fazer uso dos diversos recursos por ela disponibilizados, de forma a ampliar e desenvolver a sua competência comunicativa, fazendo-se compreender melhor no meio social e sendo capaz de analisar o funcionamento desta língua.

Pensando desta forma, o ensino seria mais centrado no aluno, cabendo ao professor contextualizar a gramática com a vivência desse indivíduo, tomando-a como um ponto de partida que deve ser complementado, pois o estudo da gramática “possibilita o desenvolvimento do raciocínio científico sobre a linguagem, no sentido de que aguça a observação, propicia a formulação de hipóteses e estimula a produção (e não mera recepção) de conhecimento” (VIEIRA e BRANDÃO, 2014, p. 92).

A escola precisa superar o desafio de articular o conhecimento gramatical ao ensino de língua, pois há a necessidade de aprimorar a capacidade tanto de ler quanto de produzir textos que tem sido com o passar dos tempos ainda mais exigidos pela sociedade. Há uma preocupação de articular esse conhecimento com a gramática de forma a colocá-la em prática.

Ao invés de ensinar apenas à metalinguagem, muitas vezes com um fim em si mesma, as escolas precisam ensinar estratégias específicas de produção de sentido que poderão estar presentes nos variados gêneros textuais, pois o ensino da gramática é plural, logo sua abordagem e metodologia nunca serão únicas por estarem relacionadas aos aspectos sociais, educacional, políticos, entre outros.

O ensino de gramática, na escola, deve propiciar atividades que envolvam os discentes e permitam se prepararem para a vida em sociedade abrangendo a cultura e o modo de ver o mundo, pois quanto mais domínios tiverem melhor será para eles se movimentarem dentro da sociedade e isso implicará em melhorias na qualidade de vida. Para Travaglia (2004), a gramática precisa ser compreendida como um conjunto de conhecimentos linguísticos que devem ser utilizados a partir das variadas situações de interação, pois é a partir dessas interações que o sujeito faz uso da língua internalizada e, conseqüentemente, da gramática e dos demais recursos linguísticos que lhe são acessíveis. Assim, a qualidade de vida também diz respeito à gramática, pois o desempenho linguístico está estreitamente ligado a ela.

Diante disso, percebe-se que um ensino nessa perspectiva possibilita ao indivíduo melhor compreensão acerca da língua, atribuindo-a significados e utilizando-a para a consecução de seus objetivos. Desta forma, o ensino de gramática desenvolverá a competência comunicativa do falante para que faça uso da língua de forma adequada à situação comunicativa, a qual deve ser vista como uma gama de recursos linguísticos à disposição do falante, sendo um verdadeiro estudo de significação. É preciso trabalhar com as possibilidades significativas dos recursos linguísticos e com sua condição de uso que inclui não apenas a produção, mas também a compreensão dos textos e a maneira de como interagimos comunicacionalmente, pois as pessoas comunicam-se por meio de textos, logo tudo que está escrito é gramática e texto.

Portanto, pode-se dizer que o que é gramatical é textual e vice-versa. Logo, as aulas não devem ser divididas em aulas de gramática, aulas de Português, aulas de redação e aulas de leitura, pois devem estar concatenadas. Para Travaglia (2004), estudar os aspectos gramaticais de uma língua é estudar os recursos que ela dispõe para que o falante produza seus textos com os efeitos de sentido necessários de forma a fazê-los percebidos pelo ouvinte.

Desta forma, acredita-se que, trabalhar essas duas partes concomitantemente facilitará a aprendizagem dos discentes que deverão compreender que o texto é a aplicação da gramática da língua. Logo, não se deve esquecer que ela produz os efeitos de sentido no texto, propicia a comunicação e afeta a produção de sentidos a partir de textos da língua. Um ensino com esse viés tende a preparar o estudante para a vida e quanto mais ele fizer uso dos recursos da língua melhor será para a mobilidade tanto dentro da sociedade quanto da cultura na qual a língua está vinculada.

Gramática e língua estão imbricadas a ponto que “não se pode usar uma língua sem usar sua gramática, sem o conhecimento e uso (automático) dessa gramática” (TRAVAGLIA, 2004, p. 79). Este conhecimento implícito está presente na mente dos falantes. Por isso, as atividades de ensino de gramática levam os alunos a raciocinar, a pensar e, conseqüentemente, a produzir efeitos de sentidos em situações práticas e concretas ocorrentes na interação comunicativa.

A gramática tem sido um ponto de partida para que ocorra a exploração da organização semântica, conhecê-la implica em compreender e analisar a maneira como as

palavras são selecionadas e organizadas dentro do texto e como essas palavras produzem significados. Logo, um estudo voltado à teoria da sistêmica-funcional permite interpretar esses significados e ainda de acordo com Fuzer e Cabral (2010, *apud* DROGA & HUMPHREY, 2003), uma abordagem sistêmico-funcional possibilita investigar como a experiência é construída em termos semânticos e como essa experiência manifesta-se nos diferentes estratos da língua. Desta forma, pode-se dizer que a gramática propicia espaço para testar uma teoria, pois nela há grandes fatos da linguagem além de ser um dos componentes que constitui uma língua, conforme aponta Antunes:

[...] não existe uma gramática fora da língua. É na interação, é no cruzamento de todas as nossas ações verbais que a gramática se vai internalizando e se consolidando, a ponto de se estabelecer como algo constitutivo do saber linguístico de todo o falante. (ANTUNES, 2014, p. 25).

Por isso, além dela ser responsável pela construção dos sentidos do texto e contribuir para a expressão desses sentidos e das intenções pretendidas a partir do texto, ela faz parte da formação dos estudantes tornando-se cada vez mais indispensável à formação do cidadão, pois o ensino de gramática busca desenvolver as habilidades de raciocínio e de observação, sendo bastante importante para a aprendizagem. A gramática não deve ser vista como um objeto isolado da realidade, mas como parte da cultura de um povo, bem como, da realidade social desses falantes de forma a ampliar significativamente sua competência comunicativa e propiciar a elaboração de textos.

Mas, para que isso ocorra, faz-se necessário que a classe docente tenha clareza das concepções de linguagem relacionadas ao ensino gramatical, pois é a forma como ele concebe a linguagem que vai determinar sua forma de trabalhar. O estudo da gramática de uma língua é parte integrante da formação comunicativa e do crescimento científico do estudante. Por isso, a escola tem o dever de ensinar gramática e oferecer condições ao aluno para que adquira competência para utilizá-la de acordo com a situação. Bagno (2000) destaca a importância de o discente produzir o seu próprio conhecimento linguístico e observar a gramática em sua eficácia contra qualquer reprodução irrefletida e acrítica correspondente à gramática normativa.

Diante dessa concepção, é possível perceber que a gramática não é a única que atua como fonte para o ensino de línguas, mas é um importante contribuinte que leva o estudante a construir o seu próprio conhecimento linguístico e o auxilia no conhecimento de sua própria língua materna, possibilitando-lhe características essenciais pertencentes à sua cultura.

O ensino de gramática permite que o indivíduo, além de estar consciente do que possa fazer, utilize suas habilidades de forma precisa usando a fala com maior eficácia, sendo de grande importância para o desenvolvimento mental do falante, o qual é importante tanto na escrita quanto na fala, até porque em uma sociedade contemporânea, a aprendizagem é medida por meio de uma gramática contextualizada que depende das regras da gramática normativa. O que falta nesse ensino é a aplicabilidade, para que seja considerado como um recurso que não pode desvincular-se do ser humano, devendo fazer parte de sua vida a ponto que seus usos se adequem as suas necessidades de aprendizagem, permitindo percebê-lo como ferramenta condizente com a sua realidade.

O estudo da gramática é importante e deve ocorrer, pois, o discente conhecendo as estruturas da língua irá utilizá-la de maneira mais consciente. Entretanto, esse estudo deve proporcionar aos estudantes o conhecimento das diferentes formas de comunicação, para que no fim do processo os mesmos sejam capazes de optar pela linguagem que mais se adapta a situação vivenciada, possibilitando-lhes discernir o mais adequado a cada situação.

O ensino da gramática não consiste no ensino apenas das estruturas da língua isoladamente como vem ocorrendo, sem nexos algum para os alunos. Pelo contrário, esse ensino deve ocorrer de forma contextualizada, uma vez que língua e gramática estão intimamente ligadas a ponto que uma complementa a outra. Apesar desta visão não ser adotada em muitas salas de aula. Como alerta Neves (2002, p.238):

É preocupante verificar que os professores contemplam a gramática, especialmente como atividade de exercitação da metalinguagem [...] consideram que ela seja uma disciplina normativa. Despreza-se quase totalmente a atividade de reflexão e operação sobre a linguagem, do que resulta uma organização dos trabalhos em compartimentos totalmente apartados: de um lado, redação e leitura com interpretação (estruturação/representações/comunicação de experiências, mais interpretação de experiências comunicadas), e de outro, gramática (conhecimento do quadro de entidades da língua, e, também, alguns conhecimentos do que se considera bom uso da língua).

A compreensão da gramática é necessária à vida do estudante e o seu ensino precisa ser significativo e compreensível para que entenda a sua verdadeira função. Mas

acontece que o estudo de gramática de língua portuguesa nas escolas vem sendo cada vez mais preocupante. Isso se deve ao fato de que, nas escolas, professores continuam adotando a gramática normativa, privilegiando o ensino prescritivo da língua e desconsiderando formas que propiciam o ato comunicativo. Os métodos utilizados em sala de aula devem ser revistos, é preciso que haja inovação e que esta possa trazer outras formas como: uma aula interativa, produtiva e contextualizada levando-se em consideração o conhecimento que o aluno já tem. Assim haverá um ensino harmonioso em que ditar apenas regras torna-se desnecessário, pois, o que importa é a aplicabilidade de métodos dinâmicos que propiciem uma aula interativa.

É preciso entender que a gramática é, sem dúvida, importante para a compreensão dos alunos acerca da construção de um texto, estruturas e regras gramaticais que devem ser levadas em consideração no momento da produção textual. Uma gramática funcional é uma série de recursos que servem para descrever, interpretar e fazer significados.

Através das trocas linguísticas cotidianas entre os usuários da língua a gramática vai se consolidando, “vai funcionando como “norma”, quer dizer, como uso regular, habitual, costumeiro” (ANTUNES, 2014, p. 25). Tais regularidades estão imbricadas as ações dos falantes, as quais surgem de acordo com as suas necessidades comunicativas e podem passar pelo processo de gramaticalização, o que implicaria dizer, por exemplo, que um verbo pode cair em desuso, mudar de categoria ou até mesmo de função sintática, processo este que está intrinsecamente ligado às interações conversacionais.

A gramática é irremediavelmente contextualizada e compreende que os elementos gramaticais, lexicais e textuais devem tecer os sentidos expressos a serviço das interações manifestas durante o evento verbal, tornando-o bem-sucedido.

O ensino da gramática contextualizada requer descrições dos usos reais da língua, a qual contribui para a expressão dos sentidos e das intenções pretendidas em um texto, por isso não se pode dissociá-la da língua, uma vez que isolando a gramática da língua isola-se a gramática do uso. Portanto, não há língua sem discurso, da mesma forma que não há discurso sem gramática, e conseqüentemente, não há gramática sem língua e sem discurso (ANTUNES, 2014, p.115-116). A gramática de uma língua é representada sob a forma de redes de sistemas, logo não deve ser vista como um inventário das estruturas, mas enquanto a sua funcionalidade como é representada pela sistêmico-funcional.

2.2 Linguística Sistêmico-Funcional

A Linguística Sistêmico-Funcional, doravante LSF, é vista como uma teoria social que se preocupa com os usos da língua, reconhecendo-a como viva, a qual tende a sofrer influências das diferentes situações por apresentar uma variedade de significados que está à disposição dos falantes. É a partir dessa variedade que as relações podem ser estabelecidas de maneira a representar o mundo e satisfazer determinadas necessidades em contextos sociais específicos.

A LSF é uma teoria que, segundo Bárbara (2010), tem capacidade de analisar qualquer fenômeno comunicativo, logo, a língua é um sistema semiótico social que estuda a linguagem em uso e em diversas áreas, de forma, a identificar as estruturas linguísticas específicas que corroboram para o significado de um texto.

Esta teoria é apresentável em amplo desenvolvimento na multimodalidade e é amplamente aplicada na Linguística e na Educação por ter uma visão peculiar da linguagem, ou seja, estuda a língua em seus diferentes usos. A língua é vista como redes de sistemas que estão interligadas de forma a construir significados e mostrar por que um texto significa o que significa. Sendo assim, faz-se uso do sistema linguístico de acordo com as necessidades de convivência em sociedade, o que a torna funcional, pois dentre as possibilidades disponibilizadas pelo sistema linguístico é possível fazer uma série de escolhas àquelas que são necessárias à construção de um texto.

Diante disso, faz-se importante tomar consciência das escolhas feitas a partir dos significados que as palavras assumem dentro do texto, para que o propósito comunicativo naquele contexto específico seja alcançado.

A Linguística Sistêmico-Funcional tem como base o social que estuda a linguagem a partir do seu contexto de uso e visa mostrar como e por que o texto transmite significado, compreendendo que na relação entre texto e contexto desenvolve-se a experiência humana. A gramática é essencialmente necessária para o entendimento do sentido do texto, pois a produção de sentido parte das escolhas feitas pelos falantes em meio a tantas possibilidades oferecidas com um propósito comunicativo direcionado a um contexto particular que advém

do contexto de situações de fala/escrita. Assim, a LSF estuda as maneiras de produção de linguagem nos diferentes contextos, dentre os aspectos de interação e comunicação.

A LSF estuda a língua considerando as diferentes funções sociais que ela exerce, onde cada indivíduo realiza e constrói significados a partir das funções e relações disponíveis nos sistemas. Para Halliday (2014), a língua tem três funções, as quais mostram as finalidades e os propósitos comunicativos, são elas: **função ideacional** – representa as experiências do mundo interior e exterior, através dela é possível especificar os papéis dos participantes na oração e codificar a representação do mundo; **função interpessoal** – é a expressão das interações sociais, a qual se realiza no sistema do modo, de forma a especificar a relação existente entre o sujeito e o predicador, como meio de codificar a relação de troca existente entre falantes; e a **função textual** – consiste na expressão da estrutura e formato do texto, a qual se realiza no sistema da informação, de maneira a especificar as relações entre enunciação e situação.

Cada metafunção realiza-se num sistema. As metafunções relacionam-se diretamente com a léxico-gramática de uma língua, a qual é usada pelos usuários para diferentes propósitos sociais, fazendo determinadas escolhas que são entendidas por meio das metafunções.

A linguagem, para a sistêmico, é um recurso utilizado no âmbito social capaz de possibilitar ao indivíduo papéis sociais a serem desempenhados, a qual tem como base a gramática caracterizada pela organização em estratos e pela diversidade funcional. A linguística sistêmico-funcional por ser sociossemiótica prioriza a relação léxico-gramatical que se relaciona com a semântica e com o discurso a partir dos usos linguísticos ocorrentes no contexto social.

A preocupação da Linguística Sistêmico-Funcional é com a descrição e, também, com a interpretação da linguagem que está relacionada à teoria da descrição gramatical e ao modelo de análise textual. Esta teoria defende a ideia de que os sistemas linguísticos são abertos à vida social e estuda os fatos da linguagem, pois a língua é viva e deve ser vista como um conjunto dotado de significados que permite uma análise detalhada e sistemática dos padrões linguísticos.

A premissa essencial dessa teoria é que a linguagem é funcional, porque estuda a língua em uso, e é semântica, porque está preocupada com o significado. Por isso, ela explica

o conceito do significado como sendo produto do impacto da experiência do mundo externo (HALLIDAY, 2014). Assim, a forma de organização da experiência tem relação com a maneira com que o falante vê o mundo, tendo foco nas relações sociais.

Contudo, estas relações são complementares, uma vez que, o significado da língua constitui-se a partir do conjunto de todas as opções paradigmáticas que compõem as redes de sistemas (fonológico, gramatical e semântico) da linguagem. De acordo com os teóricos da sistêmico (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004), a primeira perspectiva é direcionada à instância, visto que o objetivo é estabelecer relações de equivalência entre textos. Já a segunda perspectiva é sistêmica, pois para entender o porquê da relação de equivalência é necessário descrever o porquê os textos significam o que significam.

A linguagem não é arbitrária, ela evolui para satisfazer as necessidades humanas, sendo motivada pelo social, logo, diferentes escolhas linguísticas regem a elaboração de um texto. Através do uso da língua, entre os falantes, são revelados os diferentes tipos de processos que se relacionam estreitamente com os diferentes participantes de um diálogo considerando o teor interativo que compõe o texto. As escolhas que são feitas, a partir de uma gama de opções em cada contexto, refletem na maneira de construir um significado para o leitor, as quais são utilizadas tanto em textos falados quanto em escritos em qualquer situação de uso da linguagem.

Portanto, uma análise com base nessa teoria de ensino permite deslindar o que está oculto em cada entrelinha do texto. Sendo assim, “o texto na Linguística Sistêmico–Funcional é definido como qualquer exemplo de língua viva que toma parte de um contexto de situação.” (HALLIDAY e HASAN, 1989, p. 10).

Os textos, desta forma, apresentam influências do contexto em que foram produzidos e por meio da relação dialógica se dá forma a esse contexto. Sendo assim, as informações são expressas por meio da organização da ordem das palavras, a qual é um dado novo a ser acrescentado.

Nesse sentido, a sistêmico estuda a linguagem dentro de um contexto diferentemente da perspectiva tradicional que visa uma linguagem descontextualizada, o que descaracteriza a língua enquanto fator social, deixando a dinamicidade da linguagem de lado como se esta não

tivesse relação com os falantes. A língua evolui de acordo com as necessidades dos usuários e de acordo com as situações interativas.

A Linguística Sistêmico-Funcional, doravante LSF, contribui para que haja o entendimento acerca dos significados da língua expressos ou não pelos textos, além de possibilitar não apenas descrever gramaticalmente um texto, mas criar modos de analisá-lo, sendo possível descrever a forma como os elementos estão organizados e o porquê dessa organização que, de acordo com Gouveia:

Em concreto, trata-se de uma teoria de descrição gramatical, uma construção teórico-descritiva coerente que fornece descrições plausíveis sobre o como e o porquê de a língua variar em função de e em relação com grupos de falantes e contextos de uso. Mas, para além de ser uma teoria de descrição gramatical, razão pela qual adquire muitas vezes a designação mais restrita de Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), ela fornece também instrumentos de descrição, uma técnica e uma metalinguagem que são úteis para a análise de textos, pelo que, adicionalmente, pode ser encarada como um modelo de análise textual. (GOUVEIA, 2009, p.14).

Nesta visão, o texto seria uma composição de significados que se estruturam para se adequar aos seus objetivos e contextos, além de fazer uso da própria gramática e refletir acerca dos padrões semânticos. Os significados de um texto são remodelados de acordo com o contexto social, contexto cultural e contexto situacional, indicando quem falou, como e o que foi dito e, conseqüentemente, permite avaliar o sistema de transitividade e o componente ideacional. Logo, a transitividade dá conta de quem fez o quê a quem e em que circunstâncias, uma vez que, esse sistema possibilita avaliar os processos que representam as experiências.

A linguagem tem como função auxiliar os indivíduos quando forem se comunicar, sendo constituída de enunciados que são moldados a partir da necessidade dos textos, os quais podem apresentar três tipos de significados ao mesmo tempo; o primeiro é relativo à representação de experiência através da língua, o segundo as relações de poder e atitude em relação aos outros e o terceiro à organização do conteúdo da mensagem. Cada um desses significados faz menção às metafunções da linguagem teorizadas por Halliday (2014) e Halliday & Matthiessen (2004). Tais Metafunções serão detalhadas mais adiante, pois antes de especificá-las é importante que se compreenda a relação de texto e contexto; língua e linguagem dentro dessa teoria de ensino. A seguir, há uma explanação dessa relação a partir das perspectivas comunicativas interacionais.

2.2.1 Texto e Contexto

As pessoas se comunicam e interagem através de textos, sejam eles falados ou escritos, realizados de forma individual ou coletiva, ou realizado através de um processo contínuo de eleição semântica, pois essa é a essência de um texto, o qual representa um constructo de significados, onde falantes e ouvintes trocam esses significados a partir de um contexto de situação específico, afinal todo texto tem um propósito comunicativo que está estritamente ligado ao contexto de produção, de consumo e de circulação, e pode ser visto como um instrumento utilizado para atingir um fim que se realiza em orações.

Como afirma Halliday (2014, p. 128), o texto é “para o sistema semântico o que uma oração é para o sistema léxico-gramatical e uma sílaba para o sistema fonológico”. Portanto, o texto é dotado de significados e apresenta uma corrente contínua de seleções, assumindo relação com a situação o que constitui o registro, o qual se configura através dos significados.

Texto e contexto estão imbricados, a ponto que o texto reflete influências do contexto em que é produzido, logo “o contexto está no texto” (EGGINS, 2004). Desta forma, as dimensões contextuais influenciam o que é dito e como é dito, bem como, a intencionalidade e a forma como o texto foi construído, dentre outros aspectos capazes de direcionar o contexto de sua produção. Por isso, o contexto de situação é visto como o ambiente no qual o texto tem a sua funcionalidade. Noção utilizada para explicar o porquê algo é dito ou escrito em uma situação particular, bem como, por que coisas poderiam ser ditas e não foram. Pode-se dizer que diferentes leituras são possíveis devido ao contexto de situação em que esses enunciados foram produzidos, entretanto pode ser que este não seja suficiente, sendo necessário haver informações da história cultural dos interactantes e das práticas em que estão engajados. Desta forma, o contexto de situação e o de cultura associados são fundamentais à compreensão de um texto.

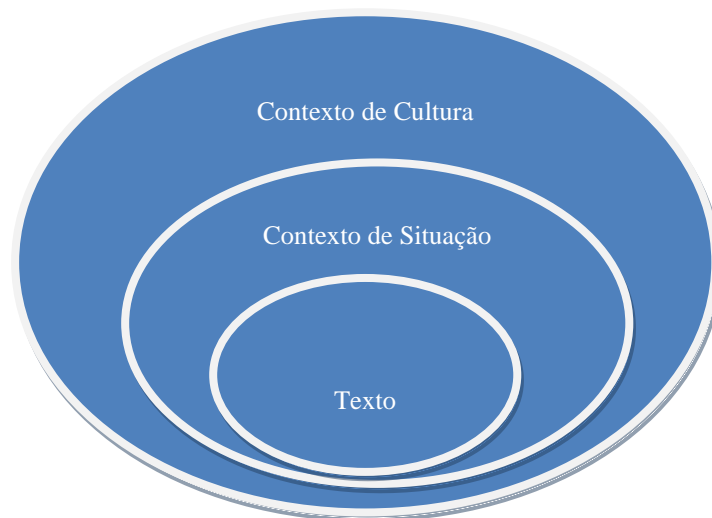
Segundo Fuzer e Cabral (2014, p. 26), “o contexto em que o texto se desenvolve está encapsulado no texto através de uma relação sistemática entre o meio social e a organização funcional da linguagem”. Por isso, o falante faz uso dos elementos linguísticos que dispõe e que são apropriados a cada situação comunicativa, a qual faz parte de um sistema de opções válidas por ser a própria gramática da língua. As seleções feitas pelo falante ou escritor não acontece *in vacuo*, mas no contexto de situação da fala (HALLIDAY, 2014).

O Contexto de Cultura diz respeito a um conhecimento de cultura e de sociedade que é intrínseco à vida social a ponto que o Contexto de Situação revela as características presentes em cada interação considerando os participantes de determinada situação.

Essas questões estão estreitamente ligadas ao entendimento de que a linguagem só apresenta sentido se interpretada no contexto onde foi produzida. Os estudos direcionados a esta perspectiva foram destacados por Malinowski, em 1923, que direciona os seus estudos para a necessidade de entender o contexto cultural no qual a língua é usada.

O texto insere-se tanto no Contexto de Cultura quanto no Contexto de Situação. A interpretação direcionada ao sistema semântico da língua corresponde ao contexto cultural ao passo que o contexto de situação envolve o sistema semântico particular ou ao conjunto de subsistemas, e até mesmo à noção de propósito social. Logo, o texto envolve esses dois contextos, como mostra a figura 01, abaixo:

Figura 01: Texto e Contexto de Situação e Cultura



(FUZER & CABRAL, 2010, p. 15).

O Contexto de Cultura engloba as diversas práticas institucionalizadas nos diferentes grupos sociais que fazem correspondência com o ambiente sociocultural abarcando os significados compartilhados por toda uma comunidade. E a linguagem é usada por um grupo de pessoas em contextos de usos específicos que envolvem as características metalinguísticas de um texto e atendem à intenção de produção que são próprias de cada texto. Isso implica dizer que, no contexto de cultura os significados podem ser partilhados não só por um grupo

de indivíduos, mas também por uma mesma sociedade. Enquanto que, o Contexto de Situação envolve aspecto que são peculiares às variações linguísticas, às características sociais que se fazem presentes em cada momento de interação, bem como, as adaptações feitas na linguagem que visam atender às diferentes esferas comunicativas a partir de um ambiente imediato ligado à funcionalidade do texto. Assim, diferentes leituras são possíveis tendo como base o contexto de situação dos enunciados, logo, cada situação vivida por cada falante varia e com isso a linguagem também tende a variar.

A adequação do discurso à linguagem é necessária, principalmente, quando direcionada a pessoas mais ou menos próximas. As diferentes situações exigem comportamentos distintos, posturas e escolhas léxico-gramaticais menos ou mais formais que devem adequar-se à pessoa do discurso, às situações e aos contextos em que estamos inseridos.

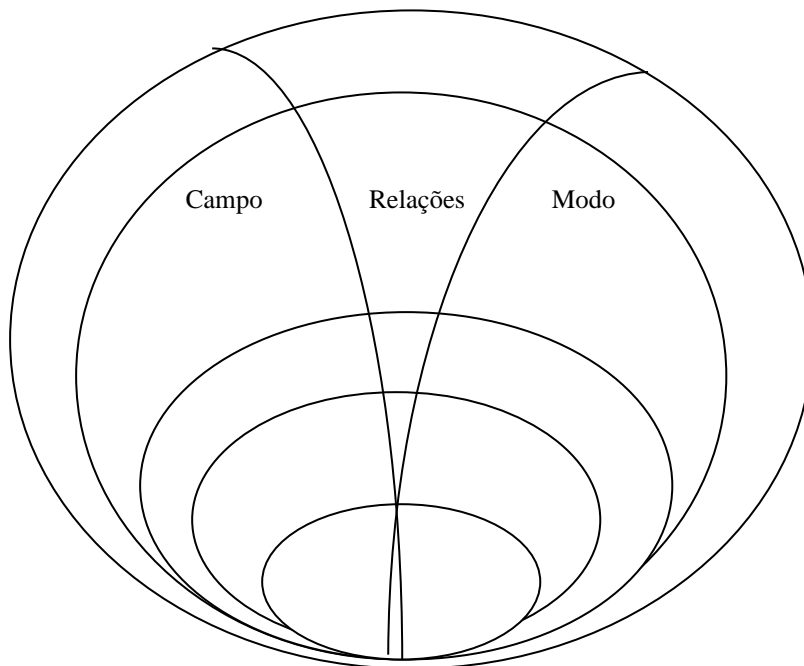
O Contexto de Situação, segundo Halliday e Hasan (1989, p.46), realiza-se pelo Registro, sendo definido como “[...] um reflexo dos contextos de situação em que se utiliza a linguagem, e dos modos em que um tipo de situação pode diferir de outro.” Desta forma, o contexto de situação realiza-se no Registro, na maneira de como as situações vividas por cada falante variam a partir de cada situação. A relação íntima entre texto e contexto é capaz de prever o que está por vir no texto. Assim, há três variáveis que apresentam consequências linguísticas completamente distintas: campo, relações e modo. Através dessas variáveis pode-se fazer “previsões sobre qualquer texto apropriado a um dado contexto” (MOTTA-ROTH e HERBELE, em MEURER, BONINI e MOTTA-ROTH, 2005. p. 17).

O **Campo** é a variável que tem como foco a atividade realizada pelos participantes, refere-se à ação social que está ocorrendo, dá conta do assunto a ser desenvolvido a partir das atividades desempenhadas pelo discurso com objetivo específico e remete à natureza da ação social, no qual os participantes encontram-se envolvidos.

A variável de **Relação** remete aos papéis sociais desempenhados pelos participantes, assim a relação entre eles depende da interação que influencia na maneira de empregar a linguagem, bem como, o grau de controle de um sobre o outro, a relação existente entre eles, seja hierárquica ou não e a distância social ou o grau de formalidade, a depender da interação.

A variável de **Modo** está voltada para o significado da experiência e, conseqüentemente, para a função que a linguagem exerce em determinada situação, logo, o papel da linguagem diz respeito ao envolvimento entre os participantes; seja dialógico ou monológico, ao canal gráfico ou verbal e ao meio que inclui o oral a partir do contato ou não do visual, do escrito e do não verbal; sendo o próprio veículo utilizado numa determinada situação ou, ainda, o que os participantes esperam que a linguagem faça por eles em determinada situação.

Figura 02: Variáveis do contexto de situação



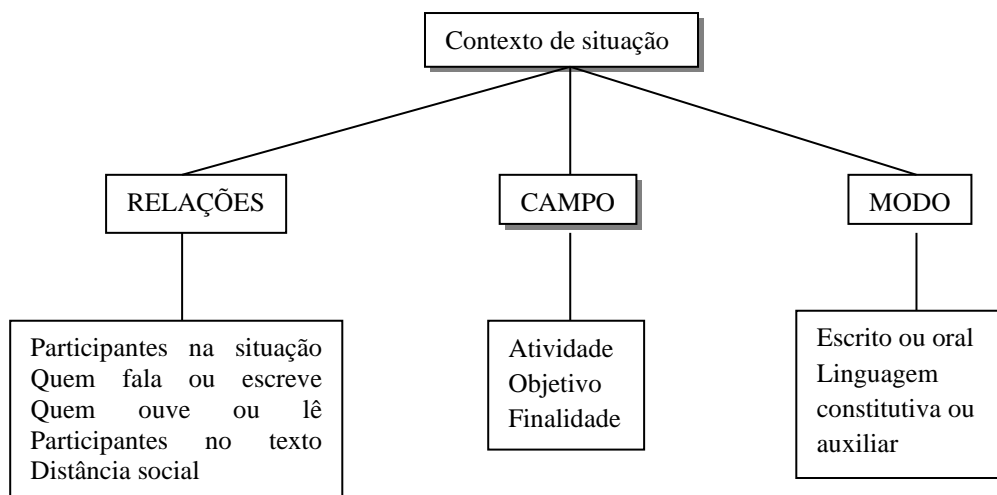
(FUZER & CABRAL, 2010, p. 18).

Os aspectos do contexto de situação são identificados a partir das estruturas léxico-gramaticais, as quais são específicas de determinados tipos de texto. Os três aspectos acima destacados, na figura 02, correspondem as metafunções, assim, a Metafunção Ideacional corresponde aos significados experienciais que são determinados e expressos pelo Campo, a ponto que a Relação busca determinar os significados interpessoais e fazem referência a Metafunção Interpessoal e o Modo corresponde ao papel da linguagem, aos significados textuais que estão relacionados à Metafunção Textual. Segundo Martin & Rose (2008), ainda com relação às variáveis, o campo corresponde a uma sequência de atividades, a qual envolve

peças, coisas, processos, lugares e qualidades. Esses elementos quando organizados permitem diferenciar um campo do outro.

As metafunções organizam-se em níveis que partem desde o mais básico ou até mesmo do mais concreto nível do significado que refletem claramente à realização fonológica, posteriormente, segue para uma camada mais abstrata até seguir para o nível da léxico-gramática e em seguida o da semântica e, por fim, atinge o contexto como nível mais abstrato. Assim, a gramática liga as seleções feitas por meio dos subsistemas da língua, sendo um instrumento linguístico. A figura 03, abaixo, mostra como ocorre a organização do contexto de situação.

Figura 03: Contexto de situação



(HALLIDA & HASAN, 1989)

Os usuários de uma língua apresentam um repertório linguístico que lhe é particular, para que interaja comunicacionalmente, dispondo de uma variedade de elementos semântico-linguísticos. Portanto, cada uma das três variáveis do contexto de situação, da figura 03, corresponde ao que acontece no nível linguístico. É por meio desse nível que a competência comunicativa da língua emerge e a linguagem cumpre o seu papel social, como pode ser visto a seguir.

2.2.2 Língua e Linguagem

Para a Linguística Sistêmico-Funcional a língua é um produto do contexto sociocultural, um sistema de significados que está associado a três metafunções (ideacional, interpessoal e textual), as quais ocorrem simultaneamente e indicam a forma de como a língua está estruturada para ser usada.

A língua é um sistema adaptativo complexo por apresentar uma estrutura fluida, tomando como base padrões mais ou menos regular e outros emergentes que estão à mercê das necessidades intercomunicativas. Por isso, a língua mantém-se estável em algumas funções a ponto que outras assumem novas. Na perspectiva hallidayana, a língua passa a ser vista como um sistema de construção de significados e não como um mero conjunto de regras.

Para o funcionalismo, a língua é um instrumento de interação social, por meio dela a competência comunicativa é estabelecida, a qual possui como função primária a comunicação o que implica reconhecer os seus elementos linguísticos de uso a partir do contexto em que ocorrem, sendo considerada a articulação discursiva fundamental. De acordo com Castilho (2012, p. 24), “postula-se que a língua exista não porque disponha de uma estrutura, mas sim que sua estrutura existe em vista da necessidade de cumprir certas funções”. Portanto, a língua constitui a cultura humana e através das estruturas linguísticas ela realiza seus significados.

A linguagem, de acordo com Cezário e Cunha (2013, p. 19), fundamenta-se em processos cognitivos, sociointeracionais e culturais, daí a necessidade de examiná-la no uso. A partir da linguagem o indivíduo pode compreender o mundo e nele agir, por isso, é a mais usual forma de encontro e desencontro, a qual não deve ser vista meramente como um repertório de palavras conhecidas, apenas um conjunto de regras, algo pronto e acabado que traduz os pensamentos, mas, do contrário, como um evento que tem sua existência real no momento da interação verbal.

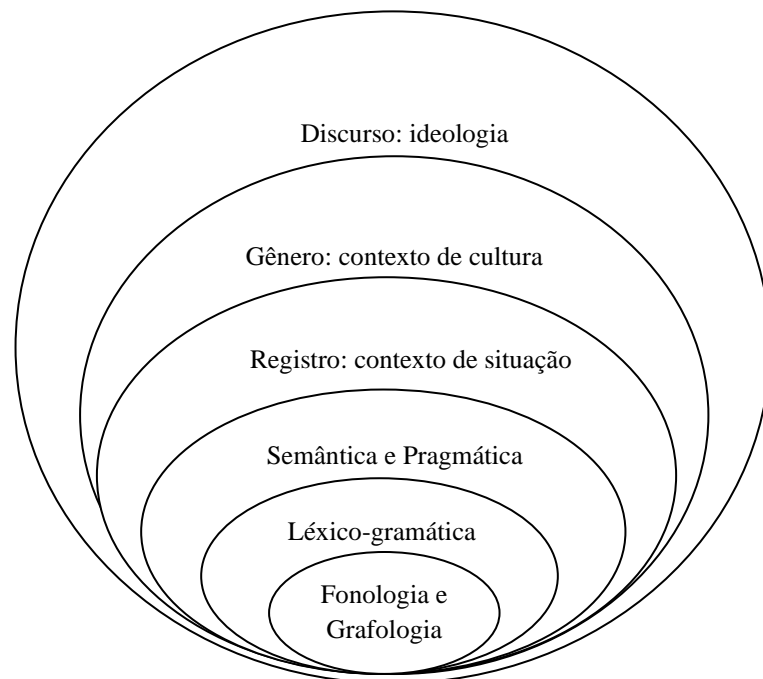
A linguagem é um fator social usado como instrumento de ação por meio do qual ocorre a interação com o mundo e com as pessoas que fazem parte do universo social. É por meio da linguagem que se pode compreender e aprender sobre a cultura de uma sociedade e, conseqüentemente, construir e representar as experiências de mundo.

De acordo com os princípios da LSF, a linguagem é um recurso utilizado para fazer e trocar significados através da qual o indivíduo desempenha papéis sociais. Logo, atua como

“um modo de agir, de dar e solicitar bens e serviços e informações” (FUZER e CABRAL, 2014, p. 21). Para tanto, baseia-se na gramática, mas esta caracterizada pelo seu funcionalismo e pela sua organização em estratos. É por meio da linguagem que o homem constrói sua experiência. Sendo esta usada como um instrumento de ação que tem sua materialização nas escolhas linguísticas feitas pelos falantes, cujas variáveis contextuais são consideradas responsáveis por condicionar a comunicação. Através da linguagem pode-se interagir com o outro, sendo a linguagem um caráter dinâmico que permite, durante o processo de interação, a construção e a reconstrução dos significados. Por isso, ela satisfaz as necessidades humanas a ponto que é organizada funcionalmente para que seja respeitada.

A linguagem é um sistema sociossemiótico (FUZER e CABRAL, 2014, p.25), dentro desse ambiente semiótico, apresenta incontáveis realizações que estão condicionadas a fatores extralinguísticos, os quais estão representados na figura 04, abaixo:

Figura 04: Estratificação dos planos comunicativos (linguístico e contextual)



(Adaptação de MARTIN (1992, p. 496) por MOTTA-ROTH (2006, p. 65)).

Qualquer uso linguístico que se constitua num texto está envolvido por um determinado contexto. O que é teorizado por Malinowski, em 1923, sendo fundamental para a LSF. Assim, o contexto está presente no texto através de uma relação sistemática ocorrente

entre o meio social e a própria organização funcional da linguagem, a qual é usada como instrumento de ação materializado durante as escolhas linguísticas feitas por cada falante, considerando as variáveis contextuais que condicionam a comunicação.

Para Halliday (2014), há cinco princípios que guiam as dimensões de organização que definem o sistema: a realização, a organização metafuncional, a organização paradigmática dos sistemas, a organização sintagmática das estruturas e a instanciação.

1. **Realização:** está relacionada à organização estratificada entre língua e contexto e entre os componentes semântico-discursivo, léxico-gramatical, fonológico e fonético da língua. Assim, a Fonética e a Fonologia correspondem aos estratos do nível da expressão e a léxico-gramática e a semântica aos estratos do conteúdo. Desta forma, pode-se dizer que o contexto cultural e o situacional são níveis externos ao sistema linguístico, enquanto que os outros níveis são internos, como podem ser vistos na representação da figura 04.

2. **Organização metafuncional da linguagem:** apresenta dois principais fatores que estão associados à hipótese metafuncional da organização do sistema linguístico que “prevê a dialética de construção e ativação existente entre os estratos do contexto e do conteúdo” (SEGUNDO, 2011), ao passo que o outro se volta para a noção de que a língua é constituída através de uma rede de recursos que viabiliza ação e reflexão.

3. **Organização paradigmática dos sistemas:** preocupa-se com a configuração da língua em sistemas de opções.

4. **Organização sintagmática das estruturas:** modela a língua em estruturas, sendo organizadas por meio de níveis.

5. **Instanciação:** corresponde ao caráter não dicotômico entre texto e sistema, entre instância e potencial.

Sendo assim, considerar esses princípios é poder explorar os potenciais dos recursos disponibilizados pela língua dentre cada metafunção da linguagem, de modo a identificar o seu significado funcional no contexto social.

2.3 Metafunções: princípios da LSF

As três metafunções da linguagem apresentam a oração como uma unidade gramatical plurifuncional, logo a oração é vista como uma composição em que os significados ideacional, interpessoal e textual estão elencados, ou seja, a oração ora é representação, ora interação ou mensagem. Assim, as três metafunções perpassam todas as instâncias de realização da linguagem e correspondem às manifestações que estão subjacentes a todos os usos da língua dentro do sistema linguístico. Cada uma delas relaciona-se a uma variável do contexto de situação, como pode ser visto no quadro 01, abaixo:

Quadro 01: Parâmetro metafuncional da linguagem: contexto, atividade e sistema.

Metafunção	Ideacional	Interpessoal	Textual
Parâmetro contextual	Campo: refere-se à natureza da ação social, ao conjunto de atividades orientadas, em geral, a objetivos institucionais globais.	Relações: concerne à natureza da relação social entre os participantes da interação em termos de papéis assumidos e de diferença de poder.	Modo: diz respeito à canalização da comunicação, ao suporte comunicativo e à sua influência na construção semiótica.
Atividade	Oração como representação (língua como reflexão).	Oração como negociação (língua como ação).	Oração como mensagem (criação da tessitura).
Principais sistemas (HASAN, 2009)	Transitividade, Referência, Expansão, Projeção, Tempo Secundário.	Modo, Modalidade, Tempo Primário, Avaliatividade, Envolvimento.	Tema, Informação, Foricidade, Voz, Conjunção.

(SEGUNDO, 2011)

As metafunções são as manifestações dos propósitos que estão subjacentes a todos os usos da língua. Assim, cada metafunção, presente no quadro 01, assume um foco de análise diferente, porque o sistema de realização léxico-gramatical se difere. Essa diferenciação pode ser conferida, na sequência, a partir da exposição de cada uma dessas metafunções.

2.4 Metafunção Ideacional: aspectos de transitividade

A representação do mundo interior do indivíduo e de sua própria consciência diz respeito à metafunção ideacional da linguagem. Segundo Fuzer e Cabral (2010), a experiência exterior está estreitamente relacionada às coisas que acontecem ou que acontecerão e é por meio dela que as lembranças, as reflexões e estados de espíritos constituem-se, sendo possível verificá-la no nível da consciência. O recurso ideacional proposto por Halliday (2014) relaciona-se com a maneira de como o indivíduo experiencia e representa o mundo que o cerca. Segundo Halliday (1985), a metafunção ideacional corresponde à dimensão da realidade presente em um texto. Por meio desta metafunção os falantes expressam suas percepções acerca do mundo e organizam na língua sua experiência dos fenômenos, do mundo real e do mundo interno.

A metafunção Ideacional compreende duas subfunções: a experiencial e a lógica. Sendo a primeira responsável pela construção de um modelo de representação do mundo, tendo como unidade de análise a oração. Enquanto que a outra é responsável pelas combinações de grupos lexicais e oracionais, apresentando o complexo oracional como unidade de análise.

O sistema gramatical onde as experiências se realizam é chamado de Transitividade. De acordo com Halliday (2014), a transitividade consiste numa realização da função ideacional da linguagem associada às ideias e às experiências. Assim, cada escolha linguística produzirá diferentes significados, uma vez que, a função ideacional permite que haja a construção da nossa experiência, seja ela do mundo interior ou do exterior, a qual é realizada a partir da utilização do sistema de transitividade.

A transitividade está relacionada à maneira de como um verbo se relaciona com os sintagmas nominais por meio de uma mesma oração. Desde a antiguidade havia uma preocupação com esta diferença por parte dos gramáticos, entretanto, apenas no século XX, percebeu-se a complexidade da transitividade (cf. TRASK, 2004), no entanto, tal complexidade ainda não é descrita pelas gramáticas normativas. Segundo Halliday (2014), a linguagem permite que seus usuários façam sentido da realidade, do que está ao redor e dentro de nós mesmos. A linguagem permite uma visão ampla da realidade, dotada de significados,

sendo vista pela Linguística Sistêmico–Funcional por meio de processos que englobam fazer, sentir, acontecer, significar, ser e comportar.

Para Fairclough (2001), a transitividade é um item fundamental, pois revela significados distintos por meio das escolhas feitas, além de permitir que conteúdos da experiência humana sejam codificados. A transitividade é a gramática da oração, a qual possibilita que uma gama particular de significados ideacionais ou cognitivos seja expressa. Sendo, desta forma, a base da organização semântica da experiência e denota, não somente a familiar oposição entre verbos transitivos e intransitivos, mas um conjunto de tipos oracionais com diferentes transitividades (cf. BEAUGRANDE, 1991).

No paradigma hallidayano, a língua é concebida enquanto potencial de significação. Assim, a transitividade está ligada e se relaciona com os sintagmas nominais. Entretanto, a mesma não é vista meramente como uma propriedade do verbo exposto na gramática normativa. Para Cunha e Cintra (2001, p. 135), “verbos significativos são aqueles que trazem uma ideia nova ao sujeito, sendo apresentados como intransitivos e transitivos”. As escolhas léxico-gramaticais feitas pelos usuários da língua estão associadas à metafunção ideacional, sendo esta composta por processos, participantes e circunstâncias, cuja oração é vista como representação. O sistema de transitividade é responsável pela materialização dos eventos ou dos acontecimentos evidenciados a partir dos processos (grupos verbais), adequando-os à realidade.

O sistema de transitividade é definido como um recurso gramatical que se constitui em um processo realizado como uma oração, o qual se configura como conjunto de processos, participantes e circunstâncias. O uso desse conjunto por parte do falante está no campo das escolhas feitas por ele. Assim, o sujeito faz uma escolha de forma consciente ou inconsciente, o que demonstra um caráter probabilístico com relação ao uso da linguagem, tratando de um estudo com aspecto contrativo, pois as escolhas realizadas no texto serão contratadas com outras possíveis buscando, desta forma, determinar as motivações do falante.

A transitividade é considerada um sistema por apresentar uma rede de escolhas a partir de um espaço semiótico contínuo capaz de possibilitar categorizações que se opõem entre si. Assim, podem-se apresentar análises diversificadas de um único texto, pois o verbo que outrora era apresentado por um determinado processo pode ser interpretado de outra maneira.

Segundo Thompson (2004, p. 88-89), “o termo transitividade sempre fora associado a uma forma de distinguir o verbo em relação ao seu objeto dentro da gramática tradicional.” Todavia, na perspectiva da LSF, esse sistema não se limita apenas ao verbo e ao seu complemento, pelo contrário analisa a oração como um todo. Logo, os elementos considerados são classificados como: processos, participantes e circunstâncias.

As circunstâncias indicam o tempo, o lugar, o modo, a causa, o âmbito em que a ação se desenrola, a partir delas os grupos adverbiais são materializados. Enquanto que, os participantes referem-se às entidades, sejam elas pessoas ou coisas, seres animados ou inanimados, equivalem aos grupos nominais, os quais levam a ocorrência do processo ou são afetados por ele.

O processo é representado pelos grupos verbais e atua como núcleo da oração numa perspectiva ideacional. Halliday & Matthiessen (2004), apresentam seis tipos de processos que compõem o sistema de transitividade para a língua inglesa: material, mental, relacional, verbal, comportamental e existencial. Sendo os três primeiros os principais e os três restantes estão alocados entre as fronteiras dos principais, ou seja, entre o processo material e mental, tem-se o comportamental, ao passo que entre o mental e o relacional, tem-se o verbal e, por fim, o processo existencial que fica entre o material e o relacional.

Os diferentes tipos de processos diferem as experiências que o indivíduo tem do mundo interno ou externo. Nesse sentido, os participantes também diferem o papel a ser desempenhado em cada experiência. É possível perceber essa diferença a partir do quadro 02, abaixo, da exposição de cada processo (grupos verbais) e dos exemplos extraídos do *corpus* ou apresentado segundo Fuzer e Cabral (2010).

Quadro 02: Tipos de processos e participantes

Tipos de processos	Significados da categoria	Participantes	Exemplos de verbos
Material Transformativo Criativo	Fazer Acontecer	Ator Meta Escopo Beneficiário Atributo	Comprar, vender, mexer, pintar, cortar, quebrar, riscar, limpar, sujar, bater, matar

Mental Perceptivo Cognitivo Emotivo Desiderativo	Perceber Pensar Sentir Desejar	Experienciador Fenômeno	Perceber, ver, ouvir, lembrar, esquecer, pensar, saber, gostar, odiar, amar, querer
Relacional Intensivo Possessivo Circunstancial	Caracterizar Identificar	Portador Atributo Identificado Identificador	Ser (otimista) Ser (o presidente) Estar (em paz) Ter (livros)
Comportamental	Comportar-se	Comportante Comportamento	Rir, chorar, dormir, cantar, dançar, bocejar
Verbal	Dizer	Dizente Verbiagem Receptor Alvo	Dizer, perguntar, responder, contar, relatar, explicar
Existencial	Existir	Existente	Haver, existir

(com base em HALLIDAY & MATHIESSEN, 2004)

2.4.1 Processos materiais:

De acordo com Eggins (2004, p. 215), “os processos materiais são aqueles que envolvem entidades que fazem alguma coisa, executam alguma ação, isto é, processos do fazer.” Desta forma, os processos materiais têm a incumbência de descrever alguma atividade e envolvem atores e participantes, tendo ator e meta como principais participantes, sendo o primeiro responsável pela ação e o segundo para quem a ação é executada. O ator é tipicamente o sujeito representado por um grupo nominal, enquanto a meta, pela gramática tradicional, é tratada como o objeto direto. No quadro 03, abaixo, pode ser visto um exemplo com esse tipo de participante.

Quadro 03: Processo material (ator e meta)

Ana Maria Pedrosa	(que) fez	a bandeira.
Ator	Processo material	Meta

(Exemplo extraído das estórias que compõem o corpus deste estudo)

No processo material também podemos ter outros participantes como: Escopo, Beneficiário e Atributo. Para Eggins (2004, p. 218), o Escopo “ou é uma reafirmação ou continuação do próprio processo ou expressa uma extensão do processo.” Então, o Escopo são as colocações verbais, as quais estão relacionadas ao próprio verbo, podendo por ele ser substituídas, uma vez que os participantes reúnem o domínio em que os processos se desenrolam. Além de corresponderem às ações concretas e terem relação com o mundo físico.

Os outros participantes incluem o escopo – responsável pela significação dos processos em verbos como: fazer, tomar e dar. O receptor e o cliente – correspondem aos processos que denotam transferência na posse de bens e informações. Segundo Fuzer & Cabral (2010, p. 34), “as orações em que se desdobram processos materiais são definidas como orações de “fazer e acontecer”, porque estabelecem uma quantidade de mudança no fluxo de eventos”. No quadro 04, pode-se observar esse tipo de participante.

Quadro 04: Processo material (ator e escopo)

Nós	assinamos	em um livro.
Ator	Processo material	Escopo

(Exemplo extraído das histórias que compõem o corpus deste estudo)

O participante Beneficiário, também, apresenta-se como Receptor ou Cliente. Assim, o Receptor recebe um bem material qualquer e o Cliente recebe algum serviço. Já o participante Atributo tem a incumbência de construir um estado qualitativo, seja do ator ou da meta, somente depois que o processo estiver completo. No exemplo a seguir, quadro 05, pode-se observar uma oração com participante - beneficiário e no quadro 06, na sequência, com participante - atributo.

Quadro 05: Processo material (ator e beneficiário)

Pedro	emprestou	dinheiro	a José
Ator	Processo material	Meta	Beneficiário

(FUZER & CABRAL, 2010, p. 39).

Exemplo em que um dos participantes é apresentado como Atributo.

Quadro 06: Processo material (ator e atributo)

O bebê	havia nascido	morto.
Ator	Processo material	Atributo

(FUZER & CABRAL, 2010, p. 40)

2.4.2 Processos mentais

Os processos mentais estão relacionados aos significados de pensar e sentir. As orações mentais estão divididas em quatro tipos: perceptivas, cognitivas, afetivas e desiderativas. Os participantes são classificados em Experienciador e Fenômeno, sendo o primeiro o participante consciente, o qual experimenta o sentir e o segundo diz respeito ao fato que é sentido. Segundo Thompson (2004), os processos mentais sempre envolvem um participante humano que assume o papel de Experienciador, chegando a carregar um grau de humanização mesmo sendo um participante inanimado.

O participante Fenômeno é categorizado em Ato e Fato, cujo fenômeno Ato sucede o processo mental a partir de um grupo nominal. Já o fenômeno Fato é introduzido pelo pronome relativo “que”.

Os processos mentais correspondem aos processos de sentir e às ações que não são dadas pelo mundo material, os quais fazem referência à experiência do mundo de nossa consciência e podem modificar a percepção que se tem da realidade. Eles subdividem em:

- a) Processos mentais de cognição: correspondem à compreensão e decisão.
- b) Processos mentais de percepção: diz respeito à observação de fenômenos.
- c) Processos mentais de afeição: referem-se aos sentimentos.
- d) Processos mentais de desejo: correspondem ao desejo.

As orações mentais mudam a percepção que se tem da realidade.

Quadro 07: Processo mental

Eu	amo	a minha cidade.
Experienciador	Processo mental	Fenômeno

(Exemplo extraído das histórias que compõem o corpus deste estudo)

Orações mentais perceptivas

Estas orações constroem percepções dos fenômenos do mundo a partir dos cinco sentidos: visão, olfato, gustação, audição e tato.

Quadro 08: Processo mental perceptivo

(Eu)	sinto	cheiro de rosas.
Experienciador	Processo mental perceptivo	Fenômeno

(FUZER & CABRAL, 2010, p. 51)

Orações mentais cognitivas

Diferentemente das perceptivas, estas orações trazem o que é sentido, pensado e desejado à consciência da pessoa.

Quadro 09: Processo mental cognitivo

Lula	não sabia	de nada.
Experienciador	Processo mental cognitivo	Fenômeno

(FUZER & CABRAL, 2010, p. 52)

Orações mentais afetivas ou emotivas

As orações mentais expressam graus de afeição.

Quadro 10: Processo mental afetivo

(Eu)	gosto	muito	de Robinho e Elano.
Experienciador	Processo mental afetivo	Circunstância de modo (grau)	Fenômeno

(FUZER & CABRAL, 2010, p. 52)

Orações mentais desiderativas

Este tipo de oração exprime desejo, interesse em algo.

Quadro 11: Processo mental desiderativo

(Eu)	desejo	sorte ao novo presidente.
Experienciador	Processo mental desiderativo	Fenômeno

(FUZER & CABRAL, 2010, p. 52).

2.4.3 Processos relacionais

O processo relacional equivale às diversas formas de “ser”, as quais caracterizam e identificam duas entidades do mundo. Segundo Thompson (2004, p. 96), ele pode ser classificado em processo relacional Atributivo ou Identificativo.

Ao processo Atributivo é atribuída uma qualidade que tanto pode ser expressa pelo próprio verbo ser quanto por sinônimos, além de não ser possível inverter os papéis dos participantes sem alterar o sentido. Enquanto, o Identificativo tem como prioridade a identificação de uma identidade em termos de outra e as orações são introduzidas por artigos definidos.

Processo relacional possui como incumbência a relação das entidades do discurso, corresponde aos processos de ser, ter e pertencer. Para Fuzer & Cabral (2010), as orações relacionais contribuem para a definição das coisas, estruturando conceitos, as quais são utilizadas na representação dos seres no mundo, bem como, as suas características e identidades. Tais orações auxiliam na criação e descrição de personagens, nos cenários em textos narrativos e classificam-se como:

- a) Processo relacional intensivo: caracterizam uma entidade.
- b) Processo relacional circunstancial: a relação entre os dois termos é de tempo, lugar, modo, causa, acompanhamento, papel, assunto ou ângulo (FUZER & CABRAL, 2010, p. 69).
- c) Processo relacional possessivo: relação de posse entre os participantes.

Os itens elencados acima podem ser classificados como:

- a) Atributivo: apresenta dois participantes: Portador (há a atribuição de uma característica) e Atributo (característica atribuída ao Portador).

b) Identificativo: há dois participantes: Identificado (recebe a identificação) e Identificador identidade que é atribuída ao Identificado.

O processo relacional também é usado para representar seres no mundo de suas características e identidades. Conforme o quadro 12, abaixo:

Quadro 12: Processo relacional

Macaparana	é	uma boa cidade.
Portador	Processo relacional intensivo	Atributo

(Exemplo extraído das estórias que compõem o corpus deste estudo)

2.4.4 Processos verbais

Os processos verbais correspondem ao próprio dizer e não exigem um participante humano. Fuzer & Cabral (2010, p. 81), apresentam os participantes das orações verbais como: Dizente, Verbiagem, Receptor e Alvo. “Dizente: é o próprio falante. Verbiagem: é o que é dito e pode representar. Receptor: representa o participante a quem é dirigida a mensagem. Alvo: é a entidade atingida pelo processo de dizer”. O processo verbal ajuda na criação do texto narrativo por sua característica de fala.

Quadro 13: Processo verbal

Nossa professora	falava	algumas coisas.
Dizente	Processo verbal	Verbiagem

(Exemplo extraído das estórias que compõem o corpus deste estudo)

2.4.5 Processos comportamentais

O processo comportamental corresponde aos verbos que são responsáveis pela construção dos comportamentos humanos, englobando atividades psicológicas (ouvir/assistir), atividades fisiológicas (respirar/dormir) e atividades verbais (conversar/fofocar), os quais correspondem aos comportamentos físicos e psicológicos. O participante é o Comportante, o qual realiza a ação e é o comportamento que define o escopo do processo. Os processos comportamentais emprestam aos processos verbais traço comportamental (atitude, emoção, gestos expressivos).

Quadro 14: Processo comportamental

As pessoas	sonham	com uma cidade melhor.
Comportante	Processo comportamental	Circunstância

(Exemplo extraído das estórias que compõem o corpus deste estudo)

2.4.6 Processos existenciais

Os processos existenciais dizem respeito aos processos de ser e haver, tendo como único participante o existente, o qual pode representar uma pessoa, um objeto, uma abstração e em português não apresenta sujeito. As orações existenciais representam algo que existe ou acontece. Para Fuzer & Cabral (2010, p. 95), “nas narrativas, elas servem para introduzir os participantes centrais no estágio de apresentação”.

Quadro 15: Processo existencial

Houve	muitas revoltas.
Processo existencial	Existente

(Exemplo extraído das estórias que compõem o corpus deste estudo)

2.5 Metafunção Interpessoal

A metafunção Interpessoal corresponde ao modo, recurso gramatical utilizado para expressar a interação entre os participantes de um evento comunicativo. Nesta perspectiva a oração é vista como troca. Para tanto, a partir da análise, as informações relacionadas ao tempo são explicitadas, bem como, as em que ocorre o evento, à modalidade, à polaridade e os complementos adjuntos.

É através desse nível linguístico, presente no texto, que os interlocutores estabelecem suas relações sociodiscursivas, utilizando-se de recursos léxico-gramaticais, disponibilizados pela língua.

Nesse sentido, Halliday e Matthiessen (2004, p. 106) destacam a organização da oração como um evento interativo que envolve um falante ou escritor e a audiência, que deve ser considerado nos eventos de fala e de escrita por parte do falante/escritor em suas produções textuais.

2.6 Metafunção Textual

A metafunção textual representa a oração como mensagem, acompanhada de um Tema e um Rema. Refere-se, portanto, à característica de poder, de modo a organizar a linguagem em um significado lógico, Halliday e Hasan (1989) destacam que, toda língua apresenta uma rede de relações lógicas que são fundamentais para representar o significado.

Desta forma, a estrutura temática é responsável por organizar a oração como mensagem. Sendo assim, um elemento enunciado como Tema tende a combinar com o Rema (restante da oração). Como mensagem, o Tema é colocado em primeiro lugar independentemente do que seja escolhido, o qual serve como ponto de partida da mensagem. O tema, além de localizar, orienta a oração dentro do seu contexto. O Rema, no entanto, corresponde ao desdobramento da mensagem, ou seja, a parte da oração em que o Tema é desenvolvido.

2.7 Gêneros de textos: escolas e fundamentos

Nesta parte, abordam-se os constructos teóricos que fazem referência aos gêneros textuais que subsidiam esta pesquisa.

2.7.1 Gênero Textual

Os gêneros são ferramentas necessárias para a participação dos alunos em atividades diversas, por meio deles ocorrem a interação e a comunicação, eles são mediadores das ações discursivas ocorrentes entre os indivíduos. Por isso, a materialização da linguagem acontece a partir dos gêneros, pois a linguagem escrita e a oral são situações práticas que se apropriam dos gêneros. Para Marcuschi (2011), a categoria do gênero é importante para que haja o funcionamento da língua a partir de seus usos social e linguístico. Por isso, os gêneros não podem ser vistos apenas como peças que são sobrepostas e que refletem às estruturas sociais, uma vez que o gênero, para alguns estudiosos (BAZERMAN, 1997, BONINI, 2004), é o lugar em que se constrói o significado e a interação entre os indivíduos acontece.

O ensino de gêneros textuais perpassa a relação assumida socialmente, pois está imbricado à língua enquanto estrutura de escrita e é por meio dela (escrita) que se faz a análise das variantes da oralidade em função da estruturação da escrita formal.

É importante destacar que as práticas da fala e da escrita encaminham e permeiam a construção de textos coerentes e coesos no âmbito escolar, logo, uma não representa a outra, vejamos:

[...] A escrita não pode ser tida como uma representação da fala [...]. Em parte, porque a escrita não consegue reproduzir muitos dos fenômenos da oralidade, tais como a prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo e dos olhos, entre outros. Em contrapartida, a escrita apresenta elementos significativos próprios, ausentes na fala, tais como o tamanho e tipo de letras, cores e formatos [...]. Oralidade e escritas são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia (MARCUSCHI, 2002, p. 17)

Assim, trabalhar com gêneros é permitir alavancar novos horizontes que viabilizam a ação linguística e o aprendizado, o que possibilita ao falante articular a linguagem condizente com o contexto social, tendo em vista a especificidade do gênero.

Para Eggins e Martin (1997), o gênero é instanciado a partir das escolhas das variáveis de registro, o qual vê o registro como uma instanciação do gênero, enquanto Hasan parte do registro para a análise, enxergando as variáveis como realizadoras do gênero. A capacidade de compreender a diversidade de gêneros textuais dentro das diferentes situações de interação tem sido um dos objetivos do ensino de língua materna.

O trabalho com gêneros textuais envolve o sujeito do processo a ponto de vê-lo como construtor das situações comunicacionais, pois o gênero assume uma relação com os aspectos sociocomunicativos e funcionais. As inovações tecnológicas, também, têm favorecido a sua dinamicidade e flexibilidade.

Segundo Marcuschi (2002), os gêneros regulam e organizam a interação, constituindo-se como forças normativas para a produção e compreensão dos enunciados. Por isso, é importante que a escola proporcione envolvimento dos estudantes com os mais diversos gêneros e que estes estejam integrados à realidade social, uma vez que, renovam-se e variam assim como a língua.

A confluência dos gêneros possibilita incluir um no outro, seja durante a fala ou até mesmo durante a escrita, podendo, também, possibilitar a passagem de um gênero para outro.

Como afirma Marcuschi (2011, p. 25), “A teoria dos gêneros não serve tanto para a identificação de um gênero como tal e sim para a percepção de como o funcionamento da língua é dinâmico e, embora sempre manifeste em textos, nunca deixa de se renovar nesse processo”.

Percebe-se, com isso, a dimensão que os mesmos assumem chegando a atuar como formas organizadoras da vida social, considerando os que circulam em todo meio social. A evolução da sociedade fez com que os gêneros se decimassem, assim, o que era, essencialmente, oral passou a assumir características típicas da escrita fazendo com que aquele número reduzido de gêneros se multiplicasse chegando a abarcar os diversos meios de comunicação.

2.7.2 Gênero na perspectiva da Escola de Sydney

Nas décadas de 1970 e 1980, segundo Bunzen (2004), surgiram os estudos voltados para a relação entre gêneros e ensino de língua materna e estrangeira, sendo a escola de Sydney a percussora. Tais estudos, propostos por esta escola, foram baseados na Linguística Sistêmico-Funcional, ancorados nas ideias de Halliday, e tiveram estreita relação com a sociologia da educação e as práticas de letramento escolar.

Para a LSF, o termo gênero é usado para abarcar “cada tipo de atividade linguisticamente realizada que faz parte de nossa cultura” (MARTIN, 1985, p. 250). Os textos de diferentes gêneros são textos produzidos em função diferentes com tarefas culturalmente estabelecidas (Cf. EGGINS; MARTIN, p. 236). Para Motta-Roth e Herbelle (2005, p. 28) “o gênero corresponde à linguagem usada em associação a contextos e funções recorrentes na experiência cultural e humana”.

Como se vê, o gênero é visto como sistema abstrato materializado pela língua. Sendo assim, reflete as escolhas léxico-gramaticais a partir de uma visão sociossemiótica de linguagem proposta por Halliday (2014), atrelada ao contexto de situação e ao contexto de cultura.

Dentro desta perspectiva, os pesquisadores de Sydney propõem um ciclo de ensino-aprendizagem como forma de facilitar o trabalho docente. A sua estruturação metodológica foi adaptada por vários pesquisadores, entre eles Rose e Martin; Rothery. Essa pedagogia de

gênero estrutura-se em quatro estágios: negociação do campo (tópico), desconstrução, construção conjunta e construção independente, conforme será explicitado mais adiante.

O ensino de gênero na perspectiva da Escola de Sydney envolve o conceito de cultura e de situação que perpassam pelo âmbito social e visam o texto dotado de ideologias, o qual se constitui dentro do contexto de cultura passando a ser, segundo Vian Jr. Lima Lopes (2005), “um sistema estruturado em partes, com meios específicos e fins específicos”, logo, o texto comporta relações e estruturas que imbricadas assumem o papel de organizar a linguagem.

Os propósitos comunicativos categorizam as diversas formas de escrita em seus diferentes gêneros, assim, as diferenças léxico-gramaticais e as escolhas semântico-discursivas refletem na constituição dos gêneros. Desta forma, a visão transdisciplinar acerca dos gêneros inclui a percepção da língua que abarca a produção às disciplinas escolares de maneira mais sistemática, tendo uma preocupação em ensinar a língua a partir da sua amplitude que opera em todas as áreas do currículo e não apenas se detém a língua pela língua, uma vez que, os gêneros textuais que formam esse estudo devem ser adequados à realidade escolar de forma a atingir a meta pretendida em cada estágio do ciclo de ensino-aprendizagem de gêneros. Essa abordagem explícita de gêneros, proposta pela Escola de Sydney, permite aos estudantes possibilidades de se apropriarem mais da escrita.

2.7.3 Gênero – Escola Norte-Americana

O ensino de gêneros nesta escola está relacionado aos estudos retóricos, o que possibilitou ser chamada Escola Nova Retórica. A corrente Norte-Americana volta-se para os elementos situacionais, as características formais dos gêneros não são prioridades, mas sim, a funcionalidade desses em respostas aos contextos externos, ou seja, ao meio social que são comuns à cultura.

Como afirma Soares (2009), quando se cria formas tipificadas ou gêneros, as situações das quais os gêneros emergem também são tipificadas. Desta forma, a tipificação possibilita dar significados às diversas circunstâncias em que os gêneros aparecem atuando como parte do processo das atividades sociais organizadas. Assim, o conceito que se tem é de que “as

formas de comunicação reconhecíveis e autorreforçadas emergem como gêneros” (BAZERMAN 2005, p.29).

Diferentemente das Escolas de Genebra e de Sydney, esta escola não apresenta um modelo de ensino, mas assume uma visão diferenciada acerca do ensino de gêneros, tem a concepção de que “os gêneros que atuam na sala de aula são mais do que uma repetição de proposições padronizada” (BAZERMAN, 2005, p.30), assumindo uma posição contrária a perspectiva sistêmico-funcional da Escola de Sydney em que são consideradas as formas genéricas baseadas em um ensino prescritivo e explícito.

Por isso, para que os gêneros atuem como práticas de situações comunicativas ocorrentes na escola faz-se necessário ter como base as experiências prévias dos estudantes com os gêneros, de forma a torná-los significativos, explorando o envolvimento nas diversas situações discursivas.

Todavia, o uso da escrita depende das estratégias de ensino criadas pelo docente o que permite aos aprendizes não apenas produzir, mas também inventar novos gêneros, os quais devem ser dialógico e situado, funcionando como verdadeiras respostas às situações. Desse modo, a preocupação é desconstruir e reconstruir modelos diferentes de gêneros e não imitar os modelos genéricos.

A preocupação da Escola Norte-Americana é redefinir o conceito de gêneros, o que permite ao educador repensar em seu contexto escolar e criar estratégias condizentes ao ensino de língua escrita. Sua abordagem apresenta um ensino dos gêneros sob a perspectiva de uma explicação dos aspectos sociais, culturais e retóricos. Assim, as aulas de produções textuais são apresentadas como legítimas e são dotadas de reivindicações específicas ancoradas na esfera dos gêneros produzidos no âmbito escolar, sendo versões retóricas diferenciadas e especializadas da realidade.

2.7.4 Gênero - Escola de Genebra

A educação brasileira encontra na Escola de Genebra grande repercussão acerca do ensino de gêneros, em que os estudiosos defendem a didática da diversificação. Essa abordagem possui como centro a unicidade da língua que consiste na diversidade dos textos e sua relação com o contexto de produção em meio aos aspectos sociais e históricos. Assim, o

estudante começa a interagir com os textos através desses dois aspectos, além de considerar à sua vivência antecedente à escola.

Nesta escola, o conceito de gênero surge como forma de desestabilizar as práticas de ensino de língua materna, tidas como problemáticas, onde a pretensão tem sido a formação de participantes autônomos atuantes dentro e fora do âmbito escolar preparado para as práticas letradas. As ações discursivas estão ligadas aos gêneros, é através deles que a linguagem é desenvolvida, assim sendo, devem ser trabalhados em todos os níveis de escolaridade a partir de uma visão em progressão espiral.

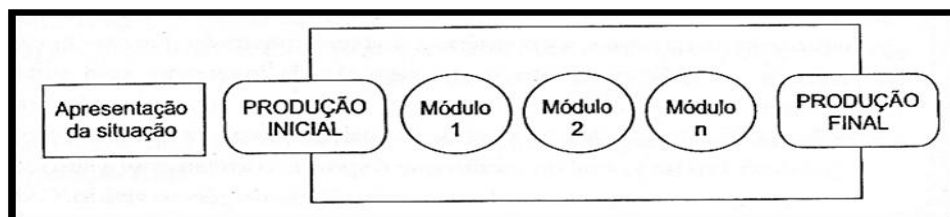
A escola de Genebra busca enfatizar a diversificação dos textos e sua relação no contexto de produção, cujo texto é a unidade de análise, o que possibilita uma realização semiótica quando ancorados em modelos de gêneros disponíveis e presentes no intertexto por meio do uso de uma língua natural.

É uma corrente teórica fortemente influenciada pelas concepções bakhtinianas no que diz respeito à interação comunicativa. Essa teoria vê os gêneros como ferramentas que permitem às pessoas a realização de ações de linguagem que encaminham a diferentes atividades sociais.

Os estudiosos da Universidade de Genebra propuseram um trabalho voltado ao processo de ensino e aprendizagem que convencionou chamar de sequência didática, ou melhor, “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97).

A finalidade da sequência didática, para os autores, consiste em ajudar o discente a dominar melhor um gênero textual, sendo capaz de escrever e/ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. Esta é estruturada por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), conforme pode ser observada na figura 05, abaixo:

Figura 05: Esquema da sequência didática



(Extraída de DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 98)

Como pode ser observada na figura 05, a sequência didática inicia-se com a apresentação da situação. Nesta etapa, apresenta-se aos estudantes o gênero que será trabalhado ao longo da sequência e a atividade que será realizada como produto final de um texto.

A segunda etapa é o produto inicial, nesta o discente constrói um texto diagnóstico oral ou escrito do gênero proposto para a sequência, assim o docente poderá adequar as atividades à realidade dos aprendizes, enquanto os estudantes poderão descobrir os conhecimentos que dominam sobre o gênero estudado.

Os módulos são as atividades necessárias para o domínio do gênero. São utilizados como meio para sanar as dificuldades detectadas sobre o gênero textual estudado na produção inicial.

A produção final é o momento do discente por em prática o conhecimento adquirido para a aquisição do gênero textual.

2.7.5 Visão dos gêneros com ênfase nas três escolas

Como fora explicitado alhures, a escola de Sydney perfilha o ensino de gêneros tendo como base um ensino voltado à língua enquanto transdisciplinar, sua inquietação tem aporte a língua operante nas áreas do currículo escolar, a ponto que, os conteúdos tornam-se apreendidos pelos estudantes quando eles conseguem certificar os gêneros escritos mais valorizados pela esfera comunicativa. Esse fator é decorrente de um ensino da explicitação dos gêneros, capaz de atuar como facilitador na participação das práticas de letramento escolar, e também, nas de leitura e escrita que são exteriores ao ambiente escolar, mas que assumem estreita relação com as práticas de letramento que sucedem a esse âmbito.

Esse modelo de ensino apresentado pela escola de Sydney enfatiza a organização do currículo baseado num ciclo de ensino-aprendizagem, considerando a progressão dos textos e sua complexidade. Além de realçar o auxílio proporcionado ao docente no que concerne ao assessoramento que pode ser dado aos discentes acerca da avaliação dos textos que eles produzem.

Em contrapartida, a escola de Genebra propõe um movimento de sequência didática que parte do mais complexo, onde a produção inicial dos discentes abarca o mais simples dos

módulos e retorna para o mais complexo, ou seja, a produção final, tendo como pretensão o desenvolvimento necessário para o domínio dos gêneros.

Enquanto que, a escola Norte-Americana ver as características textuais como incompleta por ignorar a criatividade comunicativa ocorrida na diferentes situações e por desprezar os diferentes domínios comunicativos que o indivíduo tem dos gêneros, os quais mudam, evoluem e até mesmo desaparecem, pois sua existência está ligada à necessidade humana.

2.8 Gêneros de família “estória”

Através do gênero estória pode-se construir um novo sujeito do discurso e uma nova forma de representação social. Muitas das estórias se constroem a partir de recursos temáticos, enunciativos e textuais que são escritos em determinados domínios do discurso. Há uma preocupação com relação a quem conta a estória e para quem é contada, o que permite compreender como ocorre o envolvimento entre esses participantes, o evento social e a maneira como a estória se desenvolve.

As restrições discursivas tendem a fazer “referência às estórias que se pode contar hoje, em nossa cultura; às pessoas que podem contá-las; e às formas de contar apropriadas em diferentes eventos sociais” (MEURER et al, 2005, p. 68).

As estórias domesticam a imprevisibilidade, fabricar estórias é uma forma de lidar com as surpresas e as estranhezas da condição humana. Não importa o quanto as estórias se aproximam ou distanciam-se do real, pois a narrativa possibilita esse jogo de faz-de-conta, chegando a ser tão natural quanto à própria linguagem, sendo vista, como uma janela transparente para a realidade capaz de dá forma para as coisas do mundo real.

Entre a família do gênero estória, há a narrativa que é uma dialética entre o esperado e o que de fato ocorre. Para tanto, para que haja um relato é imprescindível que algo aconteça caso contrário não haverá o que contar. A situação retratada e o desfecho sinalizam as estórias, portanto, elas são moedas correntes de uma cultura. Contar estórias é uma atividade constitutiva de nossa vida cultural. Estas, além de relatar, impõem uma estrutura que corresponde ao que é experimentado. Contar sobre o passado apenas o que é relevante para a estória é um dos lembretes para contar ou escrever uma.

Desta forma, a estória implica em um modo natural de usar a linguagem, a qual possibilita caracterizar a vida dentro de uma cultura humana. Através dela é possível criar e recriar a individualidade, sendo o eu um produto do contar que são atinentes às culturas, nas quais o indivíduo está inserido e se nutre delas para revelar alternativas sobre o que é ou poderia ser. Atendo-se a essa ideia a narrativa é uma verdadeira arte popular que lida com aspectos peculiares às crenças comuns das pessoas, considerando a sua maneira de ser, bem como, o seu mundo.

A estrutura narrativa é caracterizada pela marcação temporal cronológica capaz de sinalizar os diversos momentos no tempo real da estória e a causalidade, fator importante para o seu desenvolvimento. Os agentes das ações, ou seja, os personagens marcam também a narrativa, tendo partes essenciais: cenário/orientação – apresentação dos personagens; complicação - início da trama; e resolução – o desenrolar da trama (KLEIMAN, 2000).

A família do gênero estória apresenta alguns tipos de gêneros, os quais podem ser observados no quadro 16, abaixo, juntamente com o propósito de cada um e suas respectivas etapas.

Quadro 16: Família dos gêneros escolares

	Gênero	Propósito	Etapas
E S T Ó R I A S	Relato	Relatar eventos	Orientação Registro de eventos
	Narrativa	Solucionar uma complicação em uma estória	Orientação Complicação Avaliação Resolução
	Exemplo	Julgar caráter ou comportamento em uma estória	Orientação Complicação Avaliação
	Episódio/ Anedota	Compartilhar uma reação emocional em uma estória	Orientação Complicação Avaliação

(Tradução de ROSE & MARTIN, 2012, p. 130)

Os estudantes do ensino fundamental e médio das escolas brasileiras precisam ler e escrever uma variedade de textos ao longo de sua formação estudantil. Nos anos iniciais as

crianças começam a ler e escrever textos principalmente da família do gênero estória, o objetivo geral das estórias é engajar e entreter leitores, portanto, o foco do ensino recai sobre a linguagem que o autor usa para fazer isso (SILVA, 2015).

Estórias são gêneros centrais em todas as culturas, em algumas formas em quase todas as situações imagináveis e estágio de vida. Elas são a família mais estudada de gêneros e há uma grande literatura narrativa em muitos campos contemporâneos. Para Rose e Martin (2012, p. 131) “stories of all types are created from phases such as settings, problems, characters' reactions to problems, solutions and descriptions”¹.

A família do gênero estória - **Relato** registra uma sequência de evento, no entanto, não apresenta uma ruptura significativa e a avaliação dos eventos ocorre à medida que se efetua o desenrolar do relato e quando há registro de uma sequência de eventos sem interrupção significativa. O relato são outros tipos que envolvem uma interrupção a um curso esperado de eventos, apresenta uma sequência de expectativa dos acontecimentos, enquanto os outros envolvem uma fase contadora esperançosa que é resolvida na sequência da sua avaliação.

Os eventos são relatos que funcionam prosodicamente como o relato se desenrola. Relata a função em uma ampla variedade de contextos sociais para compartilhar experiências e atitudes de todos os tipos. O relato apresenta: orientação, registro e reorientação. O ponto significativo do gênero é o registro de eventos, que estão autorizados a falar por si mesmos, como se fosse testemunhar a justiça ou a verdade.

O gênero – **Episódio/Anekdota** apresenta um fato trágico ou cômico, envolvente ou terrível, que envolve alguns rompimentos notáveis que geralmente não se resolveram.

Anekdota é um gênero popular para histórias engraçadas e piadas, o qual tem como etapas orientação e evento marcante. A anedota apresenta uma sequência de eventos que é fora do comum (MARTIN & ROSE, 2008). Por isso, não há uma solução, mas sim, uma reação, a qual pode ser positiva ou negativa a depender do senso comum.

¹ Todos os tipos de estórias são criadas a partir de fases tais como configurações, problemas, reações dos personagens a problemas, soluções e descrições.

O gênero - **Exemplo** apresenta uma ruptura, a qual deve ser interpretada e não responsável por provocar alguma reação. No entanto, a interpretação expressará atitude de julgamento do caráter e do comportamento das pessoas (SILVA, 2015).

Um exemplo simples inclui três etapas: orientação, complicação e resolução/avaliação. O exemplo envolve também uma interrupção, mas esta é uma interpretação que reage, e o tipo de atitude expressa na interpretação tende a ser o julgamento de caráter ou comportamento das pessoas. Novamente o incidente pode envolver comportamento que seja admirável ou condenável, logo, segue o julgamento que pode admirar ou criticar, elogiar ou condenar. Conforme apontam Martin e Rose (2008), pode apresentar orientação, evento descritivo, comentário, incidente, interpretação e coda.

Para Martin e Rose (2008, p. 52), dentre a família do gênero estória há a **Observação/Comentário** que corresponde a comentários sobre eventos. É o gênero da família das estórias, que apreciam algum aspecto de modo a valorizá-lo ou não. Tal aspecto pode ser avaliado de forma positiva ou negativa. As observações envolve a descrição significativa do evento, seguido de um comentário pessoal apreciando este aspecto, novamente com qualquer valor positivo ou negativo. As observações são, provavelmente, muito comuns no discurso cotidiano. As etapas apresentadas por esse gênero são: orientação, evento e comentário.

O gênero da família das estórias – **Narrativas** apresentam uma complicação e busca uma solução para o problema encontrado. De acordo com (SILVA, 2015), a avaliação da complicação nas narrativas tende a variar em termos de afeto, julgamento de pessoas e apreciação de coisas e eventos.

Na narrativa, a evolução é frequentemente implantada para suspender a ação, aumentando a tensão da narrativa e intensificando a liberação quando a tensão é resolvida. Cada gênero possui estágios obrigatórios, cada um pode abrir com a etapa orientação, e pode fechar com a coda (ROSE & MARTIN, 2012).

O ponto de uma narrativa é a forma como os protagonistas resolvem uma complicação em suas vidas, uma vez que eles têm avaliado a ação complicando com algum tipo de atitude. As narrativas normalmente encerram com uma resposta comportamental, assim, as que terminam com uma resposta distinguem-se pelo tipo de avaliação. Episódios/Anedotas

envolvem uma reação emocional. Exemplos envolvem uma interpretação moral. Observações/Comentários envolvem um comentário pessoal de modo a apreciar os eventos.

Os tipos de estórias e suas funções sociais enfatizam a partilha de um registro de eventos, uma reação emocional, um julgamento moral, uma resposta pessoal ou a resolução de um problema. Estes tipos de estórias podem ser realizados em vários modos, incluindo narração oral e literatura escrita. Ao que parece, as histórias tradicionais demonstram ser dominadas pelos padrões genéricos de narrativa e exemplos.

Estórias são os gêneros mais comuns em todas as culturas e elas possibilitam ao indivíduo verdadeira transmissão de valores, ideologias, informações do cotidiano e conhecimentos. Elas também buscam entreter e prender a atenção de ouvintes e leitores. De acordo com Silva (2015, p. 30):

Há cinco tipos principais de estórias: um conto simplesmente conta uma série de eventos; mas em uma narrativa os personagens principais resolvem uma complicação; anedotas compartilham sentimentos sobre um evento complicado que não é resolvido; enquanto um exemplo julga o caráter e o comportamento das pessoas. Diferentemente dos outros tipos de estórias; as notícias não são sequenciadas no tempo; mas começam com um evento interessante e então relatam diferentes ângulos sobre ele.

Cada gênero inclui uma ou mais fases. Nos gêneros das estórias, por exemplo, o quantitativo de fases é um recurso da linguagem que busca engajar leitores a partir do desenrolar das estórias, construindo assim o campo de atividades, pessoas, coisas e lugares, de forma a ligar as estórias a experiências de vida, conforme pode ser observado no quadro 17, abaixo:

Quadro 17: Fases comuns nas estórias

Fases dos gêneros da família das Estórias		
Fases descritivas	Cenário	Apresentando pessoas, atividades, lugares, tempos
	Descrição	Descrevendo pessoas, lugares, coisas
Fases que levam a ação	Episódio	Sequência de eventos que é esperada

para adiante	Problema	Evento inesperado que cria tensão
	Solução	Evento inesperado que libera tensão
Fases avaliativas	Reação	Sentimentos dos participantes sobre problemas, descrições
	Comentário	Comentários do narrador sobre pessoas, atividades
	Reflexão	Pensamentos dos participantes sobre os significados dos eventos

(Adaptado de MARTIN & ROSE (2008)).

As histórias envolvem os leitores, logo, a sua centralidade ocorre por meio do papel do participante do texto, sendo este considerado como central, o que reafirma a ideia de perceber a relação dos participantes no gênero história, a partir da teoria da Linguística Sistêmico-Funcional, e compreender as etapas e fases desses gêneros, bem como, sua relação com as práticas sociais. Tais etapas podem ser estudadas e desenvolvidas durante a aplicabilidade de um Ciclo de Ensino-Aprendizagem. Na sequência, após a explanação sobre Memória, podem-se observar as etapas desse ciclo e sua contribuição para o ensino de gêneros na escola.

2.9 Memória

Memória pode ser descrita como a capacidade de lembrar o passado. Para Santos (2002, p.127), “não existem memórias individuais ou sociais, mas atos de lembrar e esquecer, que devem ser considerados práticas ou ações humanas construídas socialmente”. Nesta concepção, a memória representa não apenas uma ida ao passado, mas este como parte do presente por meio dos dilemas éticos e morais.

Memória Discursiva corresponde à recorrência de enunciados que dentro de uma contingência histórica específica, pode surgir sendo atualizado no discurso ou rejeitado em um novo contexto discursivo. Desta forma, “a noção de memória discursiva exerce, portanto,

uma função ambígua no discurso, na medida em que recupera o passado e, ao mesmo tempo, o elimina com os apagamentos que opera” (MELO,1999, p.100).

Assim, as formações discursivas posicionadas historicamente dizem respeito ao modo com que os discursos se inscrevem na língua e na história, conseguindo assim, significar. Essa significância do discurso ocorre por pertencer à formação discursiva constituída historicamente e não porque é uma vontade do enunciador que isso aconteça. A memória discursiva é presumida a partir de um momento sócio-histórico, através do qual o sujeito sai de uma situação empírica para uma posição discursiva de forma a assumir algum sentido, que são permeados e atravessados pelas suas próprias relações com uma formação discursiva peculiar e com uma memória. Segundo Ferreira (2001:20), “a memória discursiva faz parte de um processo histórico resultante de uma disputa de interpretações para os acontecimentos presentes ou já ocorridos”.

A memória discursiva é responsável por produzir as condições necessárias de um funcionamento discursivo e, conseqüentemente, para a interpretabilidade de textos. A partir das redes de memória é possível retomar discursos já-ditos, para Pêcheux (2010, p. 50), “memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”. A memória discursiva, ao mesmo tempo em que, autoriza a repetição dos pré-construídos é capaz de reinventar-se e reconstruir-se. Nesse sentido, memória discursiva pode ser entendida como uma instância responsável por reestabelecer possíveis leituras implícitas e constitutivas do real sócio-histórico. Sobre isso, Pêcheux destaca que:

E o fato de que exista assim o outro interno em toda memória é, a meu ver, a marca do real histórico como remissão necessária ao outro exterior, quer dizer, ao real histórico como causa do fato de que nenhuma memória pode ser um frasco sem exterior. (PÊCHEUX, 2010, p.56).

Dessa forma, a memória comporta e contempla o seu outro não podendo ser simplesmente um frasco sem exterior, uma vez que, não é possível a existência de um frasco que engesse as fronteiras da memória. O sentido de um discurso só será recuperado se recorrermos à memória, pois, em cada enunciação, intervém a situação imediata, além da história e da memória.

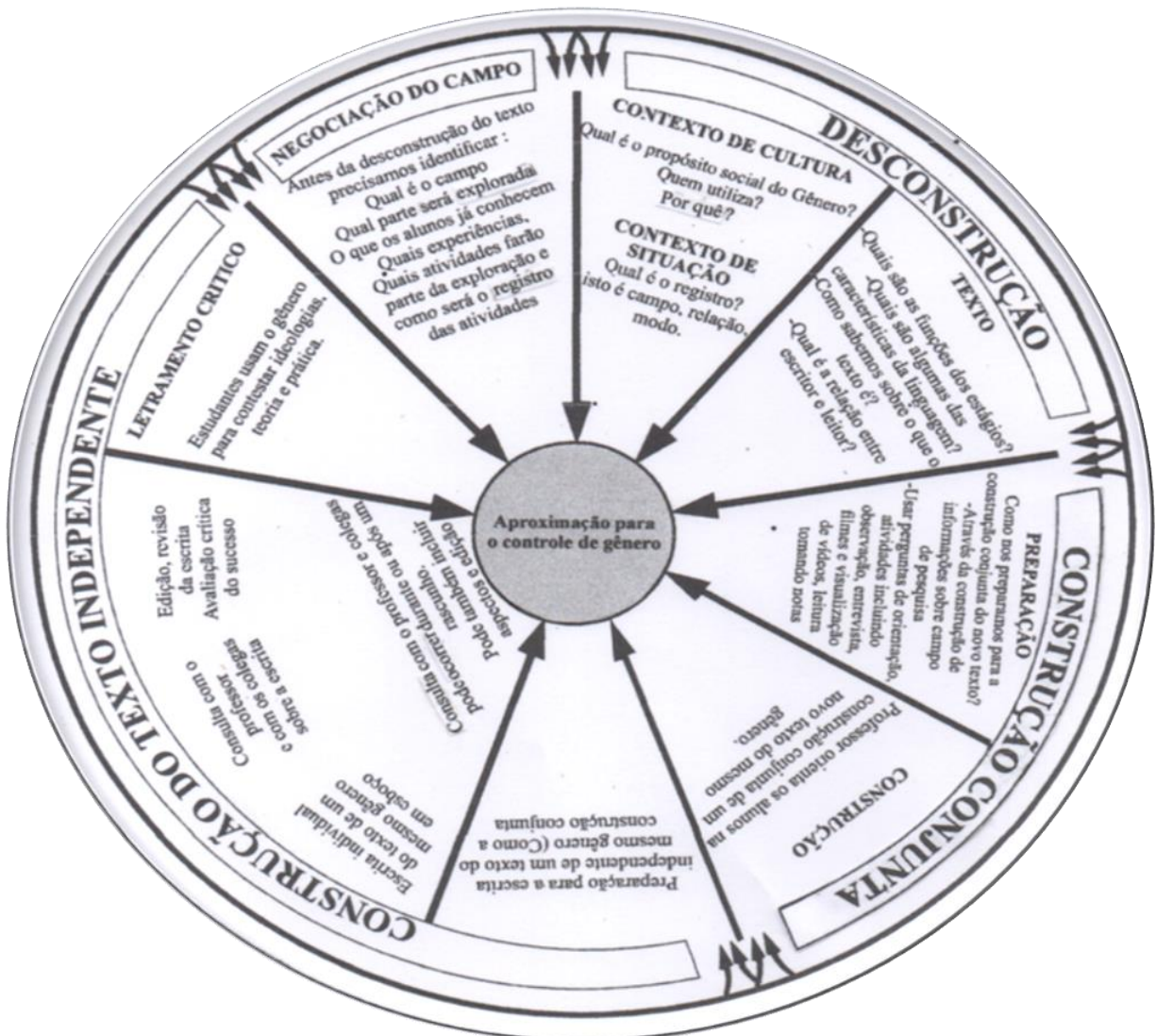
Além disso, a memória local caracteriza-se pela sua espacialidade, logo, a motivação para a aprendizagem é interna ao aluno, surgindo de sua curiosidade e expectativas. Desse modo, o exercício da memória como meio para a ocorrência da aquisição do conhecimento é uma forma bastante usada, que permite as pessoas aprenderem a aprender sobre o passado. Conhecer mais sobre a história do município é uma forma de valorizar a identidade local e praticar a cidadania.

2.10 Ciclo de Ensino-Aprendizagem: o que caracteriza?

O Ciclo de Ensino-Aprendizagem proposto por Rothery (1994) e ampliado por Rose e Martin (2012) é dividido em quatro etapas: negociação do campo (tópico), desconstrução, construção conjunta e construção independente. Todas essas atividades relacionadas à produção de textos incluem o uso dos elementos linguísticos e requerem do aprendiz relações com contextos de cultura e de situação, tomando como requisito leitura, produção, reescrita e editoração que compõem as etapas do Ciclo de Ensino-Aprendizagem. É importante salientar que alguns teóricos utilizam outra terminologia, no entanto, para esta pesquisa convencionou utilizar Ciclo de Ensino-Aprendizagem (CEA)², termo apresentado por Rose e Martin (2012, p.63) que contextualizaram o ciclo de aprendizagem de Rothery (1994). Como mostra a figura 06, a seguir.

² No decorrer deste texto, usar-se-á a sigla CEA para indicar o Ciclo de Ensino-Aprendizagem.

Figura 06: Ciclo de Ensino-Aprendizagem



(Tradução ROSE & MARTIN, 2012, p. 65)

2.10.1. Negociação do campo

O professor negocia o objeto da produção textual e atua como guia, pois será o responsável pela escolha dos textos e dos gêneros que serão lidos e produzidos. De acordo com Rothery (1996), a evidência está relacionada ao ensino da língua, pois “não podemos

conhecer um tópico {field} a menos que conheçamos sua língua”. A negociação do Campo serve para o professor perceber o conhecimento prévio que os estudantes possuem e a partir dessa percepção direcionar as atividades a serem desenvolvidas, os materiais que serão utilizados. É uma forma de definir as estratégias.

Ainda, nesta etapa, deve ser feita a definição do Campo, a parte a ser explorada e, partindo do conhecimento que os discentes já têm organizar a maneira que as atividades serão desenvolvidas, exploradas e a forma de anotação das informações colhidas no desenvolver das atividades. É fundamental que o professor parta do conhecimento prévio dos estudantes e aos poucos os envolvam na aprendizagem introduzindo o conhecimento curricular e formal que são necessários para a construção do conhecimento educacional.

O número de sessões desta etapa corresponderá ao nível de aprofundamento exigido por meio dos estágios de escolaridade, das experiências escolhidas e do conhecimento acumulado que funcionarão como suporte para os alunos.

Assim, a negociação do campo parte de uma via de regra, a qual é necessária, pois os discentes precisam se familiarizar com o tema que abarcará a produção de textos e possibilitará que sejam capazes de produzir textos eficazes de um determinado gênero. Por isso, é viável que os gêneros estejam em concordância com os objetivos do currículo para cada nível de escolaridade, os quais devem ser escolhidos dentre esse critério. É nesta etapa que ocorrem as negociações para a leitura e a produção escrita do gênero, é um momento para os estudantes se construírem enquanto atores sociais que serão representados a partir das produções que fizerem.

2.10.2 Desconstrução

A desconstrução é uma forma de aprofundar mais sobre o gênero. O objetivo é familiarizar os estudantes com o gênero estudado para que além de ler os textos eles possam “desconstruí-los”. Nesta etapa, objetiva-se direcionar um estudo da língua em uso o que requer dos alunos a compreensão de como o gênero da família estória pode alcançar o propósito social através do funcionamento de seus estágios que envolvem o Contexto de Cultura, buscando saber o propósito social do gênero, quem o utiliza e por que o faz. O Contexto de Situação de forma a conhecer o campo, o modo e as relações; e o Texto que

busca saber a função dos estágios, as características da linguagem, do que trata o texto e como se evidencia a relação entre o escritor e o leitor.

Na desconstrução as características linguísticas correspondentes ao gênero podem emergir, nela também pode ser aprofundada a sequência da leitura considerando a relação existente a partir da construção de significados e no desenvolver de atividades de leitura ao nível do texto, da oração e do fraseado. Deve-se considerar o contexto cultural para que, posteriormente, seja definido o propósito social do gênero, bem como, quem o utiliza e por quê; além da apresentação da metalinguagem feita pelo professor referente ao gênero que fará parte da etapa seguinte, ou seja, da construção conjunta.

Ainda, nesta etapa, podem-se explorar as avaliações a respeito dos lugares, das personagens e da situação, de forma a propiciar aos estudantes maior envolvimento e profundidade com os elementos léxico-gramaticais de Transitividade.

O professor introduz os textos modelos, para que os estudantes se familiarizem com o gênero de forma a desconstruí-los. É a partir deste estágio que os discentes aprendem o funcionamento do gênero, bem como, o seu propósito social, sendo importante que o professor explore o papel dos gêneros que servirá não apenas para a aprendizagem escolar, mas também para a vida no meio social, na comunidade. Assim, como os alunos construíram uma linguagem sobre o tópico, agora constroem uma metalinguagem sobre o texto e a língua. (ROTHERY, 1996, p. 104).

O momento da desconstrução do gênero é muito importante para que o estudante, outrora pouco conhecedor das especificidades do gênero, possa ter embasamentos capazes de contribuir significativamente com a próxima etapa que é a construção conjunta.

2.10.3 Construção Conjunta

Nesta etapa, o papel do professor é fundamental, pois ele tem a incumbência de guiar as discussões de forma a fazer com que os estudantes construam sentidos, tendo como base a noção de gênero. Para a realização da produção coletiva, o estudante precisa adquirir mais conhecimento sobre o gênero, o que requer contato com a família do gênero estória através de leitura e de escrita, para que identifique as semelhanças e diferenças existentes entre os

relatos, comentários e narrativas. A reconstrução é um momento de aprendizado da língua em uso e da construção do gênero.

A produção conjunta de um texto pode ser feita por professor e estudante simultaneamente. Nesta fase, os educandos aprendem não apenas trocar experiências com o professor, mas também a realizar estratégias de pesquisa importantes para o desenvolvimento grupal, entre elas: a resumir, localizar informações e fazer anotações. Desta forma, o docente atua como guia das discussões de modo a possibilitar ao discente a construção de sentidos referente à noção de gênero. Essa terceira fase, poderá levar certo tempo, o qual dependerá muito do nível dos alunos, além disso, é uma fase que requer do professor organização.

Nesta etapa, deve-se possibilitar aos alunos uma compreensão textual mais aprofundada, a qual deve passar pelas expressões linguísticas que se fizerem presentes, como escolha da construção do texto, para que os estudantes possam se apropriar de determinados padrões linguísticos que servirão, posteriormente, para a escrita dos seus próprios textos.

Assim, os estudantes devem construir um novo texto, mas do mesmo gênero e devem ser guiados pelo professor, para que possam alterar o Campo, as Relações e o Modo. Antes desses procedimentos, em preparação para a escrita independente, os discentes deverão se apropriar mais do gênero, reunindo informações acerca do campo, através de pesquisas, leituras, entrevistas, observações, anotações ou outras atividades contribuintes para a elaboração de um texto do mesmo gênero e modelo em estudo (Rothery, 1994).

O papel do professor é ensinar a escrita da linguagem, o qual deve atuar dando sugestões como outras palavras e estruturas mais condizentes à linguagem escrita. Por isso, é importante compreender que os estudantes desenvolvem-se em ritmos diferentes, o que exigirá de alguns deles mais tempos e maior número de atividades nesta etapa, assim, a seriação dos gêneros pode ser removida e os estudantes serão capazes de pesquisar e se mover no CEA independentemente.

Neste momento, os estudantes passam a compreender a importância do trabalho em equipe, enxergando toda a construção conjunta como um meio de preparação para a próxima atividade que exigirá deles mais conhecimentos, pois deverão construir um texto

individualmente considerando todo o conhecimento desenvolvido e aprimorado acerca do gênero textual.

2.10.4 Construção Independente

Nesta etapa, os estudantes produzirão individualmente e posteriormente realizarão as atividades de revisão e reescrita para a editoração das estórias, o que mostra a relação entre sistema e língua, entre leitura e escrita, sendo a construção do texto decorrente das escolhas feitas pelo falante e um importante instrumento para análise sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional.

Desta forma, os estudantes devem produzir seus textos neste estágio, além de passarem pelo processo tanto de revisão quanto de editoração dos textos (ROSE & MARTIN, 2012). Este modelo de trabalho se enquadra no estudo do gênero com base na Escola de Sydney e possibilita uma pedagogia mais visível e centrada no professor e nos objetos de ensino, sendo capaz de modelar o currículo em termos de práticas de letramento relevantes e mapear possíveis caminhos para o desenvolvimento das capacidades letradas, e aprendizagens dos alunos a desenvolver critérios mais seguros para assessorá-los e avaliá-los.

Ainda, nesta etapa, o docente assume o papel de modelar a linguagem dos estudantes de forma a aproximar a linguagem do novo texto ao nível de sofisticação pretendido. Assim, os discentes que se apropriam das características linguísticas para construir seus textos, prestam mais atenção à linguagem utilizada nos textos que serve como modelo e, assim, contribui para a apropriação da linguagem que reflete nas características e expressões que foram explicitamente modeladas.

A construção individual que compreende o estudo do mesmo gênero deverá ser revista pelo professor podendo também haver consulta com os colegas sobre a produção escrita, edição, reconstrução da escrita, sendo importante que ocorra uma avaliação crítica do sucesso que se encaminhe finalmente para a busca de uma Literácia Crítica, a qual corresponde à conscientização acerca do gênero do texto que acontece quando os estudantes usam o gênero para desafiar ideologias, teorias e práticas (ROSE & MARTIN, 2012).

Assim, os estudantes que não conseguirem atingir o nível esperado no primeiro momento precisarão de mais apoio, desta forma os alunos precisarão ser desafiados para que

possam aumentar o nível de vocabulário, estruturas, melhorar o nível de escrita e até mesmo o discurso do próprio campo, o que requer do professor preparação, principalmente, no que diz respeito à preparação de diferentes atividades para as possíveis respostas dos alunos.

As etapas apresentadas no CEA podem ser aplicadas em todos os níveis escolares e podem ser aplicadas a qualquer conteúdo, gênero, quaisquer das diferentes disciplinas, uma vez que são adaptáveis aos currículos. Quanto mais esta prática se tornar presente em sala de aula mais as etapas se tornarão mais curtas e a aprendizagem cada vez mais eficaz e significativa em todas as disciplinas curriculares. Um estudo dentro desta perspectiva de ensino tende a melhorar o desempenho dos estudantes, além de propiciar a formação de alunos independentes.

3. METODOLOGIA DE PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa intervencionista aplicada de caráter didático e acadêmico, seguindo os princípios do Ciclo de Ensino-Aprendizagem proposto por Martin e Rose (2012). Para tanto, este estudo traz uma reflexão do Ciclo de Ensino-Aprendizagem experienciado numa turma de 6º ano de Ensino Fundamental, centrado na relação do uso dos processos (formas verbais) com o contexto social de escolares do Município de Macaparana-PE e com a organização de ‘estórias’ na escola. Volta-se, sobretudo, para a prática pedagógica e, conseqüentemente, para mudanças no processo de ensino-aprendizagem de elementos gramaticais (especialmente, o uso dos verbos), sem desprezar o contexto social e os gêneros de família “estória”. Assim, a pesquisa propõe uma reflexão do uso dos processos em ‘estórias’ construídas em sala de aula, seguindo as diretrizes didáticas e teóricas de um Ciclo de Ensino-Aprendizagem, que considera o contexto sociocultural dos indivíduos, a língua e seus diferentes usos.

Mediante a esses aspectos, apresenta-se aqui uma discussão da abordagem metodológica e do método, destacando a caracterização da pesquisa, o contexto, a seleção do *corpus* e os procedimentos de análise dos dados.

3.1 Abordagem metodológica

A presente pesquisa é de cunho qualiquantitativo (OLIVEIRA, 2011), e de base Sistêmico-Funcional (HALLIDAY & MATHIESSEN, 2004). A primeira possibilita uma reflexão ao ciclo de ensino-aprendizagem, destacando as quatro etapas: negociação, desconstrução, construção conjunta e construção independente, e também, a identificação e quantificação das ocorrências dos elementos de transitividade, ou seja, os processos materiais, relacionais, existenciais, mentais, comportamentais e verbais; e a segunda foi utilizada para a classificação e interpretação da relação assumida pelo indivíduo a partir do uso dos processos demonstrados nos textos analisados, a fim de melhor compreender as manifestações dos recursos linguísticos utilizados pelos estudantes que está fundamentada no Sistema de Transitividade proposto por Halliday (2014) e no Ciclo de Ensino-Aprendizagem (ROSE & MARTIN, 2012) para o ensino de estórias na escola de modo sistemático e didatizador.

A análise, seguindo esses princípios, proporciona um maior nível de credibilidade e validade. De acordo com Oliveira (2011, p. 27-28), a abordagem quantitativa visa quantificar os dados obtidos, enquanto a qualitativa busca uma análise mais detalhada do objeto de estudo, a qual considera os pontos de vista e as práticas do campo como diferentes por estar relacionadas às perspectivas diversas e contextos sociais que a eles fazem referência. Além disso, pode apoiar a quantitativa a partir da comparação dos resultados quantificados, pois os aspectos estruturais são feitos com base nos métodos quantitativos e, conseqüentemente, os processuais com o uso da qualitativa.

A pesquisa desenvolveu-se a partir de uma visitação ao museu da cidade (memória local) e do depoimento de um morador (memória discursiva). Desse modo, a memória local é vista como um processo dinâmico que visa conhecer mais sobre a história da cidade, de forma a, valorizar a identidade local e praticar a cidadania, enquanto a memória discursiva é presumida a partir de um momento sócio-histórico e contribui para a compreensão das memórias como forma de transformação social.

3.2 Procedimentos de Coleta

O estudo foi realizado no Município de Macaparana, Estado de Pernambuco, em dois contextos: uma escola pública municipal e um museu. A escola, por ser o espaço do saber, em que o indivíduo amplia seu repertório linguístico e conhecimento quanto ao estudo de gramática para a sua vida e para sua formação social. Além de ser o local propício para o estudo da língua materna a partir de seus diferentes contextos. A escola ainda é o lugar em que se estuda a gramática e seus usos, a qual abre espaço para a aproximação da gramática internalizada com a aprendida no ambiente escolar. O museu por ser um monumento que retrata a história de Macaparana e por aproximar o cidadão macaparanense de sua cultura, de modo a conhecê-la melhor e apreciá-la.

3.3 Local de Estudo

A escola Municipal de Macaparana-PE, área de estudo desta pesquisa, é situada em uma comunidade, cujo público escolar é de vulnerabilidade social e de renda baixa com perspectiva de ascensão social restrita, mas apesar das dificuldades apresentadas, a escola busca meios de aproximar esses estudantes da leitura e da escrita com projetos de intervenção dentro desta perspectiva.

A maioria dos estudantes desta escola é oriunda da zona urbana e apresentam idades entre onze e treze anos. De acordo com a faixa etária desses discentes, percebe-se que alguns estão fora de faixa. O ensino, para estes, torna-se desmotivador por, muitas vezes, utilizar-se de metodologias tradicionais, distanciadas da reflexão de uso da língua em diferentes contextos. Percebe-se que a falta de leitura reflete na escrita e, conseqüentemente, nas produções textuais.

3.3.1 O Museu

O Museu Municipal Moura Cavalcanti está localizado no município de Macaparana, situado no prédio da prefeitura deste município com 87 anos de Emancipação Política. Grande parte do seu acervo foi conseguida pelo professor Geraldo Batista³, *in memoria*, que guardava preciosidades em sua própria casa, o qual não mediu esforços na busca de documentos, objetos e informações sobre a vida de Moura Cavalcanti⁴ e o passado de sua terra natal, Macaparana, localizada na região da Zona da Mata Norte (MEDEIROS, 2013).

Esse museu representa o marco inicial no resgate da rica e diversificada história do povo macaparanense. Foi inaugurado com o acervo do ex-governador Moura Cavalcanti, documentos de pessoas que se destacaram nas áreas de Saúde, Educação, Economia e com a presença marcante do homem do campo com seus engenhos históricos.

3.4 CORPUS: SELEÇÃO E COLETA

O *corpus* da pesquisa consiste em quarenta textos: vinte textos (produção inicial); sendo três narrativas, sete comentários e dez relatos, quadro 18, e por vinte textos (produção final) sendo seis narrativas, oito relatos e seis comentários, quadro 19, produzidos por estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, além de um depoimento de morador local. É importante destacar que, no momento da produção inicial, pediu-se aos estudantes que contassem uma estória a partir da visita ao museu e do depoimento do morador, e, eles foram além ao produzir narrativas, relatos e comentários (observações).

³ Geraldo Batista dos Santos - professor, historiador e pastor evangélico, verdadeiro visionário que escreveu um livro intitulado “Macaparana Centenária”, que conta grande parte da história local, mas não foi publicado. Nasceu em 1960 e faleceu em 2014. Descendente de tradicional família da aristocracia açucareira da região da Mata Norte de Pernambuco.

⁴ José Francisco de Moura Cavalcanti - advogado, administrador, político, orador e memorialista pernambucano, iniciou sua carreira política com apenas vinte anos de idade, tornando-se prefeito de Macaparana, também foi governador de Pernambuco. Nasceu em 1925 e faleceu em 1994.

Quadro 18: Produção inicial

Produção Inicial			
Participantes	Título	Modo	
		Texto	Gênero
P-01	Museu de Macaparana	Narrativo	Comentário
P-02	A história de Macaparana a partir do Museu	Narrativo	Comentário
P-03	Museu	Narrativo	Relato
P-04	O museu	Narrativo	Narrativa
P-05	Visitando o museu	Narrativo	Comentário
P-06	Relato de um aluno sobre o museu	Narrativo	Relato
P-07	O museu de Macaparana	Narrativo	Comentário
P-08	A amada Macaparana	Narrativo	Relato
P-09	Museu Municipal Moura Cavalcanti	Narrativo	Comentário
P-10	Moura Cavalcanti	Narrativo	Comentário
P-11	Museu Moura Cavalcanti	Narrativo	Relato
P-12	Visita ao museu	Narrativo	Relato
P-13	A história de Macaparana	Narrativo	Relato
P-14	Macaparana e sua história	Narrativo	Narrativa
P-15	Macaparana	Narrativo	Relato
P-16	Relatório	Narrativo	Comentário
P-17	Museu José Francisco Moura Cavalcanti	Narrativo	Relato
P-18	Minha Macaparana	Narrativo	Narrativa
P-19	Macaparana e sua cultura	Narrativo	Relato
P-20	Uma visita ao museu	Narrativo	Relato

Quadro 19: Produção final

Produção Final			
Participantes	Título	Modo	
		Texto	Gênero
P-01	Um pouco sobre Macaparana	Narrativo	Narrativa
P-02	A amada Macaparana	Narrativo	Narrativa
P-03	Um lugar nunca imaginado	Narrativo	Narrativa

P-04	História de minha cidade	Narrativo	Narrativa
P-05	Cultura de Macaparana	Narrativo	Comentário
P-06	Macaparana	Narrativo	Comentário
P-07	Macaparana e sua história	Narrativo	Relato
P-08	A minha cultura	Narrativo	Relato
P-09	A estória	Narrativo	Narrativa
P-10	A linda Macaparana	Narrativo	Narrativa
P-11	Minha cidade, meu orgulho	Narrativo	Relato
P-12	Terra de muitas histórias	Narrativo	Comentário
P-13	Orgulho de um Macaparanense	Narrativo	Comentário
P-14	Minha história, minha cultura	Narrativo	Relato
P-15	Minha cidadezinha	Narrativo	Relato
P-16	A vida de um povo	Narrativo	Comentário
P-17	O povo macaparanense	Narrativo	Relato
P-18	Festividades de Macaparana	Narrativo	Comentário
P-19	Um passeio inesquecível em terras macaparanense	Narrativo	Relato
P-20	A história de um povo	Narrativo	Relato

Todos esses textos foram coletados durante a aplicação da proposta interventiva experienciada em sala de aula. Para tanto, os textos foram produzidos em dois momentos: (1) produção da estória de Macaparana após a visita ao museu (1ª etapa do ciclo de ensino-aprendizagem); (2) produção da estória de Macaparana (4ª etapa do ciclo de ensino-aprendizagem). Essa iniciativa tem como objetivo melhorar a prática de leitura e de escrita dos estudantes que fazem parte dessa instituição de ensino, e, é um modelo para outras instituições, de forma a promover atividades diversificadas que visam o envolvimento do estudante com o universo leitor e, conseqüentemente, com a produção escrita.

3.5 Participantes da Pesquisa

Esta pesquisa tem como participantes vinte estudantes do Município de Macaparana-PE. Os estudantes, entre onze e treze anos de idade, são matriculados no 6º ano do Ensino

Fundamental de uma Escola Municipal de Macaparana. Eles são moradores de bairros próximos à escola e de distritos do município, sendo quatro repetentes, conforme quadro 20, abaixo:

Quadro 20: Identificação dos participantes⁵

Identificação dos Participantes	Idade	Quantidade de Repetência
Part. (01 a 16)	11	-
Part. (17 a 19)	12	01
Part. (20)	13	02

3.6 Procedimentos de Análise

Atendo-se aos objetivos propostos para esta pesquisa, iniciou-se a investigação, tendo como principal requisito a observação e análise do contexto de situação e de cultura das estórias (narrativas, relatos e comentários) produzidas pelos estudantes do 6º ano, seguindo os estudos da Pedagogia de Gêneros de Martin e Rose (2008).

Para tanto, é apresentada uma proposta didática interventiva de um ciclo de ensino-aprendizagem, centrada na Linguística Sistêmico-Funcional, envolvendo contexto social, leitura, produção de estórias, revisão e editoração, que deu origem ao *corpus* deste estudo.

3.7 Proposta didática interventiva

Para tanto, é proposto um Ciclo de Ensino-Aprendizagem, focalizado nos estudos de Rothery (1994) e ampliado por Rose e Martin (2012) seguindo as etapas: negociação do campo (tópico), desconstrução, construção conjunta e construção independente, conforme o quadro 21, a seguir:

⁵ No decorrer do texto, para se referir aos participantes da pesquisa utilizar-se-á (P).

Quadro 21: PROPOSTA DE CICLO DE ENSINO-APRENDIZAGEM CENTRADO NO USO DOS PROCESSOS PARA O 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Etapas	Ciclo de Ensino	Especificidade	Atividade Didática	Instrumento
Etapa 01	Negociação do Campo	Orientação didática;	Instrução de atividade.	Instrução
		Visitação ao museu;	Levantamento do conhecimento prévio sobre a cultura de Macaparana.	Questionário (cinco questões); Debate em sala de aula.
		Depoimento do morador;	Leitura do depoimento em sala.	Depoimento gravado (transcrição do mesmo).
		Produção de estória de Macaparana.	Produção de 'estórias' na sala de aula.	Relato, comentário e narrativa.
Etapa 02	Desconstrução	Caracterização do contexto de cultura;	Leitura coletiva e individual de uma produção do aluno após a visitação ao museu.	Conversação em sala de aula referente à temática.
		Caracterização do contexto de situação;	Análise dos elementos de transitividade utilizados pelos estudantes.	Discussão sobre os processos presentes nos textos.
		Caracterização e identificação da estrutura das estórias produzidas;	Preenchimento em grupo de tabelas envolvendo a estrutura das estórias produzidas.	Esquematisação e socialização das respostas.
		Caracterização e identificação das escolhas léxico-gramaticais.	Leitura de um texto da família do gênero 'estória' produzido na primeira etapa do ciclo.	Conversação sobre a produção escrita.
Etapa 03	Construção conjunta	Diálogo com as estórias produzidas;	Leitura individual das estórias produzidas pelos estudantes após a visitação ao museu.	Discussão sobre o campo (assunto) das estórias.
		Caracterização do campo e do contexto de situação.	Em grupo, os alunos realizaram a leitura do que fora por eles pesquisado.	Socialização das pesquisas realizadas; Debate.
		Produção coletiva de uma 'estória'.	Produção coletiva em sala de aula.	Produção de uma narrativa.
		Identificação dos elementos léxico-gramaticais e estruturação do texto oração por oração.	Construção de gráfico; Análise das escolhas léxico-gramaticais.	Discussão dos processos e dos participantes da oração; Questionamentos sobre as categorias dos processos.
Etapa 04	Construção independente	Produção individual de uma estória;	Produção individual de uma estória.	Produção escrita.
		Reescrita da narrativa observando a estrutura, a informatividade e a temática;	Correções realizadas pelo estudante com o auxílio do professor.	Revisão do texto.
		Avaliação crítica e escrita ortográfica;	Leitura da produção.	Socialização dos textos produzidos.
		Editoração das estórias.	Organização dos textos para editoração.	Divulgação do livro.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta parte, apresenta-se uma análise e discussão dos resultados obtidos durante a aplicabilidade do Ciclo de Ensino-Aprendizagem proposto a uma turma do 6º ano do Ensino fundamental de uma escola pública do município de Macaparana-PE, seguindo os princípios da Linguística Sistêmico-Funcional, disposto em três partes:

- i. Descrição das atividades realizadas durante as etapas desenvolvidas no Ciclo de Ensino-Aprendizagem com enfoque na cultura local, na leitura, na escrita e na produção de textos;
- ii. Análise de dois grupos de textos (produção inicial e final) produzidos durante o Ciclo de Ensino-Aprendizagem sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional, especificamente o Sistema de Transitividade (destacando os processos e os participantes da oração), visto que traduz o conhecimento experiencial dos aprendizes dentro do contexto que estão inseridos;
- iii. Análise comparativa dos resultados das produções textuais (inicial e final) produzidas no Ciclo de Ensino-Aprendizagem.

No decorrer da análise, refletiu-se sobre o uso destas escolhas na escrita de histórias na escola e, conseqüentemente, no processo de leitura.

4.1 Vivência do Ciclo de Ensino e Aprendizagem (CEA)

Propõe-se, neste capítulo, um ciclo de ensino-aprendizagem, focalizado nos estudos de Rose e Martin (2012), destacando o sistema de transitividade de Halliday (2014) e Halliday & Matthiessen (2004) a partir de um ensino voltado a escolhas léxico-gramaticais, à leitura e à produção de textos na escola capaz de viabilizar uma proposta pedagógica relacionada ao gênero ‘estória’, levando em consideração o contexto social, revisão e publicação.

A intenção desta proposta é apresentar e analisar um Ciclo de Ensino-Aprendizagem por ser um meio de auxiliar o professor na prática em sala de aula de gramática articulada com a leitura e a produção de texto e, sobretudo, ao contexto sociocultural dos estudantes.

Diante do que vem sendo trabalhado em sala de aula e do que é proposto pelos PCN, no que diz respeito ao estudo dos elementos gramaticais do texto escrito e dos gêneros em

aulas de Língua Portuguesa e o que está presente no currículo do estado de Pernambuco, houve a aplicação desse Ciclo de Ensino-Aprendizagem. A pretensão consistiu em direcionar uma proposta capaz de incluir e de relacionar o contexto a partir de uma visão sistêmica de compreender a língua enquanto uso, principalmente, o uso de escolhas léxico-gramaticais.

4.1.1 Negociação do campo

De acordo com Rose e Martin (2012) na etapa da Negociação do Campo deve-se explorar o campo, de modo a enfatizar a experiência compartilhada do assunto ao ensinar gênero. Nesta etapa, orientou-se sobre quais seriam as atividades para a escrita em cada etapa.

Contudo, para a primeira etapa – negociação do campo - propôs-se algumas atividades, conforme o quadro 22:

Quadro 22: Distribuição das atividades da Negociação do Campo

Etapas	Ciclo de Ensino	Especificidade	Atividade Didática	Instrumento	Quantidade de aulas
Etapa 01	Negociação do Campo	1. Orientação didática;	- Instrução de atividade.	- Instrução	1 aula de 50 min.
		2. Visitação ao museu;	-Levantamento do conhecimento prévio sobre a cultura de Macaparana.	- Questionário (cinco questões); - Debate em sala de aula.	3 aulas de 50 min.
		3. Depoimento do morador da comunidade;	- Leitura do depoimento em sala.	- Depoimento gravado (transcrito pela professora-pesquisadora).	2 aulas de 50 min.
		4. Produção de estória de Macaparana após a visitaçao ao museu.	- Produção de ‘estórias’ na sala de aula.	- Relato, comentário e narrativa.	2 aulas de 50 min.

Nesta etapa, foram realizadas negociações para a produção da família de gênero estória para isso foram realizadas atividades referentes à linguagem, à temática e à estrutura do texto, as quais foram postas em prática durante a produção escrita do gênero. Desta forma,

esta primeira etapa do ciclo foi dividida em três momentos, de acordo com o quadro 23, abaixo:

Quadro 23: Negociação do Campo - Etapas

Motivação para a produção	Levantamento do conhecimento prévio	Exploração do campo
- Orientação didática para a apresentação das etapas que fazem parte do ciclo a partir da qual se desenvolverá a produção do gênero da família estória.	- Socialização dos conhecimentos prévios dos estudantes acerca do gênero da família estória através de reflexões sobre suas vivências de mundo.	- Debate do tópico a partir da visita ao museu e do depoimento de um morador com enfoque na temática e na leitura de estórias.

1º Momento: Motivação para a produção

Neste momento, foi apresentado aos estudantes detalhes dos procedimentos das atividades que foram desenvolvidas no decorrer da aplicação do ciclo de ensino-aprendizagem, para que os mesmos ficassem cientes de cada etapa de forma a colaborar com cada uma para melhor envolvimento com as atividades, favorecendo com isso o processo de ensino-aprendizagem na sala de aula por meio do estudo do gênero estória. A constar: visita ao museu de Macaparana; produção de um texto do gênero estória a partir da visita; depoimento de um morador da cidade; leitura de três textos do gênero estórias e análise do contexto de situação e de cultura, considerando (campo, relações e modo); caracterização dos elementos léxico-gramaticais; produção de uma estória (coletiva e individual) para ficar exposta no museu da cidade de Macaparana, a qual constará de produção, revisão e editoração presente na proposta do Ciclo de Ensino-Aprendizagem.

Todos concordaram com a instrução e assim iniciou-se uma discussão sobre as características textuais das estórias, principais temáticas e assuntos, as quais serão detalhadas, a seguir.

2º Momento: Levantamento do conhecimento prévio

Nesta etapa ocorreu a ativação do conhecimento prévio dos estudantes a partir de uma reflexão envolvendo suas vivências sociais e culturais. Segundo Solé (1998), além do conhecimento prévio, a confiança e a motivação são necessárias para o êxito da leitura e garantem a atenção do leitor. Desta forma, o conhecimento prévio precisa ser considerado e aplicado em sala de aula, pois a compreensão textual acontece a partir de sua utilização, pois o escritor utiliza-se de todo o conhecimento linguístico, textual e de mundo que faz parte de sua trajetória de vida para construir o sentido do texto, o que implica dizer, também, que não haveria compreensão se antes não houvesse engajamento do conhecimento prévio.

Houve o levantamento do conhecimento prévio e algumas indagações direcionaram esse momento, conforme é possível observar no quadro 24, abaixo:

Quadro 24: Conhecimento do aluno sobre o gênero estória – Distribuição das respostas do Questionário Sociocultural

QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL			
Perguntas	Respostas obtidas	Quantitativo de alunos que não responderam	Quantitativo de alunos que responderam
Você lê estória?	Sim	-	16
	Às vezes	-	04
Em qual (is) suporte(s) você costuma ler essas estórias? Em livros, revistas ou na internet?	Em livros	01	12
	Na internet		07
Qual é o assunto das estórias que você lê?	A natureza	-	07
	Os animais	-	05
	Muitas coisas	-	04
	Não lembro	-	04
Você já leu estória sobre Macaparana?	Sim	-	17
	Não	-	03
Você gostaria de conhecer mais coisas sobre a cultura local?	Sim	-	18
	Não	-	-
	Talvez	-	02

Após os questionamentos acerca do gênero estória. Ainda nesta etapa, os estudantes do 6º ano fizeram uma visita ao museu Moura Cavalcanti, de forma a ampliar os conhecimentos sobre o campo (assunto). Os estudantes se envolveram bastante, pois essa estratégia de ensino além de motivá-los por ultrapassar os limites do espaço da sala de aula, permitiu uma formação das múltiplas dimensões: históricas, políticas e culturais do local que mora, de forma a investigar a hipótese da circularidade da cultura. Nesta etapa, os estudantes puderam construir uma linguagem mais acessível ao gênero estória conforme realizavam a visitação.

Desse modo, os aprendizes puderam ampliar seus conhecimentos, tomando como base o acervo disponibilizado, onde puderam observar utensílios utilizados por antigos moradores que fizeram e fazem parte da história de Macaparana; objetos de armamentos que foram colecionados pelo professor Geraldo (*in memoria*) visionário deste monumento cultural; fotografias dos políticos que administraram este município; além de outros instrumentos que revelam a cultura local.

Esta visita proporcionou uma verdadeira viagem ao passado da história de Macaparana associada às funções recorrentes da experiência cultural e humana. Terminada a visitação retornou-se à escola.

Em outro momento, em outra aula, houve a socialização de um depoimento de um morador, relatando fatores contribuintes para o desenvolvimento deste município, entre eles: construção das primeiras moradias, a história do nome do município e as tradicionais festividades do povo macaparanense. Assim, ampliou-se o repertório linguístico dos discentes referente ao Campo (assunto) e a temática (História de Macaparana), proporcionando-lhes conhecimentos necessários a serem retomados posteriormente nas produções textuais. O depoimento pode ser conferido no quadro 25, abaixo.

Quadro 25: Depoimento do morador (S. J.S/ Idade: 87 anos)

Depoimento

Eu vou falá um pouco sobre Macaparana. Aqui eu vivi o melhor de minha vida e vi essa cidade crescer. José Francisco morava no engenho Macapá e um dia um homem chamado Manoel fez uma casa lá nas terras dele, mas como naquele tempo não tinha muita modernidade como tem hoje, ele usou taipa para fazer o rancho dele.

E assim as pessoas foram construindo casa e formando a vila de Macapá. Era assim que se chamava essa cidade quando Mário Melo deu o nome. Até que um dia mudaram o nome dela para Macaparana porque já tinha outra cidade com esse nome. Muitos prefeitos passaram por essa cidade, mas o

primeiro mesmo foi seu João Francisco, ele ajudou Macaparana a crescer.

A gente trabalhava criando gado, cortano cana e ganhava dinheiro com isso. Hoje isso não dá dinheiro para gente como dava. Macaparana é formada por muito engenho, as festas daqui é muito boas, muitas pessoas vêm paqui e se divertem, tem muita dança e muita música. Macaparana era mais calma, mas agora está tendo muito assalto.

Realizou-se a gravação do depoimento e, posteriormente, fez-se a transcrição, procurando aproximar a linguagem falada da linguagem escrita, mas deixando ainda algumas marcas de oralidade como “cortano” em vez de “cortando”, “paqui” em vez de “aqui”, “falá” em vez de “falar”, e algumas concordâncias como “as festas é” em vez de “as festas são”, como forma de garantir a expressividade da linguagem falada.

O morador relata como foi o seu envolvimento com o lugar que mora, bem como, o que fez e como as pessoas se comportavam naquela época. Além disso, destaca como a cidade foi se formando, a qual era uma vila. No depoimento, o morador deixou clara a diferença com relação à violência em Macaparana, a convivência e o estilo de vida.

No depoimento, percebe-se a preocupação do morador em destacar o que foi feito até Macaparana tornar-se cidade e como ela era. Para tanto, utilizou-se dos processos materiais (fazer) e dos relacionais (ser), que segundo Halliday (2014) é o tipo de processo responsável por expressar a capacidade de enxergar o que acontece à nossa volta, como as pessoas agem e como fazem acontecer, os quais dizem muito a respeito do indivíduo, sendo possível entender que ao falar da história de sua própria cultura o indivíduo busca dizer o que fez, o que ele é, e também, o que outras pessoas fizeram por Macaparana.

Após essa atividade, a professora questionou os estudantes acerca do que fora visto no museu e o que aprenderam a partir do depoimento do morador. Em seguida, solicitou que produzissem uma estória sobre a história de Macaparana, a partir dos conhecimentos que já tinham e dos adquiridos durante esses dois momentos, ou seja, visita ao museu e o depoimento do morador. Como pode ser visto alguns exemplos dessas produções nos quadros 26 e 27, a seguir:

Quadro 26: Exemplo de texto - Negociação do Campo (P 01/ANEXO 01)

<p>1 História de Macaparana a partir do museu. No museu moura calvalcati, vimos varias coisa foto e obejeto que foram utilizados por ao guma pessoais naquela epoca. O nome do museu ve de um pessoal muito importante o ex governador d pernambuco. Em todo esse tempo tava se passano a 2ª guerra mundi au. Anita de Moraes foi a unica mulher a se eleger prefeita na cidade. Que troxe o hospital pra cá foi o prefeito Joaqui im francisco e Luiz Gonzaga ve tb participa da inalguração. Vimos a igreja que tem em Monte Alegre e que tem um semitero do lado que so em terrava pessoa de familia.</p>	<p>A HISTÓRIA DE MACAPARANA A PARTIR DO MUSEU</p> <p>No museu moura calvalcati, vimos varias coisa foto e objeto que foram utilizados por ao guma pessoais naquela epoca. O nome do museu ve de um pessoal muito importante, o ex governador d pernambuco.</p> <p>Em todo esse tempo tava se passano a 2ª guerra mundiau. Anita de Moraes foi a unica mulher a se eleger prefeita na cidade.</p> <p>Que troxe o hospital pra cá foi o prefeito Joaquim Francisco e Luiz Gonzaga ve tb participa da inalguração. Vimos a igreja que tem em Monte Alegre e que tem um semitero do lado que so emterrava pessoa de família.</p>
--	--

Quadro 27: Exemplo de texto – Negociação do Campo (P 11/ANEXO 01)

<p><u>Moura Cavalcanti</u></p> <p>Fomos visita o museu, lá tem varios documento de moura Cavalcanti que foi advogado, politico, entre outras coisas. Ele foi decemdemte da familia da harístocacia açucareira da região mata norte, já se tornouçe prefeito de Macaparana e foi governado de Pernambuco. E no museu tem varios outros documento de pessoas que se destacou na Educação, saúde, Economia e outras coisas. E também no museu tem a presensa dos engenho.</p>	<p>MOURA CAVALCANTI</p> <p>Fomos visita o museu. Lá tem vários documento de Moura Cavalcanti que foi advogado, político, entre outras coisas. Ele foi decemdemte da familia da harístocacia açucareira da região Mata Norte, já se tornouçe prefeito de Macaparana e foi governado de Pernambuco. E no museu tem vários outros documento de pessoas que se destacou na Educação, saúde, Economia e outras coisas. E tambem no museu tem a presensa dos engenho.</p>
--	---

Houve a socialização de dez das produções dos alunos, as demais foram lidas em outro momento. Os textos foram lidos, facilitando o entendimento do assunto e do gênero estória. Assim, foi possível reunir nas estórias as vozes múltiplas dos estudantes numa síntese escrita capaz de dar outros sentidos e referências à história de Macaparana e ao patrimônio musealizado.

Para tanto, foi lido um texto da família estória produzido nesta etapa do ciclo, que pode ser observado no quadro 28, a seguir. No primeiro momento, a leitura foi realizada de forma individual e depois coletiva.

Quadro28: Exemplo de texto – Negociação do Campo (P 03/ ANEXO 01)

<p style="text-align: center;"><u>Museu</u></p> <p>No museu Mora Calvalcanti fala como surgiu a querida Macaparana. Surgi a partir de uma casa de taipa construida por Manuel Pangenge em terras do fazendero José Francisco do Rego Calvalcanti. A construção dessa casa de taipa passaria a servir como ponto de apoio para os comerciantes. Macaparana é formada pôr enjenho, usinas, fazendas, sítio, vilas e povoado (Poço Cumprido, Pirauá e Lagoa Grande). O primeiro nome que a cidade teve foi Macopá.</p> <p>● A historia do município de Macaparana tem muito em comum com o desenvolvimento da agricultura e da pecuária nessa região. A agricultura Canavieira, a criação de gado, a bananicultura, juntamente com o potencial dos enjenhos da cana-de-açúcar e aguardente de família tradicionais, como destaque a família Calvalcanti, além do potencial turístico, tem favorecido o desenvolvimento do município no âmbito do bem estar populacional.</p>	<p style="text-align: center;">MUSEU</p> <p>No Museu Mora Calvalcanti fala como surgiu a querida Macaparana. Surgi a partir de uma casa de taipa construida por Manuel Pangenge em terras do fazendero José Francisco do Rego Calvalcanti. A construção dessa casa de taipa passaria a servir como ponto de apoio para os comerciantes. Macaparana é formada pôr enjenho, usinas, fazendas, sítio, vilas e povoado (Poço Cumprido, Pirauá e Lagoa Grande). O primeiro nome que a cidade teve foi Macopá.</p> <p>A historia do Município de Macaparana tem muito em comum com o desevolvimento da agricultura e da pecuária nessa região. A agricultura Canavieira, a criação de gado, a bananicultura, juntamente com o potencial dos enjenhos da cana-de-açúcar e aguardente de família tradicionais, como destaque a família Calvalcanti, além do potencial turístico, tem favorecido o desenvolvimento do município no âmbito do bem estar populacional.</p>
---	--

Depois do texto projetado em datashow e de cada aluno receber uma cópia do mesmo, deu-se início as discussões. Algumas indagações nortearam esse momento:

1. A estória lida por vocês, projetada em datashow, fala sobre o quê?

Exemplo (01): “Os estudantes responderam que retratava a história de Macaparana, como surgiu e como foi crescendo e se desenvolvendo”.

2. Este texto relata fatos importantes da cidade? Quais?

Exemplo (02): “Sim. A casa de taipa, os engenhos, a agricultura, as famílias de Macaparana”.

3. De acordo com o texto, quem o escreveu aprecia a cidade que mora?

Exemplo (03): “Sim”.

4. O que você acrescentaria nesse texto, considerando a cultura macaparanense?

Exemplo (04): “A maioria respondeu que escreveria sobre os pontos turísticos, o início do comércio, a formação das primeiras moradias, sobre os engenhos e a agricultura. Apenas quatro estudantes nada acrescentariam; consideraram o texto como ótimo”.

3º Momento: Exploração do campo

Considerando as produções realizadas pelos estudantes e o depoimento do morador, foi realizada uma reflexão sobre as condições sociais sob as quais os textos são produzidos, considerando a variável campo, que segundo Halliday (2014), refere-se às representações das experiências do mundo interior e exterior.

Por isso, foi necessária a leitura de histórias relacionadas ao mesmo campo (assunto), pois de acordo com Fuzer e Cabral (2010, p. 18), o campo é uma das variáveis do contexto de situação que corresponde à atividade que está acontecendo e à ação social, na qual os participantes estão envolvidos. Desse modo, foi solicitado que houvesse a socialização das demais produções textuais dos alunos, todos leram e terminada a leitura, em dupla, a professora perguntou quais foram os processos (formas verbais) utilizados por eles para caracterizar Macaparana e para indicar o que havia no museu que remetia a história de Macaparana. As respostas obtidas, ou seja, os processos falados foram postos no infinitivo para melhor agrupamento, como pode ser conferido no quadro 29, abaixo:

Quadro 29: Escolhas léxico-gramaticais realizadas pelos discentes

Escolhas léxico-gramaticais feitas pelos estudantes		
Perguntas	Respostas	
Verbos caracterizadores da cidade de Macaparana	Estar	Ser
	Virar	Possuir
Verbos indicadores do que havia no museu	Ter	Ver
	Observar	Existir
	Haver	Lembrar

Desta forma, os estudantes refletiram sobre as escolhas léxico-gramaticais que fizeram durante a escrita para expressar para o leitor a sua ideia e assim puderam perceber a relação desses processos (grupos verbais) com a temática do seu texto. Além de analisar as condições sociais sob as quais os textos foram produzidos.

Ainda nesta etapa, apresentou-se, aos estudantes, em slides, um quadro contendo os tipos de processos, e exemplos de alguns verbos utilizados em suas produções, para que eles pudessem entender os usos que faziam e se esses eram pertinentes para o gênero textual que estavam produzindo, objetivando melhor seleção dos elementos gramaticais, especificamente, os processos para a construção do gênero da família estória.

Quadro 30: Distribuição de processos nas produções dos escolares

Tipos de processos	Significados da categoria	Exemplos de verbos nas orações
Material	<u>Fazer</u> Acontecer	(P03) Uma casa de taipa construída por Manoel Panguengue.
Mental	Perceber Pensar <u>Sentir</u> Desejar	(P13) Não me lembro de muitas coisas.
Relacional	<u>Caracterizar</u> Identificar	(P08) Macapá virou cidade.
Comportamental	<u>Comportar-se</u>	Moura Cavalcanti dormia . (P09)
Verbal	<u>Dizer</u>	(P05) No museu relata todos os acontecimentos.
Existencial	<u>Existir</u>	(P18) Não tinha essa bandidagem.

(com base em HALLIDAY & MATHIESSEN, 2004)

A projeção do quadro foi feita, em primeiro momento no datashow, para que os estudantes pudessem compreender melhor os processos que utilizavam em seus textos e os que iriam utilizar durante as produções textuais (coletiva e individual). A professora explicou cada tipo de processo tomando como base os exemplos apresentados no quadro 30 e o depoimento do morador, o qual foi exposto em slides.

É importante destacar que o texto original não foi projetado para os alunos, mas um a partir da transcrição realizada pela professora-pesquisadora desconsiderando marcas da oralidade, como pode ser conferido no quadro 31, abaixo:

Quadro 31: Depoimento do morador (S. J. S)

Eu **vou falar** um pouco sobre Macaparana. Aqui eu **vivi** o melhor de minha vida e **vi** essa cidade crescer. José Francisco **morava** no engenho Macapá e um dia um homem **chamado** Manoel **fez** uma casa lá nas terras dele, mas como naquele tempo não **tinha** muita modernidade como tem hoje, ele **usou** taipa para fazer o rancho dele.

E assim as pessoas **foram construindo** casa e **formando** a vila de Macapá. Era assim que se **chamava** essa cidade quando Mário Melo **deu** o nome. Até que um dia **mudaram** o nome dela para Macaparana porque já **tinha** outra cidade com esse nome. Muitos prefeitos **passaram** por essa cidade, mas o primeiro mesmo **foi** seu João Francisco, ele **ajudou** Macaparana a crescer.

A gente **trabalhava criando** gado, **cortando** cana e **ganhava** dinheiro com isso. Hoje isso não **dá** dinheiro para gente como dava. Macaparana **é formada** por muito engenho, as festas daqui **são** muito boas, muitas pessoas **vêm** aqui e se **divertem**, **é** muita dança e muita música.

Macaparana **era** mais calma, mas agora **está tendo** muito assalto.

Por meio desta leitura os alunos obtiveram melhor entendimento do gênero, fazendo inferências sobre a estrutura e os elementos da narrativa, além de conhecer e identificar elementos de transitividade. Assim, puderam entender que o conhecimento de gramática ajuda na produção e compreensão do texto e nas escolhas léxico-gramaticais que devem estar de acordo com o gênero textual escolhido/sugerido.

Em um segundo momento, refletiu-se sobre a função assumida pelos processos e sobre a importância de adequá-los ao gênero e ao que queremos dizer. Essa reflexão foi importante porque os alunos puderam pensar melhor nas escolhas que faziam. Ao indagá-los a respeito do uso dos processos nas produções, a maioria dos alunos respondeu que tem que haver uma adequação, apenas três, num total de vinte, disseram não achar necessária essa adequação. Posteriormente foi entregue aos estudantes uma cópia contendo os tipos de processos que fora exposta em slides, quadro 30.

Após as considerações dos estudantes, a professora-pesquisadora direcionou as discussões, mostrando a importância de valorizar a cultura local. Os estudantes relembrou o que aprenderam sobre a história de seu município depois da visita ao museu e do

depoimento do morador. As opiniões dos estudantes, aqui expostas, podem ser identificadas pelo uso das aspas e do negrito.

Durante a discussão, a maioria dos estudantes falou a respeito de Macaparana pertencer a São Vicente antes da emancipação. **“Eu achei bastante interessante saber que Macaparana antes era uma vila e que pertencia a São Vicente.”** Conhecer essa parte da história da cidade chamou muita atenção dos alunos, que ficaram admirados e ainda mais curiosos para aprender mais sobre a história e a cultura local. **“Teve uma briga grande para ver onde ficaria a prefeitura.”** Foi bastante intrigante esse conhecimento. Por questões políticas trouxeram a sede da prefeitura de São Vicente para Macaparana, assim São Vicente passou a ser vila no lugar de Macaparana. Com relação aos engenhos, muitos não sabiam de sua importância tão marcante. **“Os engenhos dizem muita coisa da história da gente, Macaparana cresceu por causa dos engenhos. No museu tem muita foto de engenho.”** E assim foram relatando o que aprenderam.

Após este momento, os alunos puderam refletir a respeito dos aspectos relacionados à temática, pois a professora-pesquisadora explorou, oralmente, o conhecimento dos educandos com relação à sua capacidade narrativa, sua vivência e seus valores socioculturais.

4.1.2 Desconstrução do Gênero

Conforme os postulados de Rose e Martin (2012), a segunda etapa permite que os discentes explorem o contexto de cultura e de situação, as funções dos estágios do texto e suas características de linguagem. Para melhor compreensão dos estudantes, nesta etapa, optou-se por algumas atividades de desconstrução, como pode ser observado no quadro 32:

Quadro 32: Distribuição das atividades da Desconstrução do gênero

Etapas	Ciclo de Ensino	Especificidade	Atividade Didática	Instrumento	Quantidade de aulas
Etapa 02	Desconstrução	- Caracterização do contexto de cultura: o propósito sociocultural do gênero	- Leitura coletiva e individual de uma produção do aluno após a visita ao museu (Primeira	- Conversação em sala de aula referente à temática.	1 aula de 50min.

		estória;	etapa do ciclo).		
		- Caracterização do contexto de situação (campo, relações, modo) das histórias produzidas pelos alunos durante a visitação ao museu;	- Análise dos elementos de transitividade utilizados pelos estudantes.	- Discussão sobre os processos presentes nos textos.	1 aula de 50 min.
		- Caracterização e identificação da estrutura das estórias produzidas pelos estudantes: organização em estágios;	- Preenchimento em grupo de tabelas envolvendo a estrutura das estórias produzidas.	- Esquematização e socialização das respostas.	2 aulas de 50 min.
		- Caracterização e identificação das escolhas léxico-gramaticais que representam a cultura de Macaparana realizada pelos estudantes de modo a analisar o uso dos processos e de seus respectivos participantes.	- Leitura de um texto da família do gênero 'estória' produzido na primeira etapa do ciclo.	- Conversação sobre a produção escrita.	1 aula de 50 min.

Nesta segunda etapa, desconstrução do gênero, aprofundou-se o estudo da família do gênero estória e o objetivo desta parte do ciclo foi levar os estudantes a conhecer o contexto de produção das estórias produzidas na etapa anterior, mostrando os propósitos, as etapas da construção narrativa, as fases e as principais marcas linguísticas desses textos, preparando-os para a leitura e produção de estórias: narrativas, relatos e comentários. Por isso, foram apresentados aos estudantes dois textos da família do gênero estória, levando em consideração os contextos de cultura e de situação (campo, relações e modo). Pois para Halliday (1994) é o contexto de cultura que determina o código. Logo, a língua se manifesta através de textos e a cultura se manifesta através de situações. Assim sendo, o código engendra a cultura, e isso

proporciona uma inércia poderosa para o processo de transmissão, a ponto que, ao falar de ‘funções sociais’ da linguagem, referimos a formas estabilizadas características de contextos situacionais.

Um dos modelos seguiu a estrutura laboviana, a fim de possibilitar uma compreensão melhor do que seria estudado. Com a finalidade de observar em que medida os aspectos trabalhados nas atividades de desconstrução do gênero contribuem para a produção de textos. Para tanto, buscou-se:

- Analisar o propósito social do gênero, o contexto de produção e as intencionalidades do autor;
- Observar a estrutura do texto;
- Identificar o assunto do texto;
- Explorar o potencial semântico dos elementos de Transitividade utilizado pelo escritor do texto.

Neste estágio, os textos modelos foram introduzidos pela professora-pesquisadora no intuito de proporcionar uma maior familiarização com o gênero estudado. Esse momento da desconstrução permitiu que a professora introduzisse de forma mais aprofundada as histórias escolhidas que tratavam do mesmo assunto (campo). Assim, nesta etapa, apresentou-se, inicialmente, aos estudantes um texto produzido por um dos discentes do 6º ano na primeira etapa do ciclo, quadro 33. O objetivo da atividade era trabalhar o contexto de situação, cujo assunto está relacionado às questões sociais e culturais, sempre muito presentes no cotidiano dos estudantes. Na sequência, apresentou-se uma narrativa como exemplo de análise utilizando categorias de Labov (1972) retratando fatores da cidade de Siracusa, quadro 34, presente na sequência.

Deu-se início a essa etapa do ciclo de ensino-aprendizagem com a entrega da cópia do texto, presente no quadro 33, prosseguindo, solicitou-se que os estudantes fizessem uma leitura silenciosa e, posteriormente, coletiva.

Quadro 33: Exemplo de texto – Negociação do Campo (P04/ANEXO1)

<p><u>Visitando o Museu</u></p> <p>No museu relata todos os acontecimentos que houve em quanto o tava construindo nossa linda e bela cidade de Macaparana. Deram a cidade o nome de Macapá, á lá vários relato de como ela ganhou esse nome, um deles foi que avia uma planta chamada Macapá.</p> <p>Mais já existia uma cidade com esse nome. Então acrescentaram o ran. Pra essas palavrinhas serem acrescentadas, pegaram varias terminação de nomes de fruta. O homem que mais se destacouse no museu foi o Moura Cavalcanti até tem uma estalta dele no começo do museu e uma grande foto As família que tava lá por todos os lados é a dos Cavalcanti e dos Moraes. A uma rivalidade política entre essas duas famílias, mais ainda são primos. Além da historia de Macaparana e as e desastre dos distritos de Macaparana, o museu conta a trajetora toda de todos os prefeitos, as primeiras escolas a ser construida e as família mais privilegiada de antigamente.</p>	<p>VISITANDO O MUSEU</p> <p>No museu relata todos os acontecimentos que ouve em quanto tava construindo nossa linda e bela cidade de Macaparana. Deram a cidade o nome de Macapá, á lá vários relato de como ela ganhou esse nome, um deles foi que avia uma planta chamada Macapá.</p> <p>Mais já existia uma cidade com esse nome. Então acrescentaram o rana. Pra essas palavrinhas serem acrescentadas, pegaram varias terminação de nomes de fruta.</p> <p>O homem que mais se destacouse no museu foi o Moura Cavalcanti até tem uma estalta dele no começo do museu e uma grande foto. As família que tava lá por todos os lados é a dos Cavalcanti e dos Moraes. A uma rivalidade política entre essas duas famílias, mais ainda são primos.</p> <p>Além da historia de Macaparana e as e desastre dos distritos de Macaparana, o museu conta a trajetora toda de todos os prefeitos, as primeiras escolas a ser construida e as família mais privilegiada de antigamente.</p>
---	---

Realizada a exposição do texto, refletiu-se com os discentes sobre a construção do gênero de família ‘estória’ – comentário/observação. Só então, foram explorados aspectos pertinentes ao texto, destacando alguns elementos:

- O que acontece nesse comentário?
- Esse texto apresenta uma complicação? Qual?
- A estória é desenvolvida a partir de quê?
- Que preocupação teve o autor ao escrever esse texto?
- Você escreveria diferente?
- O que acrescentaria?

A partir das indagações, os estudantes foram percebendo elementos que são necessários à construção do texto. Tomando como base as respostas dadas pelos aprendizes,

percebeu-se o conceito que eles tinham de um comentário. Muitos indicaram, exceto o autor do texto, que o escritor deste texto estava preocupado em retratar o lugar que morava apresentando os fatos por ele observados durante uma visita ao museu. Além disso, sinalizaram que o fato de Macaparana ter recebido outro nome, anteriormente, marcou essa história e esse fator gerou uma complicação, pois Mário Melo teve que pensar em outro nome para o lugar. Destacou-se, então, que todo o desenvolver do texto relacionava-se com o que observaram no museu e quem escreveu esse texto poderia ter detalhado mais o que viu para as pessoas conhecerem melhor a história de Macaparana.

Após esse momento, questionou-se com os estudantes qual foi a intenção desse aluno em ter escolhido verbos como **“construir, haver, ser, ganhar, existir, estar”** para estruturar esse texto e se a utilização de outros como **“perder, destruir, aterrorizar, perdoar, implorar”** teriam o mesmo sentido. Imediatamente responderam que a intenção foi mostrar um pouco da história de Macaparana e que o uso desses outros verbos não teria o mesmo sentido, porque não passariam para o leitor uma imagem positiva de Macaparana.

Desta forma, percebeu-se que as escolhas léxico-gramaticais devem relacionar-se com o que se pretende expressar não podendo apenas escrever qualquer um desses elementos na intenção de que o efeito será o mesmo. Refletiu-se com os alunos como retratariam o lugar que mora e responderam: **“se gostamos de um lugar não iremos dizer em momento algum que odiamos nem muito menos que iremos apagar ele do mapa”**, e a professora-pesquisadora questionou a respeito de quais verbos poderiam usar para falar desse lugar. Respostas como: **“gostar, amar, visitar,”** foram dadas. Assim, os estudantes foram percebendo que o estudo de gramática de modo contextualizado consiste no estudo de uma língua em uso. Também foram compreendendo que é importante refletir sobre os participantes desse grupo verbal e como eles se relacionam dentro do texto a partir das escolhas realizadas. Nessa configuração, Halliday e Matthiessen (2004) destacam que o Processo é o elemento mais central e os participantes estão diretamente envolvidos nele.

Para melhor aprofundamento desta etapa, apresentou-se aos estudantes um texto, Ribeiro e Martins (2007) intitulado: **”Siracusa”**, quadro 34, a seguir, cada um recebeu uma cópia do texto esquematizado dentro da estrutura laboviana. A partir do mesmo foram levantadas algumas indagações para melhor direcionar o processo de ensino do gênero e os

conhecimentos que iam se formando em cada parte da aplicabilidade do Ciclo de Ensino-Aprendizagem.

Quadro 34: Texto – Estrutura laboviana (RIBEIRO, R.M.L.; MARTINS, I. , 2007)

Título: Siracusa	
Orientação	“Eu vivi há dois mil anos atrás, em Siracusa, uma cidadezinha ao Sul da Itália. Tinha fama de gênio, e, certamente por isso, Hieron, o tirano da cidade,
Complicação	chamou-me para mostrar uma coroa que “parecia” de ouro puro. Digo que “parecia”, pois esse era justamente o problema: Hieron desconfiava que, embora o peso da coroa fosse igual ao peso de ouro que entregara ao ourives, este havia “surrupiado” parte do ouro, substituindo-o por prata, metal menos nobre e mais barato. Adivinhou a tarefa que ele me deu? Isso mesmo: eu teria de descobrir, sem danificar a coroa, se a desconfiança dele tinha fundamento. E mais: se eu não descobrisse, zás! Cortaria minha cabeça! É fácil imaginar que o problema não me saiu da cabeça durante os dias seguintes; não conseguia me desligar dele nem mesmo ao tomar banho.
Avaliação	E foi o que me salvou; justamente num desses banhos, veio-me à mente uma ideia genial:
Resolução	relacionei a quantidade de água que meu corpo deslocava com o fato de parecer mais leve dentro dela. Daí para a solução era um pulo!
Coda	Foi o que fiz: pulei da banheira e, de tão contente, sai gritando pela rua: Eureka! Eureka! (Descobri! Descobri!). Mas logo notei que as pessoas, embora já acostumadas às minhas distrações, olhavam-me com um grande espanto. Pois não é que, na minha euforia, havia esquecido de me vestir?”

Após toda discussão, seguindo a estrutura laboviana, foi exposto em *datashow* o texto acima, quadro 34, e refletiu-se com os estudantes o papel de cada estágio da narrativa e sua relevância durante a construção de uma. Só então, iniciou-se uma análise não apenas da estrutura do texto, mas também dos elementos léxico-gramaticais utilizados para a sua construção.

Realizada a exposição do texto, houve uma reflexão acerca da construção da narrativa, seguida de algumas indagações:

- O que é narrado?
- Que descoberta é feita? Em que estágio pode-se encontrar essa resposta?
- Em que parte (s) do texto surge algo inesperado?
- Em que parte a personagem dá indícios de estar preocupada?

- O que acontece no final da narrativa?

Após esse momento, a professora-pesquisadora esclareceu para os estudantes, a partir de embasamentos teóricos com aportes em Martin e Rose (2008), que para uma narrativa ser bem compreendida; a complicação e a resolução são fundamentais. A orientação, apesar de opcional, é bastante importante. O resumo, a avaliação e a coda são elementos da macroestrutura facultativos e a sua inexistência não compromete a compreensão da narrativa, seja ela escrita, em vídeo ou em qualquer outro suporte. Só então, expôs em *datashow* o quadro 35, abaixo:

Quadro 35: elementos da narrativa

Elementos constituintes da estrutura interna da narrativa	Questões às quais se referem
Resumo	Do que se trata?
Orientação	Quem? Quando? Onde?
Complicação	O que aconteceu?
Avaliação	E então?
Resolução	Finalmente, o que aconteceu?
Coda	Fechamento

A partir dessa demonstração fez-se uma ponte entre o quadro 35 e o texto que fora apresentado, quadro 34, contendo a estrutura da narrativa laboviana. Em seguida, a professora sugeriu que, em grupo, escolhessem um texto de um dos componentes, produzido na etapa anterior, e esquematizasse dentro dessa estrutura. Terminada as instruções, cada grupo recebeu uma cópia contendo os estágios da narrativa para que preenchesse tendo-a como norte. Durante o desenvolver dessa atividade os alunos não apresentaram muitas dificuldades e ajudaram-se. O resultado de uma das atividades pode ser conferido no quadro 36, a seguir:

Quadro 36: Texto – Estrutura narrativa

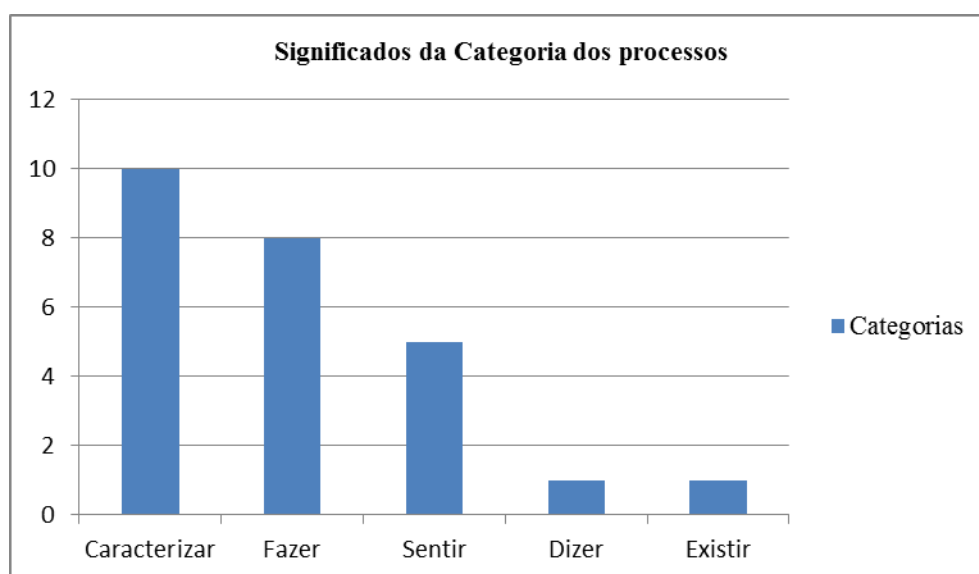
Elementos constituintes da estrutura interna da narrativa	
Título: História de Macaparana	
Resumo	A história da nossa cidade pode ser vista detalhadamente em um só lugar, o Museu Moura Cavalcanti.
Orientação	Este é um pequeno museu, que revela muita coisa da nossa cidade, desde sua construção, até os dias de hoje, em que Macaparana está quase chegando aos seus 90 anos.
Complicação	Eu, pessoalmente, não me retrato de muitas coisas, mas o que me veio na memória primeiro foram as fotos de lugares da nossa região, que fotos são estas?
Avaliação	São mapas, ruas, campos, estabelecimentos e tudo que a nossa cidade fornece desde a sua fundação. Me recordo de alguns prefeitos também, os mesmos, foram geralmente da família Cavalcanti, mas hoje os seus rivais da família Moraes, apoiados por outras pessoas, tentam fazer com que Macaparana cresça, ao comando do atual prefeito Paquinha.
Resolução	Outra coisa que eu me recordo são dos engenhos macaparanenses que ajudaram Macaparana a se tornar o que é hoje. A cana, agricultura e pecuária foram os mais protagonistas no crescimento da nossa cidade. Bem não me lembro de muitas coisas e exposições, mas já no final, máquinas, cadeiras, roupas, objetos, são revelados ao público e claro que a bandeira macaparanense está “nesse meio”. Criada por Ana Maria Pedrosa que fez uma bandeira com a imagem de um engenho e uma cana-de-açúcar a sua volta, representando a nossa economia pioneira o que funciona até hoje.
Coda	O nosso museu pode até ser pequeno, mas revela, mostra e nos diz muito a respeito da nossa cidade.

A partir dessa estruturação trabalhou-se a estrutura temática do texto oração por oração e a visão do escritor com relação a esse lugar, além da compreensão acerca da fluência da informação. Assim, quando estruturado dentro das etapas da narrativa essa visão é ampliada de forma a perceber em cada uma delas o que o escritor-leitor pretende enaltecer no texto.

Após o desenvolvimento dessa atividade, o texto acima, quadro 36, foi escolhido pela turma, para que cada grupo construísse um gráfico indicando o número de cada processo (significados da categoria) utilizado na construção do texto. Em seguida, dois representantes de cada grupo foram escolhidos para justificar o porquê da classificação de cada categoria e apresentar o gráfico construído. O resultado pode ser conferido no gráfico 01.

Os discentes, através dessa atividade, puderam compreender a funcionalidade das formas verbais dentro do texto. A partir do estudo da gramática, de forma contextualizada, perceberam que as escolhas lexicais e gramaticais escolhidas têm um propósito comunicativo, portanto, devem ser consideradas durante a produção de quaisquer gêneros, como reintegra Halliday (2014), o processo de uso da linguagem é um processo semiótico, um processo de produzir significado pelas escolhas linguísticas realizadas.

Gráfico 01: Distribuição dos significados da categoria dos processos



Após a apresentação de cada grupo, houve uma discussão sobre o uso dos processos materiais (fazer) e relacionais (caracterizar) no texto, bem como, a importância desses para o desenvolvimento da narrativa. Assim, os alunos perceberam que esses sobressaíram porque a pretensão era destacar o que foi feito pela cidade e seus principais atributos.

4.1.3 Construção Conjunta

Neste terceiro estágio do CEA, os discentes foram expostos a atividades direcionadas à temática, como mostra o quadro 37, para melhor aprofundamento do assunto.

Quadro 37: Distribuição das atividades da Construção Conjunta

Etapas	Ciclo de Ensino	Especificidade	Atividade Didática	Instrumento	Quantidade de aulas
Etapa 03	Construção conjunta	- Diálogo com as estórias produzidas na 1ª etapa do ciclo em sala de aula;	- Leitura individual das estórias produzidas pelos estudantes após a visitação ao museu.	- Discussão sobre o campo (assunto) das estórias.	2 aulas de 50 min.
		- Caracterização do campo e do contexto de situação de gêneros da família 'estória'.	- Em grupo, os alunos realizaram a leitura do que fora por eles pesquisado.	- Socialização das pesquisas realizadas; - Debate.	1 aula de 50 min.
		- Produção coletiva de uma 'estória' contando a história de Macaparana.	- Produção coletiva em sala de aula.	- Produção de uma narrativa.	2 aulas de 50min.
		- Identificação dos elementos léxico-gramaticais; - Estruturação do texto oração por oração.	- Construção de gráfico; - Análise das escolhas léxico-gramaticais.	- Discussão dos processos e dos participantes da oração; - Questionamentos sobre as categorias dos processos.	1 aula de 50 min.

Nesta etapa, os aprendizes socializaram com os colegas a sua produção, na sequência discutiu-se o assunto das estórias. Ainda nesta etapa, os estudantes realizaram uma pesquisa, antes de ser feita a produção textual, sobre a história de Macaparana de modo a ampliar o conhecimento sobre o campo (assunto).

Em outro momento, reuniram-se em grupo e sinalizaram os pontos mais importantes sobre a cidade que moram, depois cada grupo escolheu um representante para socializar a pesquisa para a turma. Terminada a socialização formou-se um grande debate sobre o que mais chamava atenção na história de Macaparana. Foi um momento de muita aprendizagem.

Dando procedimento com essa etapa do ciclo, propôs-se uma produção coletiva com o auxílio da professora-pesquisadora. Mais uma vez a professora retomou a estrutura laboviana, destacando que a finalidade não era apenas estruturar o texto conforme fora apresentado, quadro 36, mas também, observar quais processos (formas verbais) deveria utilizar para melhor expressar a realidade da vida do povo macaparanense, de sua cultura e mais de sua

história. Além disso, destacou que o texto produzido deveria estar dentro da família do gênero estória. Terminado o acordo entre estudantes e docente, deu-se início a produção conjunta. Logo, foi produzida uma narrativa dentre os gêneros da família estória, como mostra o quadro 38, a qual contém etapas que se assemelham as de Labov (1972) e as de Martin & Rose (2008) que fazem um mapeamento desse gênero. Durante toda a construção do texto os educandos foram bastante opinativos.

Quadro 38: Texto – Construção Conjunta

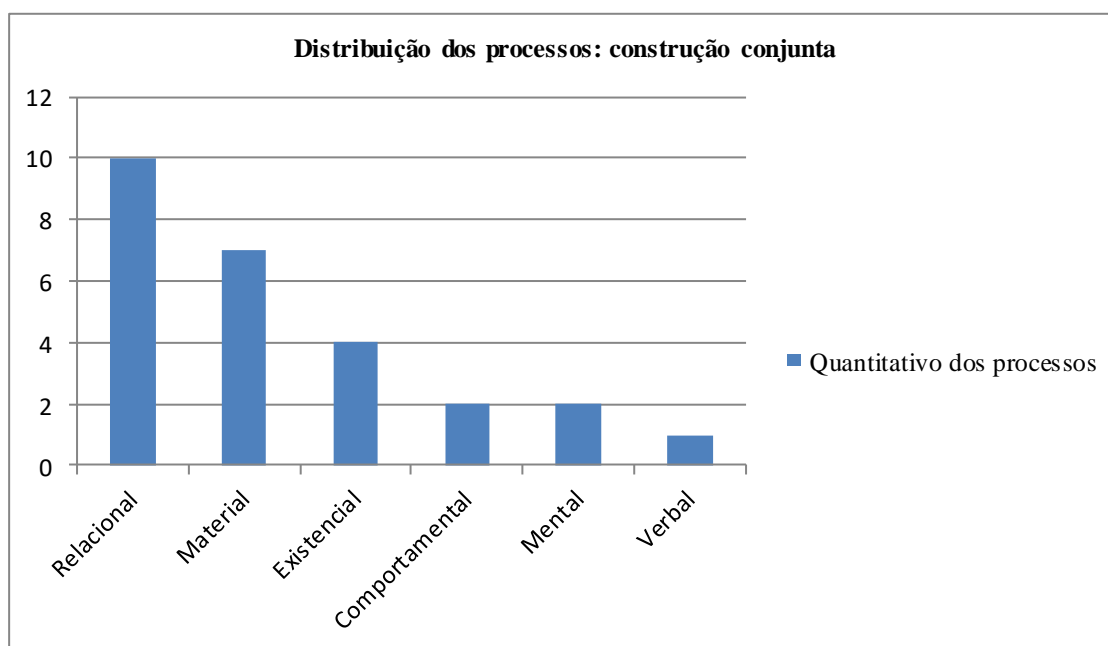
Título da narrativa: Muito além do que imaginamos	
Resumo	Nesta estória vamos contar algo que para nós foi bastante marcante e de muita aprendizagem.
Orientação	Em uma manhã de sol nós, alunos do 6º ano, fomos visitar o museu de nossa cidade e ficamos admirados pelo modo de como a história do nosso município é retratada. Lá há um verdadeiro resgate de nossa cultura, da nossa economia e da nossa política. Naquele dia, à medida que a gente olhava as fotografias, os objetos e tantas outras coisas que havia no museu, nós aprendíamos ainda mais sobre a história da nossa cidade que era chamada de Macapá.
Complicação	Por muito tempo Macapá foi o nome dessa cidade, mas de repente descobriram que já existia outro lugar com esse mesmo nome. Por causa disso, deveriam modificá-lo. Mas quem faria isso e que nome receberia agora se nessa época as pessoas ainda tinham esse lugar como distrito de Timbaúba?
Resolução	Foi então que o filólogo Mário Melo mudou o nome de Macapá, nome de uma palmeira abundante na região naquela época, para Macaparana. E aconteceu que, através de um decreto estadual, Macapá foi elevada à categoria de cidade.
Avaliação	Acreditamos que nossa história não seria tão marcante se não tivesse acontecido tudo isso, pois esses fatores centralizam a nossa história.
Coda	Por isso, nós aconselhamos a todos a conhecer essa história de pertinho visitando o Museu Moura Cavalcanti em Macaparana. Turma: 6º ano

Toda esta construção conjunta proporcionou momentos de aprendizado da língua em uso. Os estudantes puderam compreender a importância de um estudo de gramática

contextualizado a um gênero e como as escolhas realizadas por eles influenciaram diretamente na organização do texto, o qual tem muito a revelar sobre o leitor/escrevente, sobre o contexto de cultura, o qual se refere ao ambiente que o indivíduo está inserido e ao de situação que se refere à própria situação de uso para a produção.

Após esse momento, refletiu-se com os estudantes sobre o papel desempenhado pela transitividade e os conceitos de processo e participante que explicam, do modo mais geral, como fenômeno do mundo real são representados como estruturas linguísticas. Considerando que a transitividade especifica os diferentes tipos de processos que são reconhecidos na língua e as estruturas pelas quais são expressos, construiu-se um gráfico, de forma coletiva, indicando cada um desses elementos que se fizeram presentes no texto produzido, e posteriormente, comentou-se acerca do quantitativo de cada processo presente no texto.

Gráfico 02: Distribuição da quantidade de ocorrências de processos – Texto da Construção Conjunta



A construção do gráfico foi feita a partir do texto produzido nesta etapa do ciclo. Conforme pode ser visto, no gráfico 02, há um número maior do processo relacional, o qual contribui para a criação e descrição do cenário macaparanense atribuindo-lhe características que lhe são comuns e segue com um quantitativo considerável de processos materiais, os quais para Halliday (2014) dizem respeito ao mundo da ação (fazer/agir).

A utilização desses processos estabelece uma mudança no fluxo de eventos. Mudança essa que ocorre a partir do investimento provocado por um participante inerente ao processo, como pode ser observado, esse participante - Ator é responsável pelo desenrolar do processo.

Os demais processos aparecem em um número mais reduzido, mas também, contribuem para a construção do texto. O processo existencial, por exemplo, exerce um importante papel no texto, sendo responsável por atestar a existência ou não dos seres, enquanto que o processo comportamental apresentam processos como formas de comportamento, na concepção de Halliday e Matthiessen (2004: 109), esse tipo de processo “expressa ato de consciência física envolvendo percepção” e o mental tende a mudar a concepção que se tem da realidade, neste caso, indicam fatores relacionados à cognição. Por fim, o verbal que se constitui como o próprio dizer. Essa análise foi realizada para que os discentes pudessem compreender melhor a relevância dos processos para a construção de sentido do texto.

Após ter analisado a estruturação do texto oração por oração, foi possível observar o que é colocado como destaque e como ocorre a fluência da informação nesse texto, desde o que aparece em posição inicial na oração, até o final do primeiro elemento experiencial, ou seja, participante, processo ou circunstância. É importante salientar que, o termo participante foi utilizado no decorrer da pesquisa como meio para questionar quem participa de cada evento enunciativo; o processo no sentido do que ocorre na oração, quem são os envolvidos e as circunstâncias no sentido de como, onde e como ocorrem as coisas.

Terminada essa reflexão, houve alguns questionamentos:

1. Na oração “descobriram que já existia outro lugar com esse mesmo nome”, os verbos pertencem à mesma categoria de processos?

2. Compare estas orações:

Em Macaparana tinha um engenho.

Em Macaparana havia um engenho.

Macaparana tinha um engenho.

Com base nas características léxico-gramaticais típicas de cada tipo de processo, essas orações podem pertencer à mesma categoria?

3. Considerando as escolhas léxico-gramaticais que constituem a narrativa, qual a representação construída para a história de Macaparana? Você acha que tal representação contribui para enaltecê-la ou desvalorizá-la?

4. Se você tivesse que convencer uma pessoa a vir morar em Macaparana, qual (is) critério (s) utilizaria para que ela tomasse essa decisão? A escolha dos processos adequados seria um importante contribuinte para que essa decisão se efetivasse?

Respostas às proposições: Os estudantes, em sua maioria, no que corresponde a resposta da primeira pergunta, julgaram não pertencentes os processos a mesma categoria, considerando um como material e o outro como existencial. Resposta coerente às características léxico-gramaticais típicas de cada tipo de processo.

Com relação ao questionamento seguinte, responderam que as orações não pertenciam à mesma categoria, pois na primeira e na segunda há processo existencial, enquanto que na terceira há a presença de um relacional, ocorrendo uma relação de posse, neste caso, Macaparana possuiu um engenho.

Considerando a terceira indagação. Conforme os aprendizes sinalizaram, construiu-se uma representatividade bastante positiva acerca da história de Macaparana, contribuindo assim para o seu enaltecimento. No que diz respeito ao último questionamento, os estudantes afirmaram que somente destacariam o que há de bom em Macaparana e acreditam na escolha adequada dos processos para melhor efeito textual.

4.1.4 Construção Independente

Nesta quarta etapa do ciclo de ensino-aprendizagem, os aprendizes constroem seus textos de maneira independente com o auxílio do professor. De acordo com Rose e Martin (2012) é na construção independente que os estudantes usam o gênero para desafiar

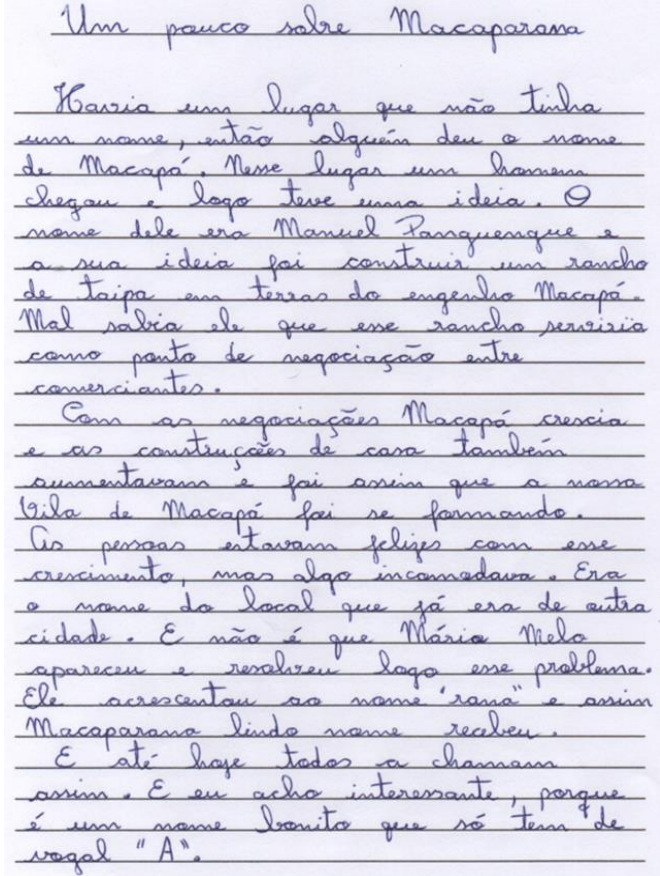
ideologias, teorias e práticas, já explicitado alhures. Para tal, algumas atividades didáticas foram necessárias, como mostra o quadro 39:

Quadro 39: Distribuição das atividades da Construção Independente

Etapas	Ciclo de Ensino	Especificidade	Atividade Didática	Instrumento	Quantidade de aulas
Etapa 04	Construção independente	- Produção individual de uma estória;	- Produção individual de uma estória.	- Produção escrita.	1 aula de 50 min.
		- Reescrita da narrativa observando a estrutura, a informatividade e a temática;	- Correções realizadas pelo estudante com o auxílio do professor.	- Revisão do texto.	2 aulas de 50 min.
		- Avaliação crítica (socialização da estória), escrita ortográfica;	- Leitura da produção.	- Socialização dos textos produzidos.	1 aula de 50 min.
		- Editoração das estórias (publicação).	- Organização dos textos para editoração.	- Divulgação do livro.	1 aula de 50 min.

Nesta etapa do ciclo, os alunos realizaram suas produções individuais, as quais, inicialmente, passaram por uma revisão junto à professora-pesquisadora de modo a direcionar o estudante sobre quais aspectos precisaria melhorar no seu texto. Só então, foi feita uma reescrita da produção inicial. Conforme pode ser visto, no quadro 40, um exemplo retirado do *corpus*.

Quadro 40: Exemplos de produção de escrita e reescrita (P01 ANEXO 03 e Anexo 06)

1ª escrita - Um pouco sobre Macaparana	2ª escrita (reescrita) - Um pouco sobre Macaparana
<p>Havia um lugar que não tinha um nome, então alguém deu o nome de Macapá. Nesse lugar um homem chegou e logo teve uma ideia. O nome dele era Manuel Panguengue e a sua ideia foi construir um rancho de taipa em terras do engenho Macapá. Mal sabia ele que esse rancho serviria como ponto de negociação entre comerciantes.</p> <p>Com as negociações Macapá crescia e as construções de casas também aumentavam e foi assim que a nossa Vila de Macapá foi se formando.</p> <p>As pessoas estavam felizes com esse crescimento, mas algo incomodava. Era o nome do local que já era de outra cidade. E não é que Mário Melo apareceu e resolveu logo esse problema. Ele acrescentou ao nome “rana” e assim Macaparana lindo nome recebeu.</p> <p>E até hoje todos a chamam assim. E eu acho interessante, porque é um nome bonito que só tem de vogal “A”.</p> 	<p>Havia no interior de Pernambuco um lugar que ainda não tinha recebido um nome desde que foi descoberto. Mas depois de um tempo, o lugar foi denominado de Macapá. O nome foi decorrente de uma palmeira que havia em grande quantidade na região naquela época.</p> <p>Macapá também recebeu em suas terras um homem de nome Manuel Panguengue que não pensou duas vezes ao construir um rancho de taipa no engenho Macapá propriedade do fazendeiro José Francisco.</p> <p>O rancho construído passou a ser utilizado como ponto de apoio para os comerciantes realizarem seus negócios e depois se tornou estalagem para os viajantes.</p> <p>Com as negociações Macapá cresceu muito e as construções de casas também aumentaram. Com isso, a nossa Vila de Macapá foi se formando.</p> <p>As pessoas ficaram felizes com esse crescimento. A única coisa que as incomodava era o nome do local que já era de outra cidade. Mas para resolver essa situação Mário Melo acrescentou ao nome “rana” e assim o local passou a ser chamado de Macaparana.</p> <p>Até hoje, ela é conhecida por esse nome. E eu acho o nome bonito e também interessante, porque o nome Macaparana tem diferentes consoantes em sua formação e vogal apenas a “A”.</p>

A reescrita foi direcionada pela professora-pesquisadora com o propósito de levar os estudantes a reorganizarem o texto, dando informações mais precisas e seguindo uma ordem

de informação sequencial de acordo com a narrativa da história de Macaparana, conforme fora observado no quadro 40. Diante disso, percebemos que o estudante preocupou-se, no primeiro momento, em caracterizar a cidade de Macaparana, bem como, o que ela representa para ele e o que ela é de fato.

Nesta etapa do ciclo de ensino-aprendizagem, construção independente, percebeu-se um amadurecimento dos alunos com relação à escrita de textos, os quais demonstraram mais preocupação na hora de escrever, bem como, o que escrever e como escrever, esse amadurecimento foi bem nítido durante a reescrita.

4.2 Análise dos textos produzidos na escola

Nesta parte, apresenta-se uma análise das estórias que formam o *corpus*, seguindo os princípios norteadores da Linguística Sistêmico-Funcional, mais especificamente do Sistema de Transitividade.

A análise foi dividida em duas partes: (1) relação do contexto de cultura e de situação na produção inicial e final, (2) escolhas léxico-gramaticais de transitividade na produção inicial e final. Através das análises, refletiu-se sobre a utilização destas escolhas na escrita e na prática da leitura na escola. O *corpus* para discussão é formado por quarenta textos produzidos por escolares do 6º ano do Ensino Fundamental durante aplicabilidade do Ciclo de Ensino-Aprendizagem.

Considerando o contexto, no qual os estudantes estão inseridos, percebe-se que seus textos relacionam-se com os diferentes aspectos do lugar que vivem. Os textos que narram a visita ao museu (1ª etapa do Ciclo/ ANEXO 01) apresentam detalhes do que observaram, bem como, história do município, economia, administração política e a vida de Moura Cavalcanti.

O estudante 01 relata que viu um pouco da história da vida de Moura a partir dos objetos presentes no museu, menciona nomes de alguns políticos que administraram Macaparana e o que formava a economia da cidade, trazendo para o leitor detalhes da vida política e da economia desse município. Enquanto a estudante 02 narra o porquê do nome do museu, um pouco da vida política de Macaparana e algumas tradições desse povo.

No que diz respeito ao texto 03, o estudante narra como surgiu Macaparana, retratando uma linguagem afetuosa para referir-se a esse município. Já o estudante 04 narra a história de Macaparana a partir dos engenhos, do coronelismo e da disputa entre São Vicente e Macaparana quando ainda era vila.

No texto do estudante 05 observa-se, mais uma vez, o foco na constituição do nome Macaparana, mas também uma menção a rivalidade entre os políticos e aos objetos pertencentes à Moura Cavalcanti. O estudante do texto 06 detalha o percurso que fez dentro do museu, destacando pertences de Moura Cavalcanti por ele observados. Há uma preocupação por parte do mesmo em descrever tudo o que viu no museu.

Já no texto do estudante 07, é possível observar um olhar à vida de Moura Cavalcanti e aos objetos referentes a ele, além de destacar a economia de Macaparana. Enquanto o discente 08 narra um pouco do que ele aprendeu a partir da visita ao museu, destacando como Macaparana era chamada antes e o porquê de ter recebido esse nome, destacando também a economia da época e a alteração desse município de vila para cidade.

No texto 09, o aluno relata tudo o que viu no museu, bem como, os pertences de Moura Cavalcanti, as imagens dos engenhos, as fotografias de alguns políticos, a fotografia da igreja de Monte Alegre e a bandeira. Há uma preocupação por parte desse estudante em escrever tudo que observou no museu. Já o estudante do texto 10, apenas apresenta detalhes sobre a vida de Moura Cavalcanti, enquanto que, o estudante do texto 11 não detalha o que foi observado, mas diz que no museu tem acontecimentos e pessoas importantes que fizeram parte da história de Macaparana e fotografias que apresentam semelhanças das vestimentas daquela época com as de hoje. Enquanto que, o aprendiz do texto 12 detalha o que foi visto em cada setor do museu, bem como, objetos, fotografias de alguns prefeitos e dos engenhos de Macaparana, a bandeira e as construções que são consideradas importantes para a cidade.

No que diz respeito ao texto 13, o estudante tem o museu como o único espaço que contém detalhes da cidade de Macaparana desde a construção até os tempos atuais. Recorda de alguns prefeitos, da economia, de objetos expostos no museu, dos engenhos e de quem desenhou a bandeira. Enquanto no texto do estudante 14, encontra-se a história de Macaparana, bem como, quando foi elevada à categoria de cidade, formação dos distritos,

emancipação política, primeira casa construída em Macaparana, economia, cultura, administração, o que era namorada e a sua serventia.

Os estudantes dos textos 15,16 e 19 destacaram a primeira moradia de Macaparana e o nome de quem a construiu, a cultura da cidade e alguns objetos que fazem parte do acervo do museu. No entanto, o discente do texto 17, preocupou-se em escrever um pouco da vida de Moura Cavalcanti que é representada pelo museu.

No texto 18, o estudante narra o que a avó comentava sobre Macaparana e a sua opinião a respeito de como esse município se encontra hoje, destacando o respeito entre pais e filhos e a bandidagem, todavia, finaliza que apesar de tudo isso é um ótimo lugar. Já o estudante do texto 20 detalha as coisas que fazem parte do acervo do museu.

Considerando as estórias produzidas na quarta etapa do ciclo, produção final (ANEXO 06). É possível observar que, o texto um narra o início da história de Macaparana, bem como, a construção da primeira moradia, origem do nome da cidade e a formação da primeira Vila. Nos textos dois e quatro, fala-se sobre a origem do nome de Macaparana, a formação da Vila Macapá e quando ela conseguiu ser elevada à categoria de cidade. O texto três destaca a economia da cidade de Macaparana naquela época e a atual e a importância dos engenhos para o município.

O texto cinco retrata um pouco sobre o crescimento populacional de Macaparana, a bandeira da cidade e pontos turísticos da mesma. No texto seis, uma estudante escreve sobre o seu apreço por Macaparana, a origem do nome do local e evidencia os pontos turísticos presentes neste lugar. No texto sete há uma preocupação em deixar claro porque aconteceu a troca do nome de Macaparana e o crescimento da cidade com a cana-de-açúcar.

No texto oito, o estudante fala sobre o primeiro morador e a primeira moradia de Macaparana e sobre o crescimento do comércio e da agricultura; e no texto nove, o estudante destaca a dúvida de Macaparana pertencer a Timbaúba e/ou a São Vicente. No texto dez mencionam-se as construções em Macaparana, os pontos turísticos e a economia da cidade e em onze e doze faz uma menção ao que foi observado durante a visita ao museu local.

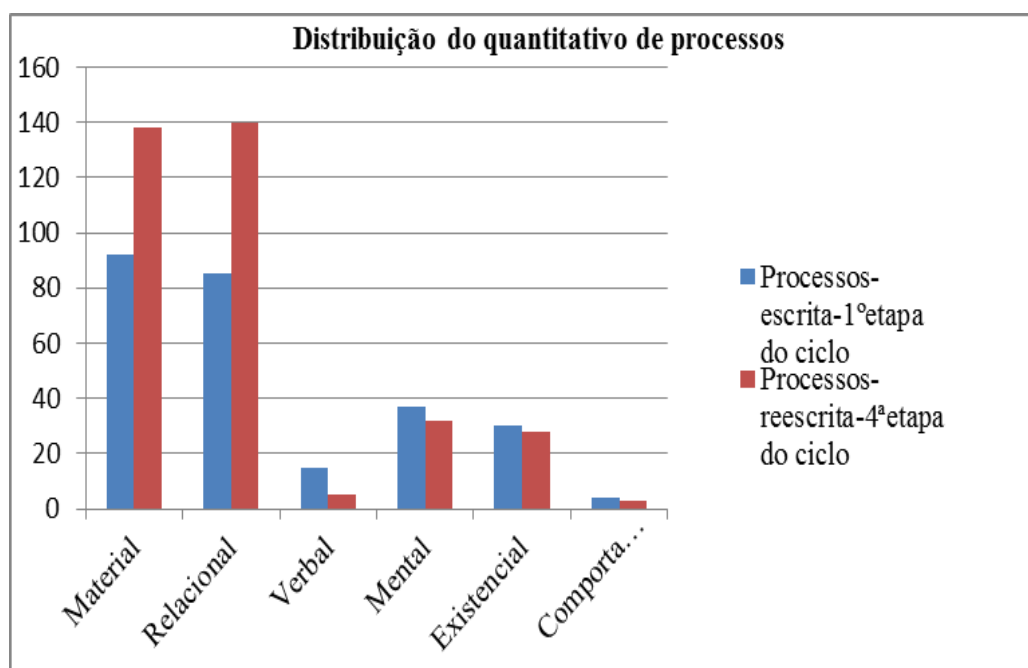
No texto treze destacam-se os pontos turísticos e as festividades de Macaparana, no texto catorze, o aluno também faz este destaque além de evidenciar os engenhos e o

acolhimento do povo macaparanense. O estudante, no texto quinze, fala sobre a política e a economia da cidade.

Os textos dezesseis e dezessete destacam a primeira construção e o desenvolvimento de Macaparana. O texto dezoito destaca a festividade local, enquanto o texto dezenove destaca os pontos turísticos. O texto vinte evidencia as belezas naturais de Macaparana e o que alguns macaparanenses fazem para sobreviver.

Nesta etapa ainda, destaca-se o uso dos elementos léxico-gramaticais de transitividade utilizados pelos escolares, conforme gráfico 03:

Gráfico 03: Distribuição da quantidade de ocorrências de processos da Escrita e Reescrita de textos



Os estudantes ao escreverem um texto sobre a história de sua cidade utilizaram um número maior de processos materiais na primeira produção, demonstrando uma preocupação com o fazer e o acontecer, ou seja, em dizer o que foi feito por Macaparana, estabelecendo uma quantidade de mudanças no fluxo de eventos, de modo a representar a experiência externa. Para Halliday (2014, p. 225), esse tipo de processo provoca o desdobramento do processo através do tempo, levando a um resultado que é diferente da fase inicial do desdobramento. Há também uma forte presença de processos relacionais. Isso se deve ao fato

de que os estudantes expõem suas impressões com relação ao lugar que mora, caracterizando-o, ajudando na descrição de personagens e na definição de coisas.

É importante destacar que o contexto e a semântica fornecem os elementos para que haja identificação dos processos, ou seja, a opção por um tipo ou outro depende das combinações léxico-gramaticais e do contexto em que a linguagem é usada. Ao analisar as produções realizadas na primeira etapa do Ciclo de Ensino-Aprendizagem (ANEXO 01), observa-se que num total de vinte textos, houve uso de noventa e dois processos materiais, trinta e sete mentais, quinze verbais, oitenta e cinco relacionais, trinta existenciais e apenas quatro comportamentais. Conforme pode ser conferido no gráfico 03.

Os textos produzidos mostram que o estudo da gramática a partir do uso dos gêneros é possível. Neste caso, os estudantes além de produzirem, puderam entender a funcionalidade das categorias gramaticais. Sendo assim, os processos (grupos verbais), revelam muito acerca do contexto social do aluno, bem como, o contexto de situação e de cultura. Desta forma, os processos selecionados pelos estudantes não foram feitos de forma aleatória, mas considerou-se o contexto no qual o mesmo está inserido, conforme é postulado por Halliday (1994) ao afirmar que, todo e qualquer uso que se faz do sistema linguístico é funcional relativamente à necessidade de convivência em sociedade.

Por isso, ao falar do lugar que mora, a maioria dos estudantes fizeram uso dos processos materiais de modo a destacar o envolvimento das pessoas em auxiliar no desenvolvimento de Macaparana, ajudando-a a crescer. Assim, os processos relacionais caracterizaram essa cidade e também revelaram a visão que esses estudantes têm do lugar que mora. Isso pode ser visto nos exemplos apresentados na sequência, quadros: 41, 42, 43 e 44. No primeiro exemplo, extraído do *corpus*, produzido na primeira etapa do Ciclo de Ensino-Aprendizagem, percebe-se maior número dos processos materiais.

Quadro 41: Exemplo de texto – Análise de processos

<p style="text-align: center;">O MUSEU</p> <p>A HISTÓRIA DA NOSSA CIDADE ASSIM COM ENGENHOS DA FAMÍLIA CAVALCANTI. OS ENGENHOS FORAM AUMENTANDO DAÍ MACAPARANA QUE SE CHAMAVA MACAPÁ VIROU DISTRITO DE TIMBAÚBA, NESSA ÉPOCA O CORONELISMO ERA MUITO GRANDE.</p> <p>MACAPARANA CRESCER COM A CANA DE AÇÚCAR, DAÍ VIROU DISTRITO DE SÃO VICENTE, MAS TEVE UMA GRANDE PESSOA, UM GRANDE CORONEL CHAMADO MOURA CAVALCANTI QUE FEZ MACAPARANA CRESCER EM VITOS ANOS DEPOIS ELE IRIA SE TORNAR GOVERNADOR DE PERNAMBUCO.</p> <p>MACAPARANA CRESCER MAIS QUE SÃO VICENTE E TOMOU A PREFEITURA DE SÃO VICENTE PARA MACAPARANA, POR CAUSA DISSO HOUVE MUITAS REVOLTAS POR QUE UMA PESSOA PASSAR UMA VILA PARA UMA CIDADE OU UMA CIDADE PARA VILA.</p> <p>DEPOIS VEIO O ALGODÃO E A PIMENTA, MACAPARANA FOI UMA GRANDE EXPORTADORA DE PIMENTA.</p> <p>MACAPARANA TEM E TEVE MUITAS PESSOAS QUE FIZERAM HISTÓRIAS.</p>	<p>O MUSEU</p> <p>A história da nossa cidade começa assim com engenhos da família Cavalcanti. Os engenhos foram aumentando daí Macaparana que se chamava Macapá virou distrito de Timbaúba, nessa época o coronelismo era muito grande.</p> <p>Macaparana creceu com a cana-de-açúcar, daí virou distrito de São Vicente, mas teve uma grande pessoa, um grande coronel chamado Moura Cavalcanti que fez Macaparana crescer e muitos anos depois ele iria se tornar governador de Pernambuco.</p> <p>Macaparana cresceu mais que São Vicente e tomou a prefeitura de São Vicente para Macaparana, por causa disso houve muitas revoltas porque uma pessoa passar uma vila para uma cidade e uma cidade para vila.</p> <p>Depois veio o algodão e a pimenta e Macaparana foi uma grande exportadora de pimenta. Macaparana tem e teve muitas pessoas que fizeram histórias.</p>
--	---

De acordo com o texto acima, o uso do processo material é responsável por todo o desenrolar das ideias do texto. O estudante envolve o leitor no universo da história de sua cidade através dos feitos em Macaparana, da forma como ocorreu o seu desenvolvimento e como foi o surgimento dessa cidade. Percebe-se a relação assumida por esses processos com os participantes a eles equivalentes. Há uma **Meta** a ser atingida pelo **Ator** do processo que se relaciona com o processo material. Os demais processos corroboram para que o aspecto escolhido pelo escritor seja compreendido. Integrando o que Halliday e Matthiessen (2004, p. 171) postulam ao afirmar que “não há prioridade de um tipo de processo sobre o outro. Mas eles estão ordenados; e é importante que, em nossa metáfora concreta e visual, eles formem um círculo, e não uma linha”.

O estudante utiliza-se de processos como: “crescer e aumentar”, para destacar a história de Macaparana. E verbos como: “ser e virar”, para evidenciar as características da cidade. Ao retratar o que há em Macaparana o estudante expõe a visão do lugar que mora, o que pensa e o que acha. No texto a seguir, quadro 42, há maior uso do processo existencial. O verbo haver aparece nas orações de modo a mostrar o que existe na cidade.

Quadro 42: Exemplo de texto – Análise de processos

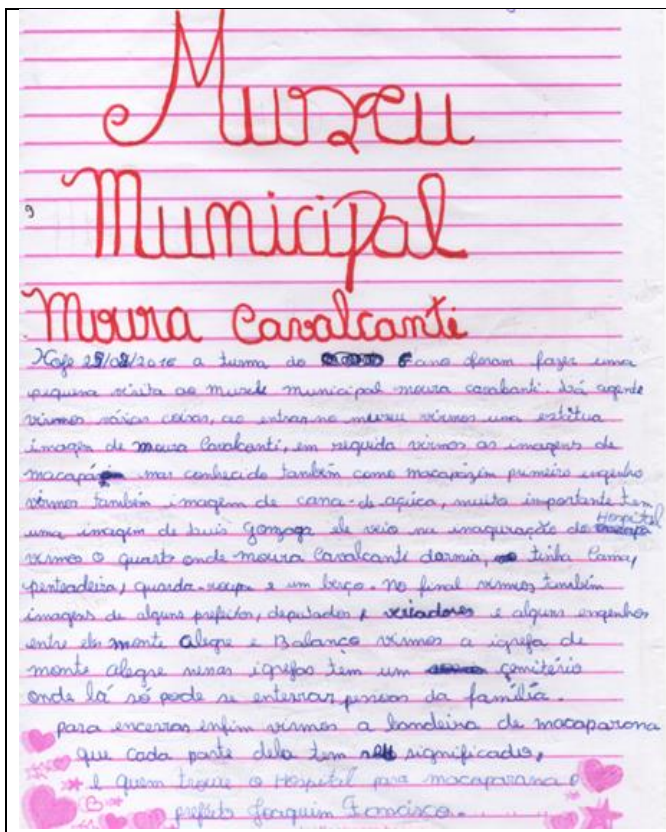
<p><u>Visitando o Museu</u></p> <p>No museu relata todos os acontecimentos que ouve em quanto tava construindo nossa linda e bela cidade de Macaparana. Deram a cidade o nome de Macapá, a lá vários relato de como ela ganhou esse nome, um deles foi que avia uma planta chamada Macapá.</p> <p>Mais já existia uma cidade com esse nome. Então acrescentaram o ra pra essas palavrinhas serem acrescentadas, pegaram varias terminação de nomes de fruta. O homem que o mas se destacou no museu foi o Moura Cavalcanti até tem uma estalta dele no começo do museu e uma grande foto. As a família que tava lá por todos os lados é a dos Cavalcanti e dos Moraes. A uma rivalidade política entre essas duas famílias, mais ainda são primos. Além da historia de Macaparana e as e desastre dos distritos de Macaparana, o museu conta a trajetora toda de o dos os prefeitos, as primeiras escolas a ser construida e as a família mais privilegiada de antigamente.</p>	<p>VISITANDO O MUSEU</p> <p>No museu relata todos os acontecimentos que ouve em quanto tava construindo nossa linda e bela cidade de Macaparana. Deram a cidade o nome de Macapá, a lá vários relato de como ela ganhou esse nome, um deles foi que avia uma planta chamada Macapá.</p> <p>Mais já existia uma cidade com esse nome. Então acrescentaram o rana. Pra essas palavrinhas serem acrescentadas, pegaram varias terminação de nomes de fruta.</p> <p>O homem que mais se destacou no museu foi o Moura Cavalcanti até tem uma estalta dele no começo do museu e uma grande foto. As família que tava lá por todos os lados é a dos Cavalcanti e dos Moraes. A uma rivalidade política entre essas duas famílias, mais ainda são primos.</p> <p>Além da historia de Macaparana e as e desastre dos distritos de Macaparana, o museu conta a trajetora de toda de todos os prefeitos, as primeiras escolas a ser construida e as família mais privilegiada de antigamente.</p>
---	--

Neste texto, o estudante destaca as coisas que podem ser encontradas no museu de Macaparana. A função do processo existencial é construir a existência de algo. No texto acima, ocorre no início do texto e também quando há mudança de fase dentro do texto, de modo a dar sequência ao mesmo. Como podem ser observados, na produção deste estudante, os processos existenciais estão presentes nos verbos existenciais prototípicos da língua portuguesa e têm apenas um participante obrigatório, o Existente.

O processo haver dá continuidade a ideias anteriores, ou seja, ao fluxo do texto. As orações realizam-se na formação da cidade, no seu surgimento, logo, os Existentes situam-se dentro dessa temática. Assim, as orações existenciais apresentam uma contribuição para a narrativa ao introduzirem personagens centrais. Então, esse tipo de processo é especialmente importante para a progressão textual do texto analisado, desempenhando um papel relevante na construção do sentido. Para Fuzer e Cabral (2010), tal processo assume um importante papel em vários textos a ponto de fundir-se com o material e em alguns gêneros (peças processuais jurídicas, artigos científicos) atestam a existência ou não de seres.

Há também uma grande utilização dos processos mentais nos textos produzidos pelos estudantes do 6º ano durante a primeira etapa do Ciclo de Ensino-Aprendizagem. O texto abaixo, quadro 43, apresenta um número maior desse processo, conforme pode ser observado.

Quadro 43: Exemplo de texto – Análise de processos

 <p>Museu Municipal Moura Cavalcanti</p> <p>Hoje 25/02/2016 a turma do 6º ano fez uma pequena visita ao Museu Municipal Moura Cavalcanti. Lá agente viu várias coisas, ao entrar no museu vimos uma estátua imagem de Moura Cavalcanti, em seguida vimos as imagens de Macapá mas conhecido também como Macapázim primeiro engenho. Vimos também imagem de cana-de-açúcar, muito importante tem uma imagem de Luis Gonzaga ele veio na inauguração do Hospital. Vimos o quarto onde Moura Cavalcanti dormia, tinha cama, penteadeira, guarda-roupa e um berço. No final vimos também imagens de alguns políticos, deputados e vereadores e alguns engenhos entre eles Monte Alegre e Balança. Vimos a igreja de Monte Alegre essas igrejas tem um cemitério onde lá só pode se enterrar pessoas da família. Para encerrar enfim vimos a bandeira de Macaparana que cada parte dela tem um significado, e quem trouxe o Hospital para Macaparana o prefeito Joaquim Francisco.</p>	<p>MUSEU MUNICIPAL MOURA CAVALCANTI</p> <p>Hoje 25/02/2016 a turma do 6º ano foi fazer uma pequena visita ao museu Municipal Moura Cavalcanti. Lá agente viu várias coisas, ao entrar no museu vimos uma estátua imagem de Moura Cavalcanti, em seguida vimos as imagens de Macapá mas conhecido também como Macapázim primeiro engenho. Vimos também imagem de cana-de-açúcar, muito importante tem uma imagem de Luis Gonzaga ele veio na inauguração do Hospital.</p> <p>Vimos o quarto onde Moura Cavalcanti dormia, tinha cama, penteadeira, guarda-roupa e um berço. No final vimos também imagens de alguns prefeitos, deputados, vereadores e alguns engenhos entre eles Monte Alegre e Balança. Vimos a igreja de Monte Alegre nessas igrejas tem um cemitério onde lá só pode se enterrar pessoas da família. Para encerrar enfim vimos a bandeira de Macaparana que cada parte dela tem seu significado e quem trouxe o hospital para Macaparana o prefeito Joaquim Francisco.</p>
--	--

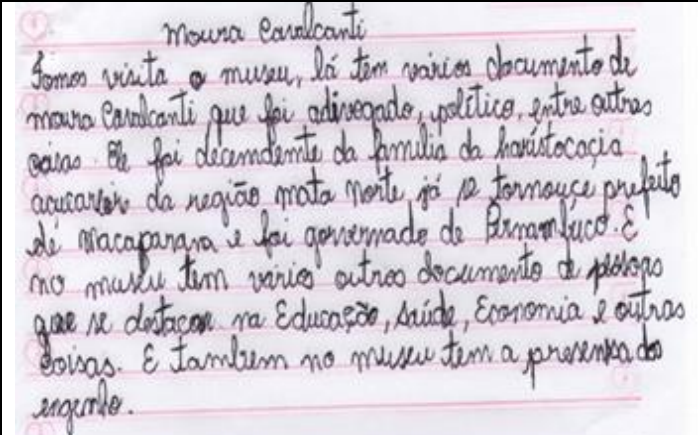
No texto acima, há o uso dos processos mentais e seus respectivos participantes, Experienciador e Fenômeno. Busca-se, desse modo, através da utilização desses processos demonstrar como os mesmos são capazes de decodificar as experiências internas representativas do mundo da consciência, externando sentimentos, percepção, pensamento e cognição, que funcionam na variação desse gênero. A partir do exemplo extraído do *corpus*, percebe-se a escolha pelo processo mental de percepção.

Os processos mentais são responsáveis pela apreciação humana do mundo, através deles é possível detectar os valores representativos de um texto. Sendo assim, eles são usados para realizar experiências internas, no nível de entidades coletivas chegando a combinar com as ações dos processos materiais, sendo capaz de externar um dado ponto de vista e construir

o mundo da consciência do falante. Embora esse tipo de processo apareça com menor frequência que os processos materiais e relacionais, conforme revela a análise completa do *corpus* desta pesquisa, especificamente o gráfico 03, ele representa uma grande importância para a construção do texto e segundo Halliday e Matthiessen (2004), refere-se a ações que não se dão no mundo material, mas no fluxo de nosso pensamento (consciência), ou em sua representação.

O processo relacional também tem uma presença bastante significativa nos textos. Ele é responsável por toda a caracterização dos personagens, sejam eles seres inanimados ou não. Como mostra o quadro 44, abaixo:

Quadro 44: Exemplo de texto – Análise de processos

 <p>Moura Cavalcanti Fomos visita o museu, lá tem vários documento de moura Cavalcanti que foi advogado, político, entre outras coisas. Ele foi decendente da família da harístocacia açucareira da região mata norte, já se tornouçe prefeito de Macaparana e foi governado de Pernambuco. E no museu tem vários outros documento de pessoas que se destacou na Educação, Saúde, Economia e outras coisas. E também no museu tem a presensa do engenho.</p>	<p>MOURA CAVALCANTI</p> <p>Fomos visitar o museu. Lá tem vários documento de Moura Cavalcanti que foi advogado, político, entre outras coisas. Ele foi decendente da família da harístocacia açucareira da região Mata Norte, já se tornouçe prefeito de Macaparana e foi governado de Pernambuco. E no museu tem vários outros documento de pessoas que se destacou na Educação, saúde, Economia e outras coisas. E também no museu tem a presensa dos engenho.</p>
--	---

Ao analisar os processos relacionais, é possível observar a caracterização dos participantes de um dado discurso. Diversos trabalhos (RAMOS, 1997; LIMA-LOPES, 2001; MATTHIESSEN, 1999) demonstram que o sistema de escolhas dentro do sistema de transitividade não é aleatório. Sendo assim, os diferentes tipos de produtos levam à escolha de diferentes processos. Portanto, tais processos instanciam características que estão ligadas ao campo semântico de cada produto, sendo a transitividade uma forma de sistematizar as relações ideológicas. Para tanto, a análise do sistema de transitividade é importante para a observação de como o escritor produz o seu texto. Pois se relaciona com a descrição da proposição como um todo, o que implica na escolha de processos (elementos verbais) e seus argumentos (Eggins, 2004).

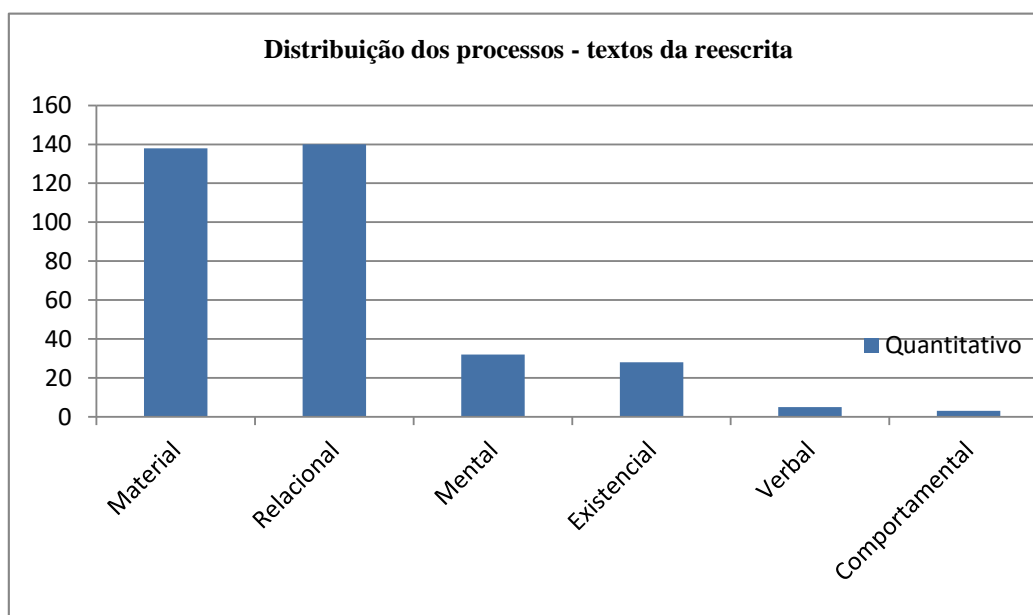
Os processos relacionais destacados no texto, quadro 44, apresentam atributos aos participantes, os quais realizam várias funções que parecem ser motivadas pelo propósito comunicativo do gênero.

Desta forma, percebe-se, com base nos textos em alhures, que a gramática sistêmica pode ser utilizada para realçar as características dos participantes do gênero da família estória. Pois, os processos e os participantes traduzem a experiência do indivíduo em linguagem.

Sendo assim, ao escolher um processo ou mesmo fazer de uma entidade o agente, deixam-se outras opções de lado. Isso ocorre devido a diversos fatores, sejam eles sociais ou linguísticos, estando estes presentes nos objetivos de qualquer análise do Sistema de Transitividade, sendo um modo de olhar a gramática em termos de como ela é utilizada.

Desta forma, ao considerar os textos produzidos na quarta etapa do Ciclo de Ensino-Aprendizagem, os quais passaram por uma reescrita, percebe-se que alguns processos aumentaram significativamente, enquanto outros tiveram uma pequena redução com relação ao seu uso nas produções. Assim, entre os vinte textos reescritos, há a ocorrência de cento e trinta e oito processos materiais, trinta e dois mentais, cinco verbais, cento e quarenta relacionais, vinte e oito existenciais e apenas três comportamentais. Conforme pode ser observado no gráfico 04, abaixo:

Gráfico 04: Distribuição do quantitativo de processos nas produções de reescrita



Com base no gráfico 04, os processos materiais e relacionais sobressaem sobre os demais. Desta forma, a partir dos tipos de processos realizados pelas orações que integram os textos pode-se verificar como cada agente utiliza a linguagem para executar determinados papéis no grupo social a que pertence. Conforme o exemplo (06), abaixo:

A amada Macaparana

Tudo **começou** no interior do estado de Pernambuco quando uma cidade **começou** o seu desenvolvimento.

Não **passou** muito tempo e esse lugar, logo, recebeu o seu primeiro nome, o qual se **originou** de uma palmeira muito abundante na região naquela época. Essa cidade recebeu o nome de Macapá e desde então **começou** a sua formação.

Certo dia, Manuel Panguengue se **instalou** nas terras de Macapá e imediatamente **construiu** um rancho de taipa nas propriedades do senhor Francisco. Depois de um tempo **foram construindo** outras casas, **formando** o local que foi chamado Vila de Macapá, que continuava sendo distrito de Timbaúba.

Com o passar do tempo **descobriram** que já existia outra cidade de nome Macapá, sendo assim, **deveriam mudar** o nome dado as nossas terras. Por esse motivo, Mário Melo **aumentou** “rana” e a nossa cidade passou a ser chamada de Macaparana.

Depois de alguns anos ela foi elevada à categoria de cidade e deixou de ser distrito de Timbaúba.

A história do nosso município é encantadora. **Foram** muitas lutas para ela se tornar independente e **continuar** com o desenvolvimento da agricultura e da pecuária.

Os processos materiais fornecem uma mudança de fluxo de eventos (FUZER e CABRAL, 2010), logo, o desdobramento do processo com o participante Ator, pode ser estendido a outro participante denominado de Meta que de algum modo é atingido pelas orações de “fazer e acontecer”. No exemplo (06), pode-se observar que os processos materiais foram utilizados para evidenciar as coisas que foram feitas para formar a cidade de Macaparana. As orações relacionais servem para caracterizar e identificar como pode ser observado, no exemplo (07), abaixo:

Um pouco sobre Macaparana

Havia no interior de Pernambuco um lugar que ainda não **tinha recebido** um nome desde que foi descoberto. Mas depois de um tempo, o lugar **foi denominado** de Macapá. O nome **foi** decorrente de uma palmeira que havia em grande quantidade na região naquela época.

Macapá também **recebeu** em suas terras um homem de nome Manuel Panguengue que não pensou duas vezes e construiu um rancho de taipa no engenho Macapá, propriedade do fazendeiro José Francisco.

O rancho construído **passou a ser utilizado** como ponto de apoio para o comerciante realizar seus negócios e depois se **tornou** estalagem para os viajantes.

Com as negociações Macapá cresceu muito e as construções de casas também aumentaram. Com isso, a nossa Vila de Macapá foi se formando.

As pessoas **ficaram** felizes com esse crescimento. A única coisa que as incomodava **era** o nome do local que já **era** de outra cidade. Mas para resolver essa situação Mário Melo acrescentou ao nome “rana” e assim o local **passou a ser chamado** de Macaparana.

Até hoje, ela **é conhecida** por esse nome. E eu acho o nome bonito e também interessante, porque o nome Macaparana tem diferentes consoantes em sua formação e vogal apenas a “A”.

As orações relacionais são realizadas tipicamente pelo verbo “ser” e, ocasionalmente, pelos verbos “ficar e tornar-se”. Os participantes das orações relacionais recebem denominações de acordo com o modo de relação. Entre os exemplos de textos aqui expostos, há também exemplos de orações apresentando diferentes tipos de processos, conforme podem ser observados na sequência desta análise.

O processo existencial é formado pelos verbos “haver e existir”, os quais indicam a existência de alguma coisa. No exemplo: **Havia** no interior de Pernambuco um lugar (P-01/ extraído da quarta etapa do Ciclo/Anexo 06), o processo em negrito sinaliza um participante existencial, neste caso, refere-se à palavra grifada. Conclui-se então que, existe um lugar no interior de Pernambuco e no decorrer do texto, percebe-se que o lugar referido é a própria cidade de Macaparana. Essa representação, conforme apontam Fuzer e Cabral (2010), é determinada pelo verbo típico da oração existencial “haver”.

A construção do texto envolve diferentes tipos de processos, por exemplo, na oração: Manuel Panguengue que não **pensou** duas vezes, (P-01/ extraído da quarta etapa do Ciclo/Anexo 06) há um processo mental destacado em negrito que mostra uma atitude do indivíduo, aqui classificado como experienciador. Percebe-se que a individualidade do escritor está depositada nesta oração, principalmente, quando utiliza o termo pensar duas vezes. Pode-se afirmar que o sujeito não separa as escolhas linguísticas que faz do seu contexto de cultura. Isso acontece porque segundo Halliday (1985), cultura é um conjunto de sistemas de significação que se inter-relacionam.

Na oração: **Vimos** várias coisas (P-02/ extraído da primeira etapa do Ciclo/Anexo 01). O estudante faz uso do processo mental como pode ser visto destacado em negrito,

apresentando dois participantes, um que se encontra sublinhado na oração, classificado como fenômeno e o outro que é revelado a partir da desinência do verbo, sendo este o experienciador.

O processo relacional demonstra maior proximidade do falante com o contexto social, sendo assim em: As pessoas **ficaram** felizes com esse crescimento (P-01/ extraído da quarta etapa do Ciclo/Anexo 06). O verbo em negrito indica ser/estar, ou seja, se as pessoas ficaram felizes é porque elas são/estão felizes, logo, o primeiro participante é o portador e o segundo, “felizes”, é o atributo. Desta forma, o processo relacional foi utilizado para caracterizar como os macaparanenses ficaram com a formação da cidade. Ao destacar o contentamento dessas pessoas, o próprio escritor expõe seus sentimentos de feição pela cidade ao escolher esse atributo entre tantos outros possíveis.

O uso desses processos, tanto no texto produzido na primeira etapa da aplicabilidade do ciclo quanto na última etapa, revela o contexto de situação e de cultura do estudante a partir de suas escolhas linguísticas. Em: Nela **tem** muitas coisas boas. (P-06/ extraído da quarta etapa do Ciclo/Anexo 06). O escritor mostra através do uso do processo relacional que está em negrito, que Macaparana possui coisas boas, a visão que o estudante tem do lugar que mora é levada para o texto, assim, os participantes dessa oração assumem uma relação de possuidor e possuído, ou seja, Macaparana possui coisas boas.

O verbo “ter” que fora classificado como processo relacional também pode ser existencial a depender do contexto, da oração; como acontece em: **Tem** pontos turísticos. (P-06/ extraído da quarta etapa do Ciclo/Anexo 06). A ideia apresentada a partir do processo existencial destacado na oração em negrito é que em Macaparana existem pontos turísticos, assim, o termo sublinhado funciona como participante desse processo, sendo classificado como existente; uma vez que, esse tipo de processo apresenta apenas um participante de acordo com a Linguística Sistêmico-Funcional proposta por Halliday, sendo uma oração inexistente, se considerarmos o conceito da gramática normativa.

O estudante deixa claro sua feição pelo lugar que mora ao utilizar em uma das orações do seu texto o processo mental “amar”, como pode ser conferido no exemplo: Eu **amo** a minha cidade. (P-06/ extraído da quarta etapa do Ciclo/Anexo 06). Nesta oração, há dois participantes, sendo o primeiro o Experienciador e o segundo o Fenômeno. Na oração, ambos

estão grifados. O processo mental revela como o sujeito se porta diante de algo que faz parte do seu contexto, de sua realidade. Em: Eu gosto muito dela. (P-07/ extraído da quarta etapa do Ciclo/Anexo06). O uso do processo mental refere-se à experiência do mundo de nossa consciência (FUZER & CABRAL, 2010). O próprio verbo “gostar” indica uma afeição, entre tantos elementos léxico-gramaticais, este foi o escolhido para representar a relação do escritor com o lugar que mora. A apreciação por Macaparana é notável pelo uso dos processos mentais.

As orações materiais podem ser transitivas e intransitivas; serão transitivas quando apresentarem dois participantes, e, intransitivas quando envolver apenas um. (FUZER & CABRAL, 2010). Na oração: O rancho de taipa que Manuel Panguengue construiu (P-13/ extraído da quarta etapa do Ciclo/Anexo 06). Neste exemplo, temos a ocorrência de uma oração transitiva, tendo como processo o material e como participantes Ator e Meta. O participante Ator é responsável pelo desenrolar do processo e pela mudança de resultado apresentada na fase inicial, através dele, na fase final ocorre um resultado diferente. No desdobrar do processo material, o participante, Meta, neste caso, tem uma característica criada, pois o Ator (participante) construiu (processo material) um rancho (Meta criada).

Para a construção de sentido do texto, o escritor utiliza orações comportamentais. Contudo, considerando o número dos processos utilizados num total de quarenta textos, percebe-se que é bastante reduzido o quantitativo que aparecem nos textos. Isso ocorre porque esse tipo de processo, diferentemente dos demais, não apresenta características tão nítidas. O processo comportamental apresenta como participante típico o Comportante, o qual é tipicamente um ser consciente (FUZER & CABRAL, 2010). Exemplo: Elas se divertem. (P-13/ extraído da quarta etapa do Ciclo/Anexo 06). Temos o processo comportamental destacado em negrito e o participante Comportante sublinhado.

As orações relacionais podem ser intensivas, possessivas e circunstanciais. O exemplo a seguir apresenta uma oração possessiva, a relação entre os termos da oração é de posse, ou seja, uma entidade possui a outra (FUZER & CABRAL, 2010). Desta forma, na oração: Macaparana tem pontos turísticos belíssimos (P-13/ extraído da quarta etapa do Ciclo/Anexo 06). O verbo “ter” indica uma ideia de posse entre os participantes da oração. Sendo assim, o primeiro participante é o Possuidor e o segundo o Possuído.

Assim como o processo comportamental, o quantitativo de processos verbais também é pouquíssimo. A oração: O museu conta a trajetória de todos os prefeitos (P-05/ extraído da primeira etapa do Ciclo/Anexo 01). Na oração há o processo verbal e dois participantes, o dizente - primeiro falante e a verbiagem – o que é dito. Desta forma, o museu é o lugar que informa a trajetória política da cidade, revelando o próprio dizer, e, os processos como um todo dentre as demais palavras da oração são relevantes, e, é por meio dessas palavras que o verbo constrói uma rede de significados.

A escolha pelo uso de uma ou outra palavra, neste caso, de outro verbo, em determinado modo, tempo ou pessoa só faz sentido em relação as outras partes do enunciado. Por isso, o ensino do verbo, quando tratado de forma isolada, não amplia a competência comunicativa do aluno ou pouco contribui para desenvolver habilidades de identificar, analisar e empregar as formas verbais adequadas à língua escrita, segundo as normas da gramática normativa. (BORTONI-RICARDO et al., 2014, p. 184).

A partir das produções que formam o *corpus* desta pesquisa, percebe-se um ensino significativo que visa ampliar a competência comunicativa do estudante, considerando as práticas de ensino em um contexto da língua em uso.

4.3 Análise comparativa: produção inicial e final

Para a sequência da análise de dados, desta pesquisa, analisou-se a oração em sua função ideacional, que permite a construção de um quadro da realidade capaz de compreender a experiência que acontece tanto dentro quanto fora dos padrões de experiência (HALLIDAY, 2014) tomando como base a produção inicial e final dos escolares.

Os estudantes ao produzirem o primeiro texto (produção inicial – negociação do campo) retratando fatores de sua cidade, em sua maioria, destacaram o quanto foi importante conhecer detalhes do lugar que mora através da visita ao museu e do depoimento do morador. Dos vinte textos produzidos, onze apresentam um número maior dos processos materiais, seis relacionais, um existencial e em dois textos o número de processos materiais e relacionais foi igual.

Percebe-se que, os alunos destacam o que há em Macaparana a partir de escolha de processos que indicam o fazer, o acontecer, o ser e o existir. Esse fator está relacionado ao contexto em que o aluno está inserido. Há uma preocupação no que escrever e para quem escrever. Para tanto, destaca o que tem em Macaparana para que chame a atenção dos leitores,

pois, o uso desses processos contribui significativamente para o efeito do texto, bem como, a pretensão do escrevente. Por meio das produções, percebe-se a importância de uma gramática contextualizada, ou seja, um estudo de uma língua que é funcional junto aos seus usos. Desta forma, Halliday e Matthiessen (2004) apresenta a gramática de uma língua como sendo a sua unidade de processamento, o lugar em que os significados são criados.

Nas produções analisadas, os estudantes mencionam o museu como espaço que serviu para que conhecessem a cultura do lugar que moram. Além disso, também destacam, os feitos pelo local e destacam, em sua maioria, os políticos que administraram e administram Macaparana. Por meio das orações, percebe-se que a representação de processos de “fazer, acontecer, sentir e ser”, funcionam como ocorrências na realidade. As orações, desta forma, tomando como base o conceito de Halliday (1985), representam um aspecto experimental do significado, que corresponde ao sistema de transitividade. Como exemplos: “Então acrescentaram o rana. Deram a cidade o nome de Macapá”. “A política de Macaparana é dirigida pelo prefeito Paulo Barbosa” (P05, P14/ ANEXO 01).

Os textos analisados apresentam Macaparana como principal personagem, os atributos para essa cidade são demonstrados pelo uso de orações com processos relacionais, o que implica dizer que, os verbos têm como participante um ser que sente e um Fenômeno. O uso dos processos materiais foi o mais recorrente (gráfico 03), nesta primeira produção, fruto do fazer, decorrente de ações realizadas ou não realizadas. Por isso, a necessidade dos escreventes utilizarem sentenças nucleadas por processos materiais. Exemplos: “Macaparana estava se tornando cidade”. “Macaparana virou distrito de São Vicente” (P01, P04/ANEXO 01).

Em algumas produções, as palavras **Macaparana** e **Museu** ocupam a posição de Ator. A partir do contexto, percebe-se que há um problema com relação ao nome da cidade, ocasionado pela existência de outra cidade com o nome Macapá, atual Macaparana.

Como as histórias narram um pouco da história do ambiente, no qual esses estudantes estão inseridos, é natural que haja a manifestação de aspectos que fazem referência ao lugar, sobretudo, por uso dos processos relacionais que ajudam na criação e descrição de personagens e cenários. Exemplos de orações relacionais: “As fotos de engenhos tiveram muita importância”. “Eu me recordo dos engenhos macaparanenses” (P12, P13/ ANEXO 01).

Mesmo em menor quantidade, considerando os relacionais; os processos mentais de afeição, percepção e cognição também descrevem momentos peculiares à cidade de Macaparana. Exemplos de orações mentais: “Local que hoje atrai vários visitantes de outras regiões”. “Eu amo a minha cidade” (P17, P18/ ANEXO 01).

Em algumas produções, há orações com processos materiais em que os verbos são usados intransitivamente, o que implica afirmar que não há Meta ou Extensão a pessoa ou coisa, no entanto, em sua maioria, percebe-se que o processo material apresenta Meta ou Extensão, sendo o processo mais recorrente nas produções analisadas. Como a maioria das orações são transitivas, é possível perceber que são realçadas como parte da mensagem a ser transmitida. Exemplos de processos intransitivos: “Os engenhos foram aumentando”. “Macaparana estava sendo fundada”. Exemplos de processos transitivos: “A escola levou a sala”. “O prefeito Joaquim Francisco trouxe o hospital” (P04, P07, P01, P02/ANEXO 01).

Os processos que fazem referência aos políticos e a alguns objetos presentes no museu, como fotografias de igrejas, em sua maioria, são do tipo mental, tendo como complemento do processo o Fenômeno. Exemplos: “Vimos uma estátua do Sr. Moura Cavalcanti. Fomos ver Sr. Moura Cavalcanti”. “Vimos o quarto” (P06, P09/ANEXO 01).

As orações ligadas à Macaparana ou aos políticos também são do tipo relacional e geralmente apresentam descrição física ou psicológica. Em sua maioria, o participante é um Portador com um Atributo, representativo de uma qualidade, sendo do tipo de processo intensivo.

Apenas três dos quinze processos do tipo verbal apresentam como participante Dizente pessoas, exemplo: “Tia estava explicando o para que cada um servia” (P12/ANEXO 01), os demais são coisas que dizem algo responsável pela Verbiagem, por exemplo: “No Museu Moura Cavalcanti fala como surgiu a querida Macaparana” (P03/ANEXO 01).

Isso é compreensível por não se tratar de uma narrativa em que a presença de um discurso direto ocasione os processos verbais. De acordo com Martin e Rose (2008), o uso desses processos é muito recorrente nas narrativas.

Em muitas das orações materiais Macaparana e o Museu propriamente dito não aparecem como agente dos processos, mas como participantes que sofrem os efeitos desses

processos. Enquanto que, em outras orações participam como Ator de feitos que se estendem, em sua maioria, a uma Meta. Exemplos: “Saímos da escola caminhamos até o museu”. “Então trocaram de Macapá para Macaparana”. “Macaparana cresceu com a cana-de-açúcar” (P06, P08, P04/ANEXO 01).

Os processos mentais referentes ao museu e a cidade de Macaparana correspondem às observações no que diz respeito às atitudes do escritor/leitor acerca de Macaparana. Tomando como requisito os tipos de processos utilizados nos textos, assegura-se que, fala-se e sente-se pouco, mas age-se e observa-se muito.

A maioria das produções iniciais (ANEXO 01) apresenta um maior quantitativo de processos materiais, sendo esses do tipo transformativo, que demonstram a existência do participante no desenvolver do processo. No caso do participante Escopo, nota-se que o participante, “os prefeitos”, existe e independe da construção do próprio processo, diferentemente do participante Meta, cujo participante recebe o impacto da ação. Há também o uso de processos mentais perceptivos, os quais fazem referência à experiência do mundo de nossa consciência. Os processos existenciais representam o que existe no museu, no entanto, aparecem no final da narrativa (avaliação) e não no estágio de apresentação (orientação) o que seria mais comum. De acordo com Fuzer & Cabral (2010) tais processos servem para introduzir os participantes centrais no referido estágio.

Os textos dos estudantes produzidos na última etapa do Ciclo de Ensino-Aprendizagem apresentam um número bastante relevante de processos relacionais e materiais. Como o objetivo era conhecer a história de Macaparana, foi necessário destacar como as coisas foram acontecendo nessa cidade, desta forma, os estudantes explicitaram a visão que tinham do lugar que mora. Relação assumida pelo contexto de cultura que revela os aspectos inerentes ao indivíduo, ou seja, sua ideologia. Durante o processo de reescrita, os alunos ampliaram seus textos e destacaram as características que consideravam pertinentes à cidade de Macaparana.

Os estudantes utilizaram-se mais de processos do tipo relacional estabelecendo uma relação de apreciação a Macaparana. Para tanto, essas orações dividiram-se em intensivas e possessivas; sendo a primeira responsável por caracterizar entidades e a segunda por

estabelecer uma relação de posse entre os participantes da oração. Como mostra o quadro 45, abaixo:

Quadro 45: Exemplos de orações relacionais

Identificado	Processo relacional intensivo	Identificador
Anita Moraes	Foi	A única mulher a se eleger prefeita.
Possuidor	Processo relacional possessivo	Possuído
Macaparana	Tem e teve	Muitas pessoas.

As produções de reescrita demonstram um maior uso dos processos relacionais, os estudantes buscam caracterizar o lugar que mora a partir do conhecimento de mundo e dos adquiridos. Em alguns textos, percebe-se que na apresentação (orientação), os discentes utilizam processos existenciais, o que é comum para a escrita do gênero de família estória. Exemplo: “Havia no interior de Pernambuco um lugar que ainda não tinha recebido um nome” (P01/ANEXO 06). No entanto, é importante destacar que, na produção realizada na negociação do campo (1ª etapa do Ciclo de Ensino-Aprendizagem), isso não era visível.

Além dos processos relacionais, os processos materiais também foram bastante significativos durante as produções, o que já era de se esperar, tendo em vista a necessidade de destacar os feitos em Macaparana.

Percebe-se que a escolha dos processos não é feita de forma aleatória, mas com uma intencionalidade, no caso dessas produções de reescrita, a pretensão foi valorizar a cultura de Macaparana e torná-la conhecida. Para tanto, a utilização de mais processos relacionais e materiais contribuíram para a construção de um lugar que passou por mudanças que foram importantes para a sua construção enquanto cidade.

Desta forma, pode-se afirmar que os aprendizes, partindo do estudo da língua de forma funcional, considerando seus usos, passaram a compreender melhor o papel da gramática dentro do texto, dentro de um gênero, bem como, sua relação com o contexto de produção.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa com ancoragem nos pressupostos da Linguística Sistêmico Funcional Halliday (2014), Halliday e Matthiessen (2004) e no Sistema de Transitividade Halliday (2014) revelou que o ensino da leitura e da produção de gêneros de textos deve centrar-se, sobretudo, no contexto em que o estudante encontra-se inserido, evidenciando o contexto de situação e de cultura e o uso das escolhas léxico-gramaticais como formas do indivíduo reconhecer-se socialmente.

A relevância de um estudo considerando a experiência dos estudantes/autores e o conhecimento de mundo de cada um sobre o contexto tomou-se como estratégia para o ensino de gênero de família estória em sala de aula, local de reflexão e de construção do conhecimento para convivência em sociedade.

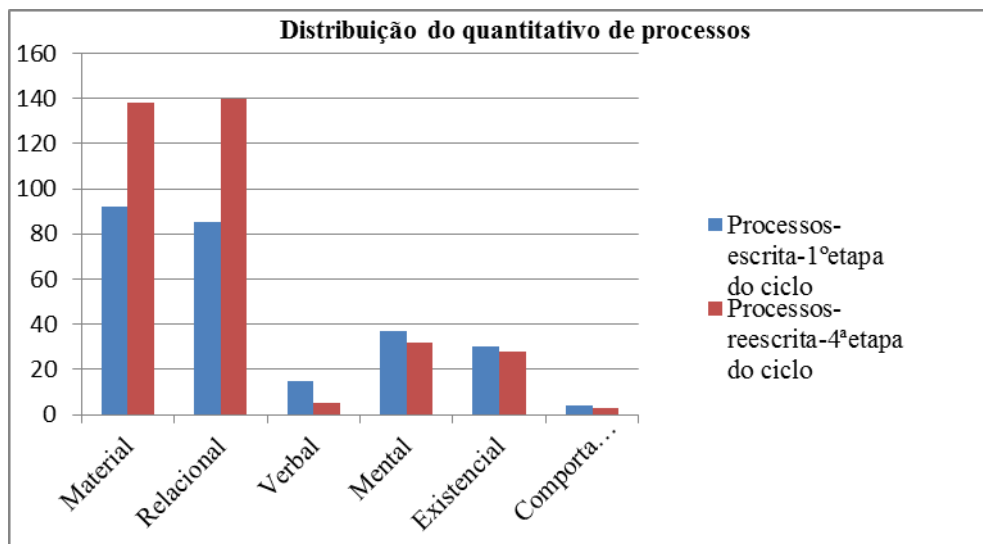
Desse modo, para cumprir os objetivos de identificar as escolhas léxico-gramaticais (processos e participantes da oração) e analisar a relação do contexto sociocultural com essas escolhas nos diferentes gêneros da família ‘estória’, recorreu-se ao Sistema de Transitividade Halliday (2014) e a uma proposta didática interventiva sob os estudos do Ciclo de Ensino-Aprendizagem de Rothery (1994) ampliado por Rose e Martin (2012). Esta metodologia tornou-se uma importante ferramenta para a compreensão e relação do contexto de situação e de cultura das produções dos textos do gênero da família estória, de como a gramática se materializa no texto e como esses elementos são responsáveis para a construção do texto como um todo.

Considerando a importância do gênero de família estória nas séries finais do Ensino Fundamental, especificamente 6º ano, analisaram-se quarenta produções de textos dos escolares (vinte iniciais e vinte finais); entre eles: narrativas, relatos e comentários (observações), especificidade baseada na Pedagogia de Gêneros de Martin e Rose (2008). Todos produzidos durante a aplicabilidade do ciclo de ensino-aprendizagem que formam o *corpus* desta pesquisa.

A partir da aplicabilidade do Ciclo de Ensino-Aprendizagem, percebeu-se a evolução escrita dos discentes, que passaram a preocupar-se mais com o que escreviam, com a organização das ideias e como tornar tudo isso compreensível para o leitor. Essa preocupação tornou-se também visível nas escolhas dos processos. Na primeira produção os processos de

tipo material sobressaíram, enquanto que, na última foram os relacionais. Ambos importantes para a construção do texto.

Gráfico 05: Distribuição da quantidade de ocorrências de processos da Escrita e Reescrita



Antes de um estudo nesta perspectiva reflexiva, os discentes faziam uso dos processos sem saber a funcionalidade deles no texto, a partir da proposta interventiva do ciclo de ensino-aprendizagem passaram a refletir acerca de suas escolhas e como essas se relacionavam com o significado que gostariam de evidenciar no texto.

Por meio desta proposta de ensino, os estudantes puderam compreender como construir um texto processualmente, seguindo cada etapa até atingir o êxito da editoração/divulgação. Os estudantes organizaram suas ideias obedecendo a uma sequência que refletiu em um melhor resultado para o texto.

Percebe-se que, na maioria das histórias, os discentes passaram a situar o leitor a respeito do que estavam falando, bem como, onde ficava o lugar que mora. Não se esquecendo de evidenciar o passado histórico da primeira moradia e a planta que deu nome a cidade. Além disso, caracterizam Macaparana, desde o início, de forma positiva.

Havia no interior de Pernambuco um lugar que ainda não tinha recebido um nome desde que foi descoberto. Mas depois de um tempo, o lugar foi denominado de Macapá. O nome foi decorrente de uma palmeira que havia em grande quantidade na região naquela época. (P01/ANEXO 06).

Em algumas estórias, os estudantes chamam a atenção para o leitor ir visitar e/ou conhecer o local que moram. Para tanto, destaca pontos turísticos que têm no local, a agricultura, enfim, sinalizam as coisas boas que a cidade oferece ao povo macaparanense, o que pode ser atrativo e despertar a curiosidade do leitor. Percebem-se, então, a partir da análise do *corpus*, semelhanças no contexto de cultura representado pelos discentes durante a produção inicial e final, o que decorre de uma história cultural local restrita, uma vez que, apenas o monumento histórico - o museu e depoimentos de antigos moradores estão acessíveis ao público de modo a fortalecer e enriquecer a história do povo macaparanense.

Esta pesquisa demonstra o quanto é importante o ensino de gramática a partir do estudo do gênero de textos, especificamente, do gênero 'estória' dentro da perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional e de um Ciclo de Ensino-Aprendizagem, o qual deve centrar-se no contexto em que o estudante está inserido. Sendo assim, é preciso que o aluno conheça o contexto de cultura e de situação para que faça as escolhas léxico-gramaticais adequadas.

Essas escolhas irão determinar o conhecimento de mundo que o indivíduo tem. Por isso, o âmbito escolar deve ser propício para a efetivação da construção do conhecimento social, sendo um verdadeiro espaço de reflexão em que a produção de textos ganha significados para a vida do indivíduo.

A proposta de um ciclo de ensino-aprendizagem visa contribuir para a produção de textos em sala de aula e, conseqüentemente, de leitura, assim os estudantes poderão se apropriar mais da escrita, dos elementos lexicais e gramaticais e utilizá-los de forma mais consciente. Esta pesquisa traz contribuições para o ensino de leitura e de escrita a partir do estudo de gramática em sala de aula, do estudo de gêneros da Escola de Sydney (BUNZEN, 2004) e da Pedagogia de gêneros de Martin e Rose (2008), de maneira a estudar a relação do uso da língua.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Gramática contextualizada: limpando ‘o pó das ideias simples’**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BAGNO, M. **Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia e exclusão social**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- BARBARA, L. **SAL – A Sistemática Através de Línguas**. Projeto de pesquisa. São Paulo: PUCSP, 2010.
- BAZERMAN, C. The Life of genre, the life in the classroom. In: Bisshop, Wendy & Ostrom, Hans (eds.). **Genre and Writing: Issues, Arguments, Alternatives**. Portsmouth, NH: Heinemann, 1997.
- _____. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Ângela Paiva Dionísio, Judith Chambliss Hoffnagel (Ogs.). Revisão técnica Ana Regina Vieira *et al.* São Paulo: Cortez, 2005.
- BEAUGRANDE, R. de; HALLIDAY, M. A.K. **Linguistic theory: the discourse of fundamental works**. New York: Longman, 1991.
- BONINI, A. Gênero textual/discursivo: o conceito e o fenômeno. In: Cristóvão e Nascimento (orgs.). **Gêneros Textuais: Teoria e prática**. Londrina: Moriá, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental (Língua Portuguesa)** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BUNZEN, C. O ensino de “gêneros” em três tradições: implicações para o ensino-aprendizagem de língua materna. In: COVRE *et. al.* (Org.). **Quimera e a peculiar atividade de formalizar a mistura do nosso café com o revigorante chá de Bakhtin**. São Carlos, SP: Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso, 2004. (p. 221-257). Disponível em: <http://www.letramento.iel.unicamp.br/publicacoes/public_clecio/o_ensino_de_generos.html>. Acesso em: 25 set. 2015.
- CASTILHO, A. T. **Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro**. In. SOUZA, E. R. et al. **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CEZÁRIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. da. **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.
- CRYSTAL, D. **Dicionário de linguística e fonética**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 95-128.

EGGINS, S. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics**. Second edition. London & New York: Continuum, 2004.

EGGINS, S.; MARTIN, J R. Genres and registers of discourse. *In*: VAN DIJK, T. **Discourse as structure and process – discourse studies: a multidisciplinary introduction**. London: Thousand Oaks; New Delhi: Sage Publications, 1997.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da UNB, 2001.

FERREIRA, M. **Glossário de termos do discurso**. Porto Alegre: Instituto de Letras UFRGS, 2001.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

_____. **Introdução à Gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Santa Maria, RS: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Artes e Letras, Departamento de Letras, 2010.

GERALDI, J. W. Prática da Leitura na Escola. *In*: **O texto na sala de aula**. GERALDI, J. W. (Org.). São Paulo: Ática, 1999.

GONÇALVES SEGUNDO, P. R. **Linguística Sistêmico-Funcional e Análise Crítica do Discurso: explorando convergências e explicitando especificidades**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo (USP), 2011.

GOUVEIA, C. A.M. **Texto e gramática: Uma Introdução à Linguística Sistêmico – Funcional**. Revista Matraca, 24: 2009 (p. 13-47).

HALLIDAY, M. A. K. **‘Dimensions of discourse analysis: grammar’**, The Handbook of Discourse Analysis, Vol. 2: Dimensions of Discourse. Academic Press, 1985.

_____. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. London: Arnold, 1994.

_____. **Introduction to functional grammar**. 4. ed. London: Routledge, 2014.

HALLIDAY, M.A.K. & HASAN, R. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, C.M.I.M. **Halliday's introduction to functional grammar**. 4. ed. London: Routledge, 2004.

KLEIMAN, A. **Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. 7ª edição – Campinas, SP: Pontes, 2000.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MARCUSCHI, L. A. **Oralidade e Ensino de Língua: uma questão pouco “falado”**. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva e BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **O livro didático de Português: múltiplos olhares** Rio de Janeiro: Lucerna, 2011.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARTIN, J. R. **English text – System and structure**. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1992.

_____. **Factual writing: exploring and challenging reality**. Geelong: Deakin University Press, 1985.

MARTIN, J.; ROSE, D. **Genre Relations: mapping culture**. London: Equinox, 2008.

MEDEIROS, R. **Brasil, cangaço, história, história do Nordeste do Brasil, Nordeste**, 2013.

MELO, C. **Cartas à redação: uma abordagem discursiva**. Tese de doutorado em linguística, Instituto de Estudos da Linguagem - IEL/Universidade de Campinas – SP, 1999.

MEURER, J.L; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MOTTA-ROTH, D. **Escrevendo no contexto: contribuições da LSF para o ensino de redação acadêmica**. 33rd International Systemic Functional Congress, 2006.

NEVES, M.H. de M. **A gramática: história, teoria e análise**. São Paulo: UNESP, 2002.

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses**/ Maria Marly de Oliveira. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

PÊCHEUX, M. O papel da memória. In: ACHARD, P. et al. **O papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. 3. ed. Campinas: Pontes, 2010.

- PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**: São Paulo, Ática, 2000.
- PERNAMBUCO. **Base Curricular Comum para as Redes Públicas de ensino de Pernambuco** – BNCC, no prelo, 2015.
- PERNAMBUCO. Secretaria de Educação Base Curricular Comum para as Redes Públicas de Ensino de Pernambuco: **língua portuguesa** / Secretaria de Educação. - Recife: SE. 2008.
- RIBEIRO, M.L.; MARTINS, I. **O potencial das narrativas como recurso para o ensino de ciências: uma análise em livros didáticos de Física**. Ciênc. educ. (Bauru) vol.13 no.3 Bauru Sept./Dec. 2007.
- ROSE, D. & MARTIN, J. R. **Learning to Write, Reading to Learn: Genre, Knowledge and Pedagogy in the Sydney School**. Sheffield (UK) and Bristol (USA): Equinox Publishing Ltd, 2012.
- ROTHERY, J. **Exploring Literacy in School English** (Write it Right Resources for Literacy and Learning). Sydney: Metropolitan East Disadvantaged Schools Program, 1994.
- _____. **Making Changes: developing an educational linguistics**. In: HASAN; WILLIAMS (Orgs.). **Literacy in Society**. London: Longman, 1996.
- SANTOS, M. S. O Pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado; In Cadernos de **Sociomuseologia**, Nº 19. Lisboa: ULHT, 2002.
- SCHLEE, Magda Bahia et all. **A Linguística Sistêmico-Funcional no quadro das Grandes Teorias Linguísticas: Propostas de Aplicação**. ANAIS – do XVI. CNLF. Rio de Janeiro: CIFEFiL, 2012.
- SILVA, E.C.M. da. **Ciclo de aprendizagem baseado em gêneros**. Linguagem - Estudos e Pesquisas Vol. 19, n. 02, p. 19-37, jul./dez.UFG/Regional Catalão, 2015.
- SOARES, D. A. **Produção Textual e Revisão Textual: um guia para professores de Português e de Língua Estrangeiras**. Petrópolis, Rio de Janeiro: 2009.
- SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto alegre: Artes médicas, 1998.
- THOMPSON, G. **Introducing Functional Grammar**: London: Hodder Education, 2004.
- TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e linguística**. São Paulo: Contexto, 2004.
- TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____ **Gramática: Ensino Plural.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

UNESCO. **Declaração mundial sobre educação para todos.** Plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem. Tailândia: CEPAL/UNESCO, 1990.

VIAN JR. O.; LIMA-LOPES, R. E. A perspectiva teleológica de Martin para a análise dos gêneros textuais. In: MEURER, J.L.; BONINI, Adair.; MOTTA-ROTH Désirée. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. **Ensino de Gramática: descrição e uso.** 2. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

ANEXOS

ANEXO 01 - Produção Inicial (Ciclo de Ensino-Aprendizagem/ Negociação)

ANEXO 02 - Depoimento do morador (Ciclo de Ensino-Aprendizagem/ Negociação)

ANEXO 03 - Questionário Sociocultural (Ciclo de Ensino-Aprendizagem/Negociação)

ANEXO 04 - Produção coletiva (Ciclo de Ensino-Aprendizagem/Construção Conjunto)

ANEXO 05 - Produção individual – 1ª escrita (Ciclo de Ensino-Aprendizagem/construção independente)

ANEXO 06 - Produção individual – reescrita (Ciclo de Ensino-Aprendizagem/construção independente)

ANEXO 01 - Produção Inicial (Ciclo de Ensino-Aprendizagem/ Negociação)

<p><u>Museu de Macaparana</u></p> <p>A escola (X) levou a sala do 6º ano. Vimos a história do governador antigo Moura Cavalcanti, seu quarto, suas medalhas entre outras coisas da sua vida. Enquanto o mundo estava com a 2ª guerra mundial entre outros acontecimentos, Macaparana estava se tornando cidade. Vimos alguns de nossos políticos filhos desta terra como: Mavial Cavalcanti e Antônio Moraes. Estão lá os prefeitos que já passaram pelo poder executivo de nossa cidade como: Valdecirio Cavalcanti e Mavial Filho (Mavi). Tem fotos da inauguração do hospital de nossa cidade. Quem veio cantar foi Luiz Gonzaga. E também tem a foto de Anita Moraes a primeira mulher a comandar o poder executivo de Macaparana por uma só vez. Vimos a economia de nossa cidade como a cana-de-açúcar, o algodão e os engenhos da época, que ainda hoje existem: batão e Macapá Velho.</p>	<p>MUSEU DE MACAPARANA</p> <p>A escola(X) levou a sala do 6º ano. Vimos a história do governador antigo Moura Cavalcanti, seu quarto, suas medalhas entre outras coisas da sua vida.</p> <p>Enquanto o mundo estava com a 2ª guerra mundial entre outros acontecimentos, Macaparana estava se tornando cidade. Vimos alguns de nossos políticos filhos desta terra como: Mavial Cavalcanti e Antônio Moraes. Estão lá os prefeitos que já passaram pelo poder executivo de nossa cidade como: Valdecirio Cavalcanti e Mavial Filho (Mavi).</p> <p>Tem fotos da inauguração do hospital de nossa cidade. Quem veio cantar foi Luiz Gonzaga. E também tem a foto de Anita Moraes a primeira mulher a comandar o poder executivo de Macaparana por uma só vez.</p> <p>Vimos a economia de nossa cidade como a cana-de-açúcar, o algodão e os engenhos da época, que ainda hoje existem: Latão e Macapá Velho.</p>
---	---

Texto (01) – Aluno de Escola Urbana (Idade: 11 anos)

<p><u>A História de Macaparana a partir do Museu</u></p> <p>No museu Moura Cavalcanti, vimos várias coisas, como fotos e objetos que foram utilizados por algumas pessoas naquela época. O nome do museu veio de uma pessoa muito importante, o ex-governador de Pernambuco.</p> <p>Em todo esse tempo estava se passando a segunda guerra mundial. Anita de Moraes foi a única mulher a se eleger a prefeita na cidade.</p> <p>Quem trouxe o hospital para cá foi o prefeito Joaquim Francisco e Luiz Gonzaga veio participar da inauguração. Vimos a igreja que tem em Monte Alegre e que tem um cemitério ao lado que só enterrava pessoas de família.</p>	<p>A HISTÓRIA DE MACAPARANA A PARTIR DO MUSEU</p> <p>No museu Moura Cavalcanti, vimos várias coisas, como fotos e objetos que foram utilizados por algumas pessoas naquela época. O nome do museu veio de uma pessoa muito importante, o ex-governador de Pernambuco.</p> <p>Em todo esse tempo estava se passando a segunda guerra mundial. Anita de Moraes foi a única mulher a se eleger a prefeita na cidade.</p> <p>Quem trouxe o hospital para cá foi o prefeito Joaquim Francisco e Luiz Gonzaga veio participar da inauguração. Vimos a igreja que tem em Monte Alegre e que tem um cemitério ao lado que só enterrava pessoas de família.</p>
---	---

Texto (02) – Aluno de Escola Rural (Idade: 11 anos)

<p style="text-align: center;"><u>Museu</u></p> <p>No Museu Moura Cavalcanti fala como surgiu a querida Macaparana. Surgiu a partir de uma casa de taipa construída por Manoel Panguengue em terras do fazendeiro José Francisco do Rego Cavalcanti. A construção dessa casa de taipa passaria a servir como ponto de apoio para os comerciantes. Macaparana é formada por engenhos, usinas, fazendas, sítios, vilas e povoados (Poço Comprido, Pirauá e Lagoa Grande). O primeiro nome que a cidade teve foi Macapá.</p> <p>A história do Município de Macaparana tem muito em comum com o desenvolvimento da agricultura e da pecuária nessa região. A agricultura Canavieira, a criação de gado, a bananicultura, juntamente com o potencial dos engenhos da cana-de-açúcar e aguardente de famílias tradicionais, como destaque a família Cavalcanti, além do potencial turístico, têm favorecido o desenvolvimento do município no âmbito do bem estar populacional.</p>	<p style="text-align: center;">MUSEU</p> <p>No Museu Moura Cavalcanti fala como surgiu a querida Macaparana. Surgiu a partir de uma casa de taipa construída por Manoel Panguengue em terras do fazendeiro José Francisco do Rego Cavalcanti. A construção dessa casa de taipa passaria a servir como ponto de apoio para os comerciantes. Macaparana é formada por engenhos, usinas, fazendas, sítios, vilas e povoados (Poço Comprido, Pirauá e Lagoa Grande). O primeiro nome que a cidade teve foi Macapá.</p> <p>A história do Município de Macaparana tem muito em comum com o desenvolvimento da agricultura e da pecuária nessa região. A agricultura Canavieira, a criação de gado, a bananicultura, juntamente com o potencial dos engenhos da cana-de-açúcar e aguardente de famílias tradicionais, como destaque a família Cavalcanti, além do potencial turístico, têm favorecido o desenvolvimento do município no âmbito do bem estar populacional.</p>
---	---

Texto (03) – Aluno de Escola Urbana (Idade: 11 anos)

<p style="text-align: center;"><u>O MUSEU</u></p> <p>A HISTÓRIA DA NOSSA CIDADE ASSIM COM ENGENHOS DA FAMÍLIA CAVALCANTI. OS ENGENHOS FORAM AUMENTANDO DAÍ MACAPARANA QUE SE CHAMAVA MACAPÁ VIROU DISTRITO DE TIMBAÚBA, NESSA ÉPOCA O CORONELISMO ERA MUITO GRANDE.</p> <p>MACAPARANA CRESCER COM A CANA DE AÇÚCAR, DAÍ VIROU DISTRITO DE SÃO VICENTE, MAS TEVE UMA GRANDE PESSOA, UM GRANDE CORONEL CHAMADO MOURA CAVALCANTI QUE FEZ MACAPARANA CRESCER E MUITOS ANOS DEPOIS ELE IRIA SE TORNAR GOVERNADOR DE PERNAMBUCO.</p> <p>MACAPARANA CRESCER MAIS QUE SÃO VICENTE E TOMOU A PREFEITURA DE SÃO VICENTE PARA MACAPARANA, POR CAUSA DISSO HOUVE MUITAS REVOLTAS POR QUE UMA PESSOA PASSAR UMA VILA PARA UMA CIDADE OU UMA CIDADE PARA VILA.</p> <p>DEPOIS VEIO O ALGODÃO E A PIMENTA E MACAPARANA FOI UMA GRANDE EXPORTADORA DE PIMENTA. MACAPARANA TEM E TEVE MUITAS PESSOAS QUE FIZERAM HISTÓRIAS.</p>	<p style="text-align: center;">O MUSEU</p> <p>A história da nossa cidade assim com engenhos da família Cavalcanti. Os engenhos foram aumentando daí Macaparana que se chamava Macapá virou distrito de Timbaúba, nessa época o coronelismo era muito grande.</p> <p>Macaparana cresceu com a cana de açúcar, daí virou distrito de São Vicente, mas teve uma grande pessoa, um grande coronel chamado Moura Cavalcanti que fez Macaparana crescer e muitos anos depois ele iria se tornar governador de Pernambuco.</p> <p>Macaparana cresceu mais que São Vicente e tomou a prefeitura de São Vicente para Macaparana, por causa disso houve muitas revoltas porque uma pessoa passar uma vila para uma cidade e uma cidade para vila.</p> <p>Depois veio o algodão e a pimenta e Macaparana foi uma grande exportadora de pimenta. Macaparana tem e teve muitas pessoas que fizeram histórias.</p>
---	---

Texto (04) – Aluno de Escola Urbana (Idade: 11 anos)

<p><u>Visitando o Museu</u></p> <p>No museu relata todos os acontecimentos que souve em quanto tava construindo nossa linda e bela cidade de Macaparana. Deram a cidade o nome de Macapá, lá vários relato de como ela ganhou esse nome, um deles foi que avia uma planta chamada macapá.</p> <p>Mais já existia uma cidade com esse nome. Então acrescentaram o rano pra essas palavrinhas serem acrescentadas, pegaram varias terminação de nomes de fruta. O homem que mas se destacouse no museu foi o Moura Cavalcanti até tem uma estáta dele no começo do museu e uma grande foto as família que tava lá por todos os lados é a dos Cavalcanti e dos Moraes. A uma rivalidade política entre essas duas famílias, mais ainda são primos. Além da historia de Macaparana e as e desastre dos distritos de Macaparana, o museu conta a trajetora toda de todos os prefeitos, as primeiras escolas a ser construida e as família mais privilegiada de antigamente.</p>	<p>VISITANDO O MUSEU</p> <p>No museu relata todos os acontecimentos que houve em quanto tava construindo nossa linda e belíssima cidade de Macaparana.</p> <p>Deram a cidade o nome de Macapá, lá vários relatos de como ela ganhou esse nome, um deles foi que havia uma planta chamada Macapá.</p> <p>Mais já existia uma cidade com esse nome. Então acrescentaram o rano. Para essas palavrinhas serem acrescentadas, pegaram várias terminações de nomes de fruta.</p> <p>O homem que mais se destacou no museu foi o Moura Cavalcanti até tem uma estátua dele no começo do museu e uma grande foto. As famílias que tava lá por todos os lados é a dos Cavalcanti e dos Moraes. A uma rivalidade política entre essas duas famílias, mais ainda são primos.</p> <p>Além da história de Macaparana e as e desastre dos distritos de Macaparana, o museu conta a trajetória de toda de todos os prefeitos, as primeiras escolas a ser construída e as famílias mais privilegiadas de antigamente.</p>
--	---

Texto (05) – Aluno de Escola Urbana (11 anos)

<p><u>Relato de um aluno sobre o museu</u></p> <p>Tudo começou quando saímos da escola depois do toque para a quarta aula. Saímos da escola, caminhamos até o museu. A primeira coisa que vimos foi uma estátua do sr. Moura Cavalcanti.</p> <p>Após ver a estátua fomos para uma espécie de linha do tempo onde estavam escritas notícias globais e de Macaparana, depois disso fomos ver onde sr. Moura Cavalcanti dormia.</p> <p>Lá estavam sua cama e seu berço, seguindo encontramos suas medalhas e troféus e também pequenas informações de políticos de antigamente até o governo de Mavial Cavalcanti.</p> <p>No outro lado desse corredor tem um pouco dos engenhos, a bandeira e onde se localiza Macaparana.</p>	<p>RELATO DE UM ALUNO SOBRE O MUSEU</p> <p>Tudo começou quando saímos da escola depois do toque para a quarta aula. Saímos da escola, caminhamos até o museu, lá a primeira coisa que vimos foi uma estátua do sr. Moura Cavalcanti.</p> <p>Após ver a estátua fomos para uma espécie de linha do tempo onde estavam escritas notícias globais e de Macaparana, depois disso fomos ver onde sr. Moura Cavalcanti dormia.</p> <p>Lá estavam sua cama e seu berço, seguindo encontramos suas medalhas e troféus e também pequenas informações de políticos de antigamente até o governo de Mavial Cavalcanti. Do outro lado desse corredor tem um pouco dos engenhos, a bandeira e onde se localiza Macaparana.</p>
--	--

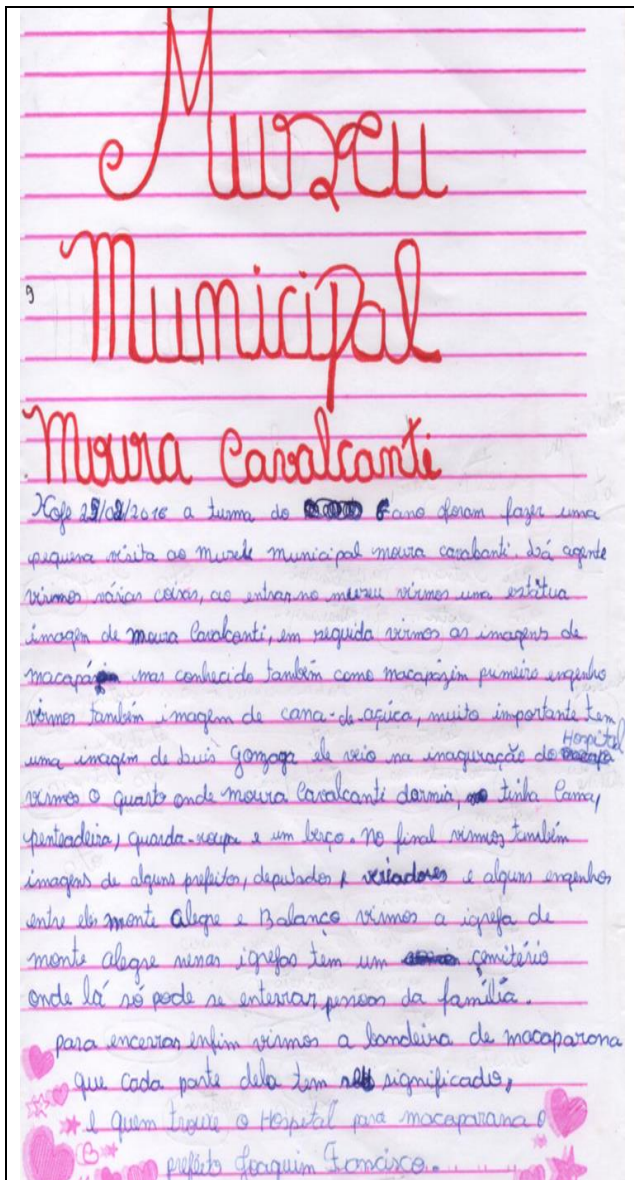
Texto (06) – Aluno de Escola Rural (11 anos)

<p style="text-align: center;"><u>O museu de macaparana</u></p> <p>Vimos acontecimentos históricos quando macaparana estava sendo fundada. Uma das pessoas mais importantes para Macaparana foi Moura Cavalcanti, que era prefeito da cidade, depois vimos uma exposição de móveis e objetos de Moura Cavalcanti. Também há uma exposição de medalhas dele.</p> <p>Economia: A história do município de macaparana se confunde com as monoculturas de economia baseada na cana-de-açúcar e do poder político alternado entre 2 famílias, a dos Morais e a dos Cavalcanti.</p>	<p style="text-align: center;">O MUSEU DE MACAPARANA</p> <p>Vimos acontecimentos históricos quando Macaparana estava sendo fundada. Uma das pessoas mais importantes para Macaparana foi Moura Cavalcanti, que era prefeito da cidade, depois vimos uma exposição de móveis e objetos de Moura Cavalcanti. Também há uma exposição de medalhas dele.</p> <p>Economia: A história do Município de Macaparana se confunde com as monoculturas de economia baseada na cana-de-açúcar e do poder político alternado entre duas famílias, a dos Morais e a dos Cavalcanti.</p>
---	--

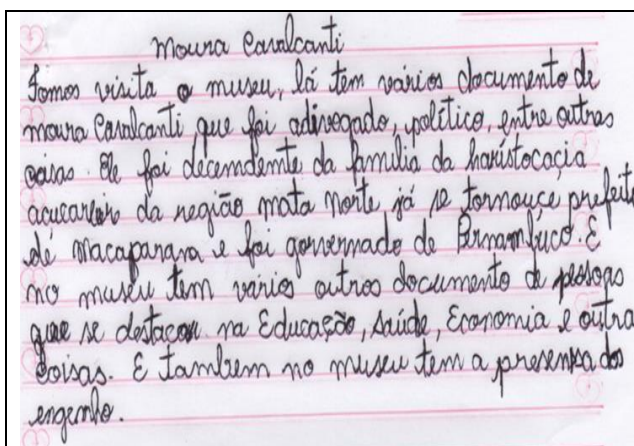
Texto (07) - Aluno de Escola Rural (11anos)

<p style="text-align: center;"><u>A amada macaparana</u></p> <p>Eu aprendi que aqui era chamado de macapá por causa de um engenho de açúcar da região que se chamava assim.</p> <p>Macaparana tinha vários engenhos de cana-de-açúcar, por isso, ela era muito rica em cana e derivados, tendo também plantações de algodão e pimenta. Muitas pessoas de cidades vizinhas vieram pra cá, fazendo Macapá crescer mais do que São Vicente.</p> <p>Quando Macapá virou cidade, São Vicente virou vila, pois a prefeitura de São Vicente foi transferida para Macapá. Macapá quando virou cidade percebeu que já existia uma cidade chamada assim, então trocaram Macapá para Macaparana.</p>	<p style="text-align: center;">A AMADA MACAPARANA</p> <p>Eu aprendi que aqui era chamado de Macapá por causa de um engenho de açúcar da região que se chamava assim.</p> <p>Macaparana tinha vários engenhos de cana-de-açúcar, por isso ela era muito rica em cana e derivados, tendo também plantações de algodão e pimenta. Muitas pessoas de cidades vizinhas vieram pra cá, fazendo Macapá crescer mais do que São Vicente.</p> <p>Quando Macapá virou cidade, São Vicente virou vila, pois a prefeitura de São Vicente foi transferida para Macapá. Macapá quando virou cidade percebeu que já existia uma cidade chamada assim, então trocaram Macapá para Macaparana.</p>
---	--

Texto (08) – Escola Urbana (11anos)

 <p>Museu Municipal Moura Cavalcanti</p> <p>Hoje 25/02/2016 a turma do 6º ano foram fazer uma pequena visita ao Museu Municipal Moura Cavalcanti. Lá agente vimos várias coisas, ao entrar no museu vimos uma estátua imagem de Moura Cavalcanti, em seguida vimos as imagens de Macapá mas conhecida também como Macapázim primeiro engenho. Vimos também imagem de cana-de-açúcar, muito importante tem uma imagem de Luis Gonzaga ele veio na inauguração do Hospital. Vimos o quarto onde Moura Cavalcanti dormia, ela tinha cama, penteadeira, guarda-roupa e um berço. No final vimos também imagens de alguns prefeitos, deputados e vereadores e alguns engenhos entre eles Monte Alegre e Balanço vimos a igreja de Monte Alegre nessas igrejas tem um cemitério onde lá só pode se enterrar pessoas da família. Para encerrar enfim vimos a bandeira de Macaparana que cada parte dela tem seu significado, e quem trouxe o hospital para Macaparana o prefeito Joaquim Francisco.</p>	<p>MUSEU MUNICIPAL MOURA CAVALCANTI</p> <p>Hoje 25/02/2016 a turma do 6º ano foram fazer uma pequena visita ao museu Municipal Moura Cavalcanti. Lá agente viu várias coisas. Ao entrar no museu vimos uma estátua, imagem de Moura Cavalcanti, em seguida vimos as imagens de Macapá mas conhecida também como Macapázim primeiro engenho. Vimos também imagem de cana-de-açúcar, muito importante tem uma imagem de Luis Gonzaga ele veio na inauguração do Hospital.</p> <p>Vimos o quarto onde Moura Cavalcanti dormia, tinha cama, penteadeira, guarda-roupa e um berço. No final vimos também imagens de alguns prefeitos, deputados, vereadores e alguns engenhos, entre eles Monte Alegre e Balanço vimos a igreja de Monte Alegre nessas igrejas tem um cemitério onde lá só pode se enterrar pessoas da família. Para encerrar enfim vimos a bandeira de Macaparana que cada parte dela tem seu significado, e quem trouxe o hospital para Macaparana o prefeito Joaquim Francisco.</p>
---	--

Texto (09) – Aluno de Escola Urbana (11 anos)

 <p>Moura Cavalcanti</p> <p>Fomos visita o museu, lá tem vários documento de Moura Cavalcanti que foi advogado, político, entre outras coisas. Ele foi descendente da família da harístocacia açucareira da região mata Norte já se tornou prefeito de Macaparana e foi governador de Pernambuco. E no museu tem vários outros documento de pessoas que se destacou na Educação, Saúde, Economia e outras coisas. E também no museu tem a presença dos engenho.</p>	<p>MOURA CAVALCANTI</p> <p>Fomos visita o museu, lá tem vários documento de Moura Cavalcanti que foi advogado, político, entre outras coisas. Ele foi descendente da família da harístocacia açucareira da região Mata Norte já se tornou prefeito de Macaparana e foi governador de Pernambuco.</p> <p>E no museu tem vários outros documento de pessoas que se destacou na Educação, Saúde, Economia e outras coisas. E também no museu tem a presença dos engenho.</p>
---	--

Texto (10) – Aluno de Escola Rural (11 anos)

<p style="text-align: center;">MUSEU MOURA CAVALCANTI</p> <p>O MUSEU APRESENTA ACONTECIMENTOS MUITO IMPORTANTES PARA MACAPARANA E TAMBÉM PESSOAS MUITO IMPORTANTES QUE FIZERAM HISTÓRIA COMO MOURA CAVALCANTI QUE FOI PREFEITO DA CIDADE COM APENAS 20 ANOS E ANITA MORAIS ELEITA VEREADORA POR CINCO VEZES SEGUIDAS E PRIMEIRA ^{FEITA} DE PERNAMBUCO. TAMBÉM MOSTRA FOTOS DE FAMÍLIAS ANTIGAS ONDE APESAR DE TER PASSADO MUITO TEMPO AINDA É POSSÍVEL VER SEMELHANÇAS NAS VESTIMENTAS COMPARADAS AS DE HOJE EM DIA.</p>	<p style="text-align: center;">MUSEU MOURA CAVALCANTI</p> <p>O museu apresenta acontecimentos muito importantes para Macaparana e também pessoas muito importantes que fizeram história como Moura Cavalcanti que foi prefeito da cidade com apenas 20 anos e Anita Moraes eleita vereadora por cinco vezes seguidas e primeira feita de Pernambuco.</p> <p>Também mostra fotos de famílias antigas onde apesar de ter passado muito tempo ainda é possível ver semelhanças nas vestimentas comparadas as de hoje em dia.</p>
--	--

Texto (11) – Aluno de Escola Rural (11 anos)

<p style="text-align: center;"><u>Visita ao museu</u></p> <p>Em uma manhã de quarta-feira, nós alunos fomos visitar o museu de nossa cidade Macaparana-PE. Os professores responsáveis por nós no dia da visita eram a de história e a de português.</p> <p>Chegando ao museu, nós examinamos o primeiro setor do museu, nele nós observamos alguns objetos e a nossa professora estava explicando para que cada um servia, logo, depois a gente foi para o segundo setor. Nele tinha as fotos de alguns prefeitos que já passaram pela prefeitura de nossa cidade e nossa professora falava algumas coisas que cada prefeito fez em nossa cidade.</p> <p>Depois disso, nós nos encaminhamos ao último setor, nele nós vimos a bandeira de nossa cidade, foto de engenhos que tiveram muita importância para nossa cidade e de construções que foram inovadoras para cidade e a data da construção. Já na saída nós assinamos um livro de presença e voltamos para a nossa escola.</p>	<p style="text-align: center;">VISITA AO MUSEU</p> <p>Em uma manhã de quarta-feira, nós, alunos, fomos visitar o museu de nossa cidade Macaparana-PE. Os professores responsáveis por nós no dia da visita eram a de história e a de português.</p> <p>Chegando ao museu, nós examinamos o primeiro setor do museu, nele nós observamos alguns objetos e a nossa professora estava explicando para que cada um servia, logo, depois a gente foi para o segundo setor. Nele tinha as fotos de alguns prefeitos que já passaram pela prefeitura de nossa cidade e nossa professora falava algumas coisas que cada prefeito fez em nossa cidade.</p> <p>Depois disso, nós nos encaminhamos ao último setor, nele nós vimos a bandeira de nossa cidade, foto de engenhos que tiveram muita importância para nossa cidade e de construções que foram inovadoras para cidade e a data da construção. Já na saída nós assinamos um livro de presença e voltamos para a nossa escola.</p>
--	--

Texto (12) – Aluno de Escola Urbana (11 anos)

<p style="text-align: center;"><u>A história de Macaparana</u></p> <p>A história de Macaparana pode ser vista detalhadamente em um só lugar, no Museu Moura Cavalcanti. Este é um pequeno museu, mas que revela muita coisa da nossa cidade desde sua construção até os dias de hoje, em que Macaparana está quase chegando aos seus 90 anos.</p> <p>Eu, pessoalmente, não me retrato de muitas coisas, mas o que me veio na memória primeira foram as fotos de lugares da nossa região, que fotos são estas? São mapas, ruas, campos, estabelecimentos e tudo que a nossa cidade fornece desde a sua fundação.</p> <p>Me recordo de alguns prefeitos também e mesmo foram geralmente da família Cavalcanti, mas hoje são rivais da família Moraes e apoiados por outras pessoas tentam fazer com que Macaparana cresça, ao comando do atual prefeito Paquinha. Outra coisa que me recordo é dos engenhos macaparanenses que ajudaram Macaparana a se tornar o que é hoje. A cana, agricultura e pecuária foram os protagonistas no crescimento da nossa cidade.</p> <p>Bem, não me lembro de muitas coisas e exposições, mas já no final, máquinas, cadeiras, roupas, objetos são revelados ao público e claro que a bandeira macaparanense está nesse meio, criada por Ana Maria Pedrosa que fez uma bandeira com a imagem de um engenho e uma cana-de-açúcar a sua volta, representando a nossa economia pioneira o que funciona até hoje. O nosso museu pode até ser pequeno, mas revela, mostra e nos diz muito a respeito da nossa cidade.</p>	<p style="text-align: center;">A HISTÓRIA DE MACAPARANA</p> <p>A história da nossa cidade pode ser vista detalhadamente em um só lugar, no Museu Moura Cavalcanti. Este é um pequeno museu, mas que revela muita coisa da nossa cidade desde sua construção até os dias de hoje, em que Macaparana está quase chegando aos seus 90 anos.</p> <p>Eu, pessoalmente, não me retrato de muitas coisas, mas o que me veio na memória primeira foram as fotos de lugares da nossa região, que fotos são estas? São mapas, ruas, campos, estabelecimentos e tudo que a nossa cidade fornece desde a sua fundação.</p> <p>Me recordo de alguns prefeitos também, os mesmos, foram geralmente da família Cavalcanti, mas hoje são rivais da família Moraes e apoiados por outras pessoas, tentam fazer com que Macaparana cresça, ao comando do atual prefeito Paquinha. Outra coisa que eu me recordo é dos engenhos macaparanenses que ajudaram Macaparana a se tornar o que é hoje. A cana, agricultura e pecuária foram os protagonistas no crescimento da nossa cidade.</p> <p>Bem, não me lembro de muitas coisas e exposições, mas já no final, máquinas, cadeiras, roupas, objetos são revelados ao público e claro que a bandeira macaparanense está “nesse meio”, criada por Ana Maria Pedrosa que fez uma bandeira com a imagem de um engenho e uma cana-de-açúcar a sua volta, representando a nossa economia pioneira o que funciona até hoje. O nosso museu pode até ser pequeno, mas revela, mostra e nos diz muito a respeito da nossa cidade.</p>
--	--

Texto (13) – Aluno de Escola Urbana (11 anos)

Macaparana e sua história

No dia 11 de setembro de 1928 São Vicente e Macapá se desmembram de Timbaúba. Tempos depois no dia 21 de Abril de 1931 Macapá foi elevada a categoria de cidade e para lá foi a sede do atual município de São Vicente. Por alguns decretos Macapá passou a se chamar oficialmente de Macaparana. Assim, São Vicente passou a ser condição de simples distrito até 29 de dezembro, quando se tornou município autônomo, sendo chamado assim de São Vicente Férrer.

Administrativamente, Macaparana é formada pelos distritos de nova Esperança, Pirauá, Poço Comprido e Baguevira/Aburá. Como já foi explanado, Macaparana comemora sua emancipação política no dia 11 de setembro. A história Macaparanense se deu porque um homem construiu uma casa de taipa, para melhor comercialização, esta casa foi destruída, ela se encontra onde se situa atualmente a praça da bandeira.

A economia Macaparanense é formada por engenhos, Usinas, fazendas, sítios, vilas, povoados e poucas fábricas. A sua cultura é rica e bem diversificada, sendo considerada a cidade do crochê. O São João é muito animado, a festa da padroeira é uma das mais animadas, sendo referência na Mata Norte.

Antigamente era muito comum os pais ficarem "espionando" os filhos nas namoradeiras. As namoradeiras são um tipo de banco-sofá para duas pessoas, este artefato é muito comum em Macaparana.

A política Macaparanense é dirigida pelo prefeito Paulo Barbosa (PSDB-PE), a educação, a qualidade e a expectativa de vida segundo o IBGE são bons.

MACAPARANA E SUA HISTÓRIA

No dia 11 de Setembro de 1928, São Vicente e Macapá se desmembram de Timbaúba. Tempos depois, no dia 21 de Abril de 1931, Macapá foi elevada à categoria de cidade, e para lá, foi a sede do atual município de São Vicente. Por alguns decretos Macapá passou a se chamar oficialmente de Macaparana. Assim, São Vicente passou a condição de simples distrito até 29 de Dezembro, quando se tornou município autônomo, sendo chamado assim de São Vicente Férrer.

Administrativamente, Macaparana é formada pelos distritos de nova Esperança, Pirauá, Poço Comprido e Paquevira/Aburá. Como já foi explanado, Macaparana comemora sua emancipação política no dia 11 de Setembro. A história Macaparanense se deu porque um homem construiu uma casa de taipa, para melhor comercialização, esta casa foi destruída, ela se encontra onde é atualmente a praça da bandeira.

A economia Macaparanense é formada por Engenhos, Usinas, Fazendas, Sítios, Vilas, Povoados e poucas Fábricas. A sua cultura é rica e bem diversificada, sendo considerada a cidade do crochê. O São João é muito animado, a festa da padroeira é uma das mais animadas, sendo referência na Mata Norte.

Antigamente era muito comum os pais ficarem "espionando" os filhos nas namoradeiras. As namoradeiras são um tipo de banco-sofá para duas pessoas, este artefato é muito comum em Macaparana.

A política Macaparanense é dirigida pelo Prefeito Paulo Barbosa (PSDB-PE), a educação, a qualidade e a expectativa de vida segundo o IBGE são bons.

<p style="text-align: center;"><u>Macaparana</u></p> <p>O novo pequeno Município de Macaparana tem como sua primeira "moradia" um rancho de taipa em terras do engenho Macapá construído por Manoel Panguengue.</p> <p>Sobre a cultura da cidade em que vivo, vejo o quanto o "crochê", por exemplo, se destaca por aqui, mas existem também a festa de reis, a festa de nossa padroeira, festas essas que ocorrem anualmente.</p> <p>Uma das coisas vistas e lembradas de mim no museu é a nossa bandeira (que recebe a imagem de "duas canas-de-açúcar", demonstrando o quanto nosso município faz referência a tal recurso) e também a cadeira em que os casais namoravam ao lado de seus pais, alguns perfis de pessoas importantes para a cidade, e boxes em que o primeiro prefeito dormiu, ornamentos que ele possuía, medalhas, entre outros. Enfim, tudo isso compõe nosso museu e nossa cidade.</p>	<p style="text-align: center;">MACAPARANA</p> <p>O nosso pequeno Município de Macaparana teve como sua primeira "moradia" um rancho de taipa em terras do engenho Macapá construído por Manoel Panguengue.</p> <p>Sobre a cultura da cidade em que vivo, vejo o quanto o "crochê", por exemplo, se destaca por aqui, mas existem também a festa de reis, a festa de nossa padroeira, festas essas que ocorrem anualmente.</p> <p>Uma das coisas vistas e lembradas por mim no museu é a nossa bandeira (que recebe a imagem de "duas canas-de-açúcar", demonstrando o quanto nosso município faz referência a tal recurso) e também a cadeira em que os casais namoravam ao lado de seus pais, alguns perfis de pessoas importantes para a cidade, o berço em que o primeiro prefeito dormiu, armas que ele possuía, medalhas, entre outros. Enfim, tudo isso compõe nosso museu e nossa cidade.</p>
---	---

Texto (15) – Aluno de Escola Urbana (11 anos)

<p style="text-align: center;"><u>Relatório</u></p> <p>O museu foi inaugurado com o acervo do ex-governador Moura Cavalcanti que Geraldo Batista dos Santos montou em sua casa que era na vila de Pirauá um museu político e econômico que retrata o desenvolvimento da Mata Norte de Pernambuco.</p> <p>Nas paredes do museu estão fotos que registram fatos históricos ocorridos em Macaparana lado a lado com as tradicionais fotos de casamento.</p> <p>Em Macaparana viveram os mais importantes coronéis do Estado e o principal destaque é a família Cavalcanti.</p>	<p style="text-align: center;">RELATÓRIO</p> <p>O museu foi inaugurado com o acervo do ex-governador Moura Cavalcanti que Geraldo Batista dos Santos montou em sua casa que era na vila de Pirauá um museu político e econômico, que retrata o desenvolvimento da Mata Norte de Pernambuco.</p> <p>Nas paredes do museu estão fotos que registram fatos históricos ocorridos em Macaparana lado a lado com as tradicionais fotos de casamento. Em Macaparana viveram os mais importantes coronéis do Estado e o principal destaque é a família Cavalcanti.</p>
---	---

Texto (16) – Aluno de Escola Urbana (11 anos)

<p style="text-align: center;"><u>Museu José Francisco Moura Cavalcanti</u></p> <p>O casarão da prefeitura abriga o acervo do ex-governador de Pernambuco José Francisco de Moura Cavalcanti, natural de Macaparana. Relíquias de quando o político governou o estado, com grande número de medalhas, premiações e objetos pessoais, além da árvore genealógica que pode ser conferida no local.</p> <p>Perfis de outras personalidades políticas de Macaparana também estão expostas nas paredes do museu, local que hoje atrai vários visitantes de outras regiões do estado.</p>	<p style="text-align: center;">MUSEU JOSÉ FRANCISCO MOURA CAVALCANTI</p> <p>O casarão da prefeitura abriga o acervo do ex-governador de Pernambuco, José Francisco de Moura Cavalcanti, natural de Macaparana. Relíquias de quando o político governou o estado, com grande número de medalhas, premiações e objetos pessoais, além da árvore genealógica que pode ser conferida no local.</p> <p>Perfis de outras personalidades políticas de Macaparana também estão expostas nas paredes do museu, local que hoje atrai vários visitantes de outras regiões do estado.</p>
---	--

Texto (17) – Aluno de Escola Urbana (12 anos)

<p><u>Minha Macaparana</u></p> <p>Macaparana teve seu primeiro nome de Macapá, mas como já existia uma cidade com esse mesmo nome acrescentaram o "RANA", que forma o nome Macaparana.</p> <p>Minha avó falou que já foi do tempo de poder dormir com as portas abertas, podia sair e chegar a hora que quisesse. Naquele tempo não tinha essa liberdade que existe hoje.</p> <p>Naquele tempo, os casais de namorados namoravam em cadeiras acompanhados do pai da moça. Elas nem mostravam as pernas e nem tinha toda essa liberdade que tem hoje.</p> <p>Hoje, Macaparana está muito mudada filhos não respeitam o pai, pai não respeita filho e etc. A bandidagem aumentou, os corruptos estão se aproveitando das pobres pessoas.</p> <p>Já antigamente o respeito pelos filhos era muito grande, as moças se davam ao respeito e os rapazes não eram do jeito que são hoje.</p> <p>Enfim, Macaparana é uma boa cidade, onde têm ótimas pessoas, tem um bom prefeito e várias festividades. Eu amo a minha cidade, onde nasci, cresci e vou trazer meus filhos pra mostrar essa ótima cidade.</p>	<p>MINHA MACAPARANA</p> <p>Macaparana teve seu primeiro nome de Macapá, mas como já existia uma cidade com esse mesmo nome acrescentaram o "RANA", que forma o nome Macaparana.</p> <p>Minha avó falou que já foi do tempo de poder dormir com as portas abertas, podia sair e chegar a hora que quisesse. Naquele tempo não tinha essa liberdade que existe hoje.</p> <p>Naquele tempo, os casais de namorados namoravam em cadeiras acompanhados do pai da moça. Elas nem mostravam as pernas e nem tinha toda essa liberdade que tem hoje.</p> <p>Hoje, Macaparana está muito mudada filhos não respeitam o pai, pai não respeita filho e etc. A bandidagem aumentou, os corruptos estão se aproveitando das pobres pessoas.</p> <p>Já antigamente o respeito pelos filhos era muito grande, as moças se davam ao respeito e os rapazes não eram do jeito que são hoje.</p> <p>Enfim, Macaparana é uma boa cidade, onde têm ótimas pessoas, tem um bom prefeito e várias festividades. Eu amo a minha cidade, onde nasci, cresci e vou trazer meus filhos pra mostrar essa ótima cidade.</p>
--	--

Texto (18) – Aluno de Escola Urbana (12 anos)

<p><u>Macaparana e sua cultura</u></p> <p>Macaparana teve sua primeira moradia, que se localizava nos engenhos de Macapá, construída por Manoel Panguengue. A cultura da cidade é o "crochê" e é um dos que se destaca por aqui, tem também a festa de reis, a festa da nossa padroeira e essas festas ocorrem anualmente.</p> <p>Uma das coisas vistas foi a bandeira, também a cadeira em que os casais namoravam, ao lado de seus pais, alguns perfis de pessoas importantes para a cidade, o berço em que o primeiro prefeito dormiu, armas que ele possuía, medalhas, entre outros, enfim tudo isso compõe nosso museu e nossa cidade.</p>	<p>MACAPARANA E SUA CULTURA</p> <p>Macaparana teve sua primeira "moradia", que se localizava nos engenhos de Macapá, construída por Manoel Panguengue. A cultura da cidade é o "crochê" e é um dos que se destaca por aqui, tem também a festa de reis, a festa de nossa padroeira, e essas festas ocorrem anualmente.</p> <p>Uma das coisas vistas foi a bandeira, também a cadeira em que os casais namoravam, ao lado de seus pais, alguns perfis de pessoas importantes para a cidade, o berço em que o primeiro prefeito dormiu, armas que ele possuía, medalhas, entre outros, enfim tudo isso compõe nosso museu e nossa cidade.</p>
---	--

Texto (19) - Aluno de Escola Rural (12 anos)

<p><u>Uma visita ao museu</u></p> <p>No museu de Macaparana, na entrada tem uma estátua e logo depois umas imagens de pessoas importantes que já passaram pela história de Macaparana (prefeitos, deputados e outras profissões), mais um pouco para frente tem armas, relógios antigos, cachimbos, espadas e etc... mais para frente ainda vamos vendo algumas plantas e mapas de Macaparana. Tem a foto de um engenho cercado de cana-de-açúcar (engenho de cana-de-açúcar). Depois tem a bandeira de Macaparana e a foto da mulher que a inventou e desenhou, também tem explicando as cores e os desenhos que tem na bandeira. E isso é a última coisa que vimos no museu de Macaparana.</p>	<p>UMA VISITA AO MUSEU</p> <p>No museu de Macaparana, na entrada tem uma estátua e logo depois umas imagens de pessoas importantes que já passaram pela história de Macaparana (Prefeitos, deputados e outra profissões), mais um pouco para frente tem armas, relógios antigos, cachimbos, espadas e etc... Mais para frente ainda vamos vendo algumas plantas e mapas de Macaparana. Tem a foto de um engenho cercado de cana-de-açúcar (engenho de cana-de-açúcar). Depois tem a bandeira de Macaparana e a foto da mulher que a inventou e desenhou, também tem explicando as cores e os desenhos que tem na bandeira. E isso é a última coisa que vimos no museu de Macaparana.</p>
--	---

Texto (20) – Aluno de Escola Urbana (13 anos)

ANEXO 02 - Depoimento do morador (Ciclo de Ensino-Aprendizagem/ Negociação)

Eu vou **falá** um pouco sobre Macaparana. Aqui eu vivi o melhor de minha vida e vi essa cidade crescer. José Francisco morava no engenho Macapá e um dia um homem chamado Manoel fez uma casa lá nas terras dele, mas como naquele tempo não tinha muita modernidade como tem hoje, ele usou taipa para fazer o rancho dele.

E assim as pessoas foram construindo casa e formando a vila de Macapá. Era assim que se chamava essa cidade quando Mário Melo deu o nome. Até que um dia mudaram o nome dela para Macaparana porque já tinha outra cidade com esse nome. Muitos prefeitos passaram por essa cidade, mas o primeiro mesmo foi seu João Francisco, ele ajudou Macaparana a crescer.

A gente trabalhava criando gado, **cortano** cana e ganhava dinheiro com isso. Hoje isso não dá dinheiro para gente como dava. Macaparana é formada por muito engenho, as festas daqui é muito boas, muitas pessoas vêm **paqui** e se divertem, tem muita dança e muita música.

Macaparana era mais calma, mas agora está tendo muito assalto.

Depoimento do morador de Macaparana (S. J. S/ Idade: 87 anos)

ANEXO 03 - Questionário Sociocultural (Ciclo de Ensino-Aprendizagem/Negociação)

QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL	QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL
1. Você lê histórias? <input type="checkbox"/> Sim. <input type="checkbox"/> Não. <input checked="" type="checkbox"/> Às vezes.	1. Você lê histórias? <input type="checkbox"/> Sim. <input type="checkbox"/> Não. <input checked="" type="checkbox"/> Às vezes.
2. Em qual (is) suporte(s) você costuma ler essas histórias? Em livros, revistas ou na internet? <input checked="" type="checkbox"/> Em livros. <input type="checkbox"/> Na internet. <input type="checkbox"/> Revistas.	2. Em qual (is) suporte(s) você costuma ler essas histórias? Em livros, revistas ou na internet? <input checked="" type="checkbox"/> Em livros. <input type="checkbox"/> Na internet. <input type="checkbox"/> Revistas.
3. Qual é o assunto das histórias que você lê? <input type="checkbox"/> A natureza. <input type="checkbox"/> Os animais. <input checked="" type="checkbox"/> Muitas coisas. <input type="checkbox"/> Não lembro. <input type="checkbox"/> Cultura do lugar que mora.	3. Qual é o assunto das histórias que você lê? <input type="checkbox"/> A natureza. <input type="checkbox"/> Os animais. <input type="checkbox"/> Muitas coisas. <input checked="" type="checkbox"/> Não lembro. <input type="checkbox"/> Cultura do lugar que mora.
4. Você já leu história sobre Macaparana? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. <input type="checkbox"/> Não.	4. Você já leu história sobre Macaparana? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. <input type="checkbox"/> Não.
5. Você gostaria de conhecer mais coisas sobre a cultura local? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. <input type="checkbox"/> Não. <input type="checkbox"/> Talvez.	5. Você gostaria de conhecer mais coisas sobre a cultura local? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. <input type="checkbox"/> Não. <input type="checkbox"/> Talvez.

Resposta do questionário sociocultural – Alunos 01 e 02

QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL	QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL
1. Você lê histórias? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. <input type="checkbox"/> Não. <input type="checkbox"/> Às vezes.	1. Você lê histórias? <input type="checkbox"/> Sim. <input type="checkbox"/> Não. <input checked="" type="checkbox"/> Às vezes.
2. Em qual (is) suporte(s) você costuma ler essas histórias? Em livros, revistas ou na internet? <input checked="" type="checkbox"/> Em livros. <input type="checkbox"/> Na internet. <input type="checkbox"/> Revistas.	2. Em qual (is) suporte(s) você costuma ler essas histórias? Em livros, revistas ou na internet? <input checked="" type="checkbox"/> Em livros. <input type="checkbox"/> Na internet. <input type="checkbox"/> Revistas.
3. Qual é o assunto das histórias que você lê? <input type="checkbox"/> A natureza. <input checked="" type="checkbox"/> Os animais. <input type="checkbox"/> Muitas coisas. <input type="checkbox"/> Não lembro. <input type="checkbox"/> Cultura do lugar que mora.	3. Qual é o assunto das histórias que você lê? <input type="checkbox"/> A natureza. <input type="checkbox"/> Os animais. <input type="checkbox"/> Muitas coisas. <input checked="" type="checkbox"/> Não lembro. <input type="checkbox"/> Cultura do lugar que mora.
4. Você já leu história sobre Macaparana? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. <input type="checkbox"/> Não.	4. Você já leu história sobre Macaparana? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. <input type="checkbox"/> Não.
5. Você gostaria de conhecer mais coisas sobre a cultura local? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. <input type="checkbox"/> Não. <input type="checkbox"/> Talvez.	5. Você gostaria de conhecer mais coisas sobre a cultura local? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. <input type="checkbox"/> Não. <input type="checkbox"/> Talvez.

Resposta do questionário sociocultural – Alunos 03 e 04

<p align="center">QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL</p> <p>1. Você lê histórias?</p> <p>() Sim. () Não. <input checked="" type="checkbox"/> Às vezes.</p> <p>2. Em qual (is) suporte(s) você costuma ler essas histórias? Em livros, revistas ou na internet?</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Em livros. () Na internet. () Revistas.</p> <p>3. Qual é o assunto das histórias que você lê?</p> <p>() A natureza. () Os animais. () Muitas coisas. <input checked="" type="checkbox"/> Não lembro. () Cultura do lugar que mora.</p> <p>4. Você já leu história sobre Macaparana?</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não.</p> <p>5. Você gostaria de conhecer mais coisas sobre a cultura local?</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Talvez.</p>	<p align="center">QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL</p> <p>1. Você lê histórias?</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Às vezes.</p> <p>2. Em qual (is) suporte(s) você costuma ler essas histórias? Em livros, revistas ou na internet?</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Em livros. () Na internet. () Revistas.</p> <p>3. Qual é o assunto das histórias que você lê?</p> <p>() A natureza. <input checked="" type="checkbox"/> Os animais. () Muitas coisas. <input checked="" type="checkbox"/> Não lembro. () Cultura do lugar que mora.</p> <p>4. Você já leu história sobre Macaparana?</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não.</p> <p>5. Você gostaria de conhecer mais coisas sobre a cultura local?</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Talvez.</p>
<p align="center">QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL</p> <p>1. Você lê histórias?</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Às vezes.</p> <p>2. Em qual (is) suporte(s) você costuma ler essas histórias? Em livros, revistas ou na internet?</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Em livros. () Na internet. () Revistas.</p> <p>3. Qual é o assunto das histórias que você lê?</p> <p>() A natureza. <input checked="" type="checkbox"/> Os animais. () Muitas coisas. <input checked="" type="checkbox"/> Não lembro. () Cultura do lugar que mora.</p> <p>4. Você já leu história sobre Macaparana?</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não.</p> <p>5. Você gostaria de conhecer mais coisas sobre a cultura local?</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Talvez.</p>	<p align="center">QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL</p> <p>1. Você lê histórias?</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Às vezes.</p> <p>2. Em qual (is) suporte(s) você costuma ler essas histórias? Em livros, revistas ou na internet?</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Em livros. () Na internet. () Revistas.</p> <p>3. Qual é o assunto das histórias que você lê?</p> <p>() A natureza. () Os animais. <input checked="" type="checkbox"/> Muitas coisas. <input checked="" type="checkbox"/> Não lembro. () Cultura do lugar que mora.</p> <p>4. Você já leu história sobre Macaparana?</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não.</p> <p>5. Você gostaria de conhecer mais coisas sobre a cultura local?</p> <p>() Sim. () Não. <input checked="" type="checkbox"/> Talvez.</p>

Resposta do questionário sociocultural – Alunos 05 a 08

<p align="center">QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL</p> <p>1. Você lê estórias? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Às vezes.</p> <p>2. Em qual (is) suporte(s) você costuma ler essas estórias? Em livros, revistas ou na internet? <input checked="" type="checkbox"/> Em livros. () Na internet. () Revistas.</p> <p>3. Qual é o assunto das estórias que você lê? <input type="checkbox"/> A natureza. () Os animais. () Muitas coisas. <input type="checkbox"/> Não lembro. <input checked="" type="checkbox"/> Cultura do lugar que mora.</p> <p>4. Você já leu estória sobre Macaparana? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não.</p> <p>5. Você gostaria de conhecer mais coisas sobre a cultura local? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Talvez.</p>	<p align="center">QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL</p> <p>1. Você lê estórias? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Às vezes.</p> <p>2. Em qual (is) suporte(s) você costuma ler essas estórias? Em livros, revistas ou na internet? <input checked="" type="checkbox"/> Em livros. () Na internet. () Revistas.</p> <p>3. Qual é o assunto das estórias que você lê? <input type="checkbox"/> A natureza. () Os animais. <input checked="" type="checkbox"/> Muitas coisas. <input type="checkbox"/> Não lembro. () Cultura do lugar que mora.</p> <p>4. Você já leu estória sobre Macaparana? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não.</p> <p>5. Você gostaria de conhecer mais coisas sobre a cultura local? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Talvez.</p>
<p align="center">QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL</p> <p>1. Você lê estórias? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Às vezes.</p> <p>2. Em qual (is) suporte(s) você costuma ler essas estórias? Em livros, revistas ou na internet? <input type="checkbox"/> Em livros. <input checked="" type="checkbox"/> Na internet. () Revistas.</p> <p>3. Qual é o assunto das estórias que você lê? <input checked="" type="checkbox"/> A natureza. () Os animais. () Muitas coisas. <input type="checkbox"/> Não lembro. () Cultura do lugar que mora.</p> <p>4. Você já leu estória sobre Macaparana? <input type="checkbox"/> Sim. <input checked="" type="checkbox"/> Não.</p> <p>5. Você gostaria de conhecer mais coisas sobre a cultura local? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Talvez.</p>	<p align="center">QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL</p> <p>1. Você lê estórias? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Às vezes.</p> <p>2. Em qual (is) suporte(s) você costuma ler essas estórias? Em livros, revistas ou na internet? <input type="checkbox"/> Em livros. <input checked="" type="checkbox"/> Na internet. () Revistas.</p> <p>3. Qual é o assunto das estórias que você lê? <input type="checkbox"/> A natureza. <input checked="" type="checkbox"/> Os animais. () Muitas coisas. <input type="checkbox"/> Não lembro. () Cultura do lugar que mora.</p> <p>4. Você já leu estória sobre Macaparana? <input type="checkbox"/> Sim. <input checked="" type="checkbox"/> Não.</p> <p>5. Você gostaria de conhecer mais coisas sobre a cultura local? <input type="checkbox"/> Sim. () Não. <input checked="" type="checkbox"/> Talvez.</p>

Resposta do questionário sociocultural – Alunos 09 e 12

<p align="center">QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL</p> <p>1. Você lê estórias? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Às vezes.</p> <p>2. Em qual (is) suporte(s) você costuma ler essas estórias? Em livros, revistas ou na internet? <input checked="" type="checkbox"/> Em livros. () Na internet. () Revistas.</p> <p>3. Qual é o assunto das estórias que você lê? () A natureza. <input checked="" type="checkbox"/> Os animais. () Muitas coisas. () Não lembro. () Cultura do lugar que mora.</p> <p>4. Você já leu estória sobre Macaparana? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não.</p> <p>5. Você gostaria de conhecer mais coisas sobre a cultura local? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Talvez.</p>	<p align="center">QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL</p> <p>1. Você lê estórias? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Às vezes.</p> <p>2. Em qual (is) suporte(s) você costuma ler essas estórias? Em livros, revistas ou na internet? () Em livros. <input checked="" type="checkbox"/> Na internet. () Revistas.</p> <p>3. Qual é o assunto das estórias que você lê? <input checked="" type="checkbox"/> A natureza. () Os animais. () Muitas coisas. () Não lembro. () Cultura do lugar que mora.</p> <p>4. Você já leu estória sobre Macaparana? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não.</p> <p>5. Você gostaria de conhecer mais coisas sobre a cultura local? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Talvez.</p>
<p align="center">QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL</p> <p>1. Você lê estórias? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Às vezes.</p> <p>2. Em qual (is) suporte(s) você costuma ler essas estórias? Em livros, revistas ou na internet? () Em livros. <input checked="" type="checkbox"/> Na internet. () Revistas.</p> <p>3. Qual é o assunto das estórias que você lê? <input checked="" type="checkbox"/> A natureza. () Os animais. () Muitas coisas. () Não lembro. () Cultura do lugar que mora.</p> <p>4. Você já leu estória sobre Macaparana? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não.</p> <p>5. Você gostaria de conhecer mais coisas sobre a cultura local? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Talvez.</p>	<p align="center">QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL</p> <p>1. Você lê estórias? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Às vezes.</p> <p>2. Em qual (is) suporte(s) você costuma ler essas estórias? Em livros, revistas ou na internet? <input checked="" type="checkbox"/> Em livros. () Na internet. () Revistas.</p> <p>3. Qual é o assunto das estórias que você lê? () A natureza. () Os animais. () Muitas coisas. <input checked="" type="checkbox"/> Não lembro. () Cultura do lugar que mora.</p> <p>4. Você já leu estória sobre Macaparana? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não.</p> <p>5. Você gostaria de conhecer mais coisas sobre a cultura local? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Talvez.</p>

Resposta do questionário sociocultural – Alunos 13 e 16

<p align="center">QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL</p> <p>1. Você lê estórias? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Às vezes.</p> <p>2. Em qual (is) suporte(s) você costuma ler essas estórias? Em livros, revistas ou na internet? () Em livros. <input checked="" type="checkbox"/> Na internet. () Revistas.</p> <p>3. Qual é o assunto das estórias que você lê? <input checked="" type="checkbox"/> A natureza. () Os animais. () Muitas coisas. <input type="checkbox"/> Não lembro. () Cultura do lugar que mora.</p> <p>4. Você já leu estória sobre Macaparana? () Sim. <input checked="" type="checkbox"/> Não.</p> <p>5. Você gostaria de conhecer mais coisas sobre a cultura local? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Talvez.</p>	<p align="center">QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL</p> <p>1. Você lê estórias? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Às vezes.</p> <p>2. Em qual (is) suporte(s) você costuma ler essas estórias? Em livros, revistas ou na internet? () Em livros. <input checked="" type="checkbox"/> Na internet. () Revistas.</p> <p>3. Qual é o assunto das estórias que você lê? <input checked="" type="checkbox"/> A natureza. () Os animais. () Muitas coisas. <input type="checkbox"/> Não lembro. () Cultura do lugar que mora.</p> <p>4. Você já leu estória sobre Macaparana? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não.</p> <p>5. Você gostaria de conhecer mais coisas sobre a cultura local? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Talvez.</p>
<p align="center">QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL</p> <p>1. Você lê estórias? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Às vezes.</p> <p>2. Em qual (is) suporte(s) você costuma ler essas estórias? Em livros, revistas ou na internet? () Em livros. <input checked="" type="checkbox"/> Na internet. () Revistas.</p> <p>3. Qual é o assunto das estórias que você lê? <input checked="" type="checkbox"/> A natureza. () Os animais. () Muitas coisas. <input type="checkbox"/> Não lembro. () Cultura do lugar que mora.</p> <p>4. Você já leu estória sobre Macaparana? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não.</p> <p>5. Você gostaria de conhecer mais coisas sobre a cultura local? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Talvez.</p>	<p align="center">QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL</p> <p>1. Você lê estórias? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Às vezes.</p> <p>2. Em qual (is) suporte(s) você costuma ler essas estórias? Em livros, revistas ou na internet? () Em livros. () Na internet. () Revistas.</p> <p>3. Qual é o assunto das estórias que você lê? <input checked="" type="checkbox"/> A natureza. () Os animais. () Muitas coisas. <input type="checkbox"/> Não lembro. () Cultura do lugar que mora.</p> <p>4. Você já leu estória sobre Macaparana? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não.</p> <p>5. Você gostaria de conhecer mais coisas sobre a cultura local? <input checked="" type="checkbox"/> Sim. () Não. () Talvez.</p>

Resposta do questionário sociocultural – Alunos 17 e 20

ANEXO 04 - Produção coletiva (Ciclo de Ensino-Aprendizagem/Construção conjunta)**Título: Muito além do que imaginamos**

Nesta estória vamos contar algo que para nós foi bastante marcante e de muita aprendizagem. Em uma manhã de sol nós, alunos do 6º ano, fomos visitar o museu de nossa cidade e ficamos admirados pelo modo de como a história do nosso município é retratada. Lá há um verdadeiro resgate de nossa cultura, da nossa economia e da nossa política.

Naquele dia, à medida que a gente olhava as fotografias, os objetos e tantas outras coisas que havia no museu, nós aprendíamos ainda mais sobre a história da nossa cidade que era chamada de Macapá.

Por muito tempo Macapá foi o nome dessa cidade, mas de repente descobriram que já existia outro lugar com esse mesmo nome. Por causa disso, deveriam modificá-lo. Mas quem faria isso e que nome receberia agora se nessa época as pessoas ainda tinham esse lugar como distrito de Timbaúba?

Foi então que o filólogo Mário Melo mudou o nome de Macapá, nome de uma palmeira abundante na região naquela época, para Macaparana. E aconteceu que, através de um decreto estadual, Macapá foi elevada à categoria de cidade.

Acreditamos que nossa história não seria tão marcante se não tivesse acontecido tudo isso, pois esses fatores centralizam a nossa história.

Nós aconselhamos a todos a conhecer essa história de pertinho visitando o Museu Moura Cavalcanti em Macaparana.

Turma: 6º ano

Produção coletiva – Estudantes do 6º ano – Escola Urbana

ANEXO 05 - Produção individual – 1ª escrita (Ciclo de Ensino-Aprendizagem/construção independente)

<p><u>Um pouco sobre Macaparana</u></p> <p>Havia um lugar que não tinha um nome, então alguém deu o nome de Macapá. Nesse lugar um homem chegou e logo teve uma ideia. O nome dele era Manuel Panguengue e a sua ideia foi construir um rancho de taipa em terras do engenho Macapá. Mal sabia ele que esse rancho serviria como ponto de negociação entre comerciantes.</p> <p>Com as negociações Macapá crescia e as construções de casa também aumentavam e foi assim que a nossa Vila de Macapá foi se formando. As pessoas estavam felizes com esse crescimento, mas algo incomodava. Era o nome do local que já era de outra cidade. E não é que Mário Melo apareceu e resolveu logo esse problema. Ele acrescentou ao nome "rana" e assim Macaparana lindo nome recebeu.</p> <p>E até hoje todos a chamam assim. E eu acho interessante, porque é um nome bonito que só tem de vogal "A".</p>	<p>Um pouco sobre Macaparana</p> <p>Havia um lugar que não tinha um nome, então alguém deu o nome de Macapá. Nesse lugar um homem chegou e logo teve uma ideia. O nome dele era Manuel Panguengue e a sua ideia foi construir um rancho de taipa em terras do engenho Macapá. Mal sabia ele que esse rancho serviria como ponto de negociação entre comerciantes.</p> <p>Com as negociações Macapá crescia e as construções de casas também aumentavam e foi assim que a nossa Vila de Macapá foi se formando.</p> <p>As pessoas estavam felizes com esse crescimento, mas algo incomodava. Era o nome do local que já era de outra cidade. E não é que Mário Melo apareceu e resolveu logo esse problema. Ele acrescentou ao nome "rana" e assim Macaparana lindo nome recebeu.</p> <p>E até hoje todos a chamam assim. E eu acho interessante, porque é um nome bonito que só tem de vogal "A".</p>
--	--

Texto (01) – Aluno de Escola Urbana (11 anos)

<p><u>A amada Macaparana</u></p> <p>No interior de Pernambuco, uma cidade começava a se formar logo esse lugar recebeu o seu primeiro nome que veio a partir de uma palmeira muito abundante nessa região. O nome dado foi Macapá e assim começou a formação desse local.</p> <p>No início Manuel Panguengue construiu um rancho de taipa nas propriedades do senhor Francisco e depois de um tempo foram construindo outras casas, formando o local que foi chamado Vila de Macapá, distrito de Timbaúba.</p> <p>Com o passar do tempo descobriram que já existia outra cidade chamada Macapá, sendo assim, deveriam mudar o nome dado as nossas terras. Foi assim que Mário Melo aumentou "rana" e a nossa cidade passou a ser chamada de Macaparana.</p> <p>Depois de alguns anos ela foi levada à categoria de cidade e deixou de ser distrito de Timbaúba. A história do nosso município é marcada pelo desenvolvimento da agricultura e também da pecuária.</p>	<p>A amada Macaparana</p> <p>No interior de Pernambuco, uma cidade começava a se formar. Logo esse lugar recebeu o seu primeiro nome que veio a partir de uma palmeira muito abundante nessa região. O nome dado foi Macapá e assim começou a formação desse local.</p> <p>No início Manuel Panguengue construiu um rancho de taipa nas propriedades do senhor Francisco e depois de um tempo foram construindo outras casas, formando o local que foi chamado Vila de Macapá, distrito de Timbaúba.</p> <p>Com o passar do tempo descobriram que já existia outra cidade chamada Macapá, sendo assim, deveriam mudar o nome dado as nossas terras. Foi assim que Mário Melo aumentou "rana" e a nossa cidade passou a ser chamada de Macaparana.</p> <p>Depois de alguns anos ela foi levada à categoria de cidade e deixou de ser distrito de Timbaúba. A história do nosso município é marcada pelo desenvolvimento da agricultura e também da pecuária.</p>
---	--

Texto (02) – Aluno de Escola Rural (11 anos)

<p><u>Um lugar nunca imaginado</u></p> <p>Eu vou contar para vocês a história da minha cidade. É uma história marcada por muitas conquistas que tinha sua economia baseada na cana-de-açúcar.</p> <p>Ela começa assim, há muitos anos atrás Manuel Panguengue construiu a primeira casa em Macapá, a qual serviu como um ponto para realização de negócios entre comerciantes. Mas naquele tempo não tinha todo material de construção que tem hoje, por isso, ele construiu um rancho de taipa e foi a partir desse rancho que as outras casas passaram a ser construídas, formando a Vila de Macapá.</p> <p>Era assim que esse local se chamava até que um dia se deram conta de que tinha outro lugar com esse nome. Com certeza pensaram, e agora o que fazer? Mas logo ficaram despreocupados, porque Mário Melo acrescentou ao nome "rana", denominando o lugar de Macaparana, que tem uma história linda.</p> <p>A instalação dos engenhos da família Cavalcanti muito acrescentou a essa cidade, pois ela gerou o crescimento econômico desse município. Hoje a economia de Macaparana é centralizada no comércio. Ela é um lugar bom de viver, por isso todo mundo deveria conhecê-la.</p>	<p>Um lugar nunca imaginado</p> <p>Eu vou contar para vocês a história da minha cidade. É uma história marcada por muitas conquistas que tinha sua economia baseada na cana-de-açúcar.</p> <p>Ela começa assim, há muitos anos atrás Manuel Panguengue construiu a primeira casa em Macapá, a qual serviu como um ponto para realização de negócios entre comerciantes. Mas naquele tempo não tinha todo material de construção que tem hoje, por isso, ele construiu um rancho de taipa e foi a partir desse rancho que as outras casas passaram a ser construídas, formando a Vila de Macapá.</p> <p>Era assim que esse local se chamava até que um dia se deram conta de que tinha outro lugar com esse nome. Com certeza pensaram, e agora o que fazer? Mas logo ficaram despreocupados, porque Mário Melo acrescentou ao nome "rana", denominando o lugar de Macaparana, que tem uma história linda.</p> <p>A instalação dos engenhos da família Cavalcanti muito acrescentou a essa cidade, pois ela gerou o crescimento econômico desse município. Hoje a economia de Macaparana é centralizada no comércio.</p> <p>Ela é um lugar bom de viver, por isso todo mundo deveria conhecê-la.</p>
---	--

Texto (03) – Aluno de Escola Urbana (11 anos)

<p><u>HISTORIA DE MINHA CIDADE</u></p> <p>HAVIA UM LUGAR BEM DISTANTE E LONGE DE TUDO. LÁ TINHA VÁRIAS PALMEIRAS DE NOME MACAPÁ O NOME DESSA PLANTA FOI TAMBÉM O DESSO LUGAR.</p> <p>NESSO LOCAL MANUEZ PANGUENGUE FEZ UM RANCHO DE TAIPA, SENDO ELE UM DOS PRIMEIROS MORADORES QUE AQUI SE INSTALOU, MAS NÃO SÓ FICOU NISSO NÃO. DEPOIS DESSA CONSTRUÇÃO OUTRAS FORAM SENDO FEITAS E ASSIM A VILA DE MACAPÁ SURTIU.</p> <p>AGORA SIM, PENSARAM, FINALMENTE TEMOS A NOSSA CIDADE. MAS INFELIZMENTE AINDA NÃO, PORQUE ESSE LUGAR AINDA ERA DISTRITO DE TIMBAÚBA E A SEDE DA PREFEITURA ESTAVA EM SÃO VICENTE.</p> <p>COM O PASSAR DO TEMPO AS COISAS PASSARAM A MUDAR E MACAPARANA FOI ELEVADA À CATEGORIA DE CIDADE. E DEPOIS DISSO UMA COISA INESPERADA ACONTECEU, TROUXERAM A SEDE DA PREFEITURA DE SÃO VICENTE PARA MACAPARANA. ASSIM NOSSA CIDADE DEIXOU DE SER VILA E A PREFEITURA AQUI SE INSTALOU.</p>	<p>Historia de minha cidade</p> <p>Havia um lugar bem distante e longe de tudo. Lá tinha várias palmeiras de nome Macapá e o nome dessa planta foi também o desse lugar.</p> <p>Nesse local Manuel Panguengue fez um rancho de taipa, sendo ele um dos primeiros moradores que aqui se instalou, mas não só ficou nisso não. Depois dessa construção outras foram sendo feitas e assim a Vila de Macapá surgiu.</p> <p>Agora sim, pensaram, finalmente temos a nossa cidade. Mas infelizmente ainda não, porque esse lugar ainda era distrito de Timbaúba e a sede da prefeitura estava em São Vicente.</p> <p>Com o passar do tempo as coisas passaram a mudar e Macaparana foi elevada à categoria de cidade. E depois disso uma coisa inesperada aconteceu, trouxeram a sede da prefeitura de São Vicente para Macaparana. Assim nossa cidade deixou de ser vila e a prefeitura aqui se instalou.</p>
---	---

Texto (04) – Aluno de Escola Urbana (11 anos)

<p style="text-align: center;"><u>Cultura de Macaparana</u></p> <p>Macaparana é uma cidade boa, tem muitas festas e muita história para se ver. Antes não tinha muita gente morando aqui, porque ela ainda não era conhecida, mas agora tem comércio e muitas coisas. Os nossos engenhos deram início a nossa história.</p> <p>Eles continuam fazendo parte da nossa cultura. E dona Ana, uma moradora macaparanense muito sábia e esperta vendo a riqueza de Macaparana desenhou a bandeira. No desenho ela representou os engenhos que muito emprego gerou para o povo naquela época e a cana-de-açúcar que fazia parte de nossa agricultura.</p> <p>Minha cidade tem muitas coisas boas para visitar como a Serra do Pirauá e a Pedra do Bico que são pontos turísticos. Eu aprendi a gostar dela e sei que ela é muito boa de morar.</p>	<p style="text-align: center;">Cultura de Macaparana</p> <p>Macaparana é uma cidade boa, tem muitas festas e muita história para se ver. Antes não tinha muita gente morando aqui, porque ela ainda não era conhecida, mas agora tem comércio e muitas coisas. Os nossos engenhos deram início a nossa história.</p> <p>Eles continuam fazendo parte da nossa cultura. E dona Ana, uma moradora macaparanense muito sábia e esperta vendo a riqueza de Macaparana desenhou a bandeira. No desenho ela representou os engenhos que muito emprego gerou para o povo naquela época e a cana-de-açúcar que fazia parte de nossa agricultura.</p> <p>Minha cidade tem muitas coisas boas para visitar como: a Serra do Pirauá e a Pedra do Bico que são pontos turísticos. Eu aprendi a gostar dela e sei que ela é muito boa para morar.</p>
--	---

Texto (05) – Aluno de Escola Urbana (11 anos)

<p style="text-align: center;"><u>Macaparana</u></p> <p>Eu decidi contar um pouquinho dessa cidade. Ela é muito boa e bonita. Quando eu vim morar aqui, eu achei tudo muito bom. Ela tem 87 anos, mas antes ela era Macapá, nome que recebeu devido a uma palmeira muito abundante na região.</p> <p>mas esse nome não foi o permanente. Depois de algum tempo surgiu outra cidade com esse mesmo nome e assim esse lugar teve que receber outro nome.</p> <p>Então, um homem conhecido por Mário Melo acrescentou “rana” para ficar diferente da outra cidade e a nossa passou a ser Macaparana.</p> <p>Macaparana é uma cidade pequena, mas nela tem muitas coisas boas e pessoas também. Além disso, tem pontos turísticos para visitar e também o museu que conta a nossa história.</p> <p>Eu amo a minha cidade, porque aqui é bom de morar e é um lugar calmo.</p>	<p style="text-align: center;">Macaparana</p> <p>Eu decidi contar um pouquinho dessa cidade. Ela é muito boa e bonita. Quando eu vim morar aqui, eu achei tudo muito bom. Ela tem 87 anos, mas antes ela era Macapá, nome que recebeu devido a uma palmeira muito abundante na região.</p> <p>Mas esse nome não foi o permanente. Depois de algum tempo surgiu outra cidade com esse mesmo nome e assim esse lugar teve que receber outro nome. Então, um homem conhecido por Mário Melo acrescentou “rana” para ficar diferente da outra cidade e a nossa passou a ser Macaparana.</p> <p>Macaparana é uma cidade pequena, mas nela tem muitas coisas boas e pessoas também. Além disso, tem pontos turísticos para visitar e também o museu que conta a nossa história.</p> <p>Eu amo a minha cidade, porque aqui é bom de morar, e é um lugar calmo.</p>
--	--

Texto (06) – Aluno de Escola Rural (11 anos)

<p><u>Macaparana e sua história</u></p> <p>Eu vou contar para você a história da linda Macaparana. Em uma cidadezinha do interior surgia um lugar chamado Macapara que no início pertencia a São Vicente e era distrito de Timbaúba. Mas acontece que antes ela não tinha esse nome, ela era denominada Macapá. No entanto, já existia outro lugar com esse nome por isso que mais tarde acrescentaram rana e ficou Macaparana. Essa cidade foi crescendo e se desenvolvendo bastante com a ajuda da cana-de-açúcar e dos engenhos que têm na região até hoje. Ela não é tão calma como era, mas mesmo assim é uma cidade boa de morar. Eu gosto dela.</p>	<p>Macaparana e sua história</p> <p>Eu vou contar para você a história da linda Macaparana. Em uma cidadezinha do interior surgia um lugar chamado Macaparana que no início pertencia a São Vicente e era distrito de Timbaúba. Mas acontece que antes ela não tinha esse nome, logo era denominada Macapá. No entanto, já existia outro lugar com esse nome, por isso, que mais tarde acrescentaram “rana” e ficou Macaparana. Essa cidade foi crescendo e se desenvolvendo bastante com a ajuda da cana-de-açúcar e dos engenhos que têm na região até hoje. Ela não é tão calma como era, mas mesmo assim é uma cidade boa de morar. Eu gosto dela.</p>
--	---

Texto (07) – Aluno de Escola Urbana (11 anos)

<p><u>A minha cultura</u></p> <p>Desde que comecei a morar aqui eu penso sempre que Manuel Panguengue construiu um rancho. Através desse rancho os comerciantes faziam negociações e a agricultura daqui era a cana-de-açúcar aumentou mais. Com a construção desse rancho outras construções foram surgindo e a Vila Macapá apareceu e muito cresceu. Com o crescimento do nome, por já existir outra cidade chamada Macapá, o nome Macaparana veio à tona. Hoje mora muita gente aqui. A minha cidade não tem muito barulho e é calma. Além disso, tem muitos lugares para visitar como: a Pedra do Bico e a Serra do Pirauá.</p>	<p>A minha cultura</p> <p>Desde que comecei a morar aqui as pessoas dizem que Manuel Panguengue construiu um rancho. Através desse rancho os comerciantes faziam negociações e a agricultura daqui que era a cana-de-açúcar aumentou mais. Com a construção desse rancho outras construções foram surgindo e a Vila Macapá apareceu e muito cresceu. E com o acréscimo do nome, por já existir outra cidade chamada Macapá, o nome Macaparana veio à tona. Hoje mora muita gente aqui. A minha cidade não tem muito barulho e é calma. Além disso, tem muitos lugares para visitar como: a Pedra do Bico e a Serra do Pirauá.</p>
---	--

Texto (08) – Aluno de Escola Urbana (11 anos)

<p><u>A estória</u></p> <p>No interior de Pernambuco havia um lugar que passou a ser chamado Macapá por causa de uma palmeira que existia em grande quantidade naquele local. No começo havia uma dúvida muito grande, porque as pessoas não sabiam se ela pertencia a São Vicente ou a Timbaúba. As pessoas que moravam em Macaparana, inclusive eu, passamos muitos anos sem entender isso. Então, um dia entendemos que não era de nenhuma dessas cidades. Assim, Macapá passou a ser chamada de Macaparana acréscimo feito por Mário Melo quando descobriu que já havia outra cidade com esse nome. Com o passar do tempo, ela deixou de ser vila para ser cidade, deixou de ser distrito de Timbaúba e a prefeitura de São Vicente foi instalada aqui. A estória de Macaparana é muito linda e muito boa para se conhecer.</p>	<p>A estória</p> <p>No interior de Pernambuco havia um lugar que passou a ser chamado Macapá por causa de uma palmeira que existia em grande quantidade naquele local. No começo havia uma dúvida muito grande, porque as pessoas não sabiam se ela pertencia a São Vicente ou a Timbaúba. As pessoas que moravam em Macaparana, inclusive eu, passamos muitos anos sem entender isso. Então, um dia entendemos que não era de nenhuma dessas cidades. Assim, Macapá passou a ser chamada de Macaparana acréscimo feito por Mário Melo quando descobriu que já havia outra cidade com esse nome. Com o passar do tempo, ela deixou de ser vila para ser cidade, deixou de ser distrito de Timbaúba e a prefeitura de São Vicente foi instalada aqui. A estória de Macaparana é muito linda e muito boa para se conhecer.</p>
---	---

Texto (09) – Aluno de Escola Urbana (11 anos)

<p style="text-align: center;"><u>A linda Macaparana</u></p> <p>Um dia a cidade de Macaparana surgiu e muitas pessoas vieram morar aqui. Não tinha muita coisa, porque ela era bem pequena, tinha um rancho de taipa construído por Manuel Panguengue e depois outras pessoas começaram a construir.</p> <p>A vila chamada Macapá se formou, era assim que se chamava a nossa cidade no começo de tudo.</p> <p>Hoje mora muita gente em Macaparana e grande parte da economia é gerada pelo comércio, tem gente que faz crochê.</p> <p>Quem não conhece esse lugar deveria conhecer e visitar os pontos turísticos que tem nele.</p>	<p style="text-align: center;">A linda Macaparana</p> <p>Um dia a cidade de Macaparana surgiu e muitas pessoas vieram morar aqui. Não tinha muita coisa, porque ela era bem pequena, tinha um rancho de taipa construído por Manuel Panguengue e depois outras pessoas começaram a construir.</p> <p>A Vila chamada Macapá se formou, era assim que se chamava a nossa cidade no começo de tudo.</p> <p>Hoje mora muita gente em Macaparana e grande parte da economia é gerada pelo comércio, tem gente que faz crochê.</p> <p>Quem não conhece esse lugar deveria conhecer e visitar os pontos turísticos que tem nele.</p>
--	--

Texto (10) – Aluno de Escola Rural (11 anos)

<p style="text-align: center;"><u>MINHA CIDADE, MEU ORGULHO</u></p> <p>EM FEVEREIRO, FUI VISITAR O MUSEU DE MACAPARANA E LEMBRO QUE LOGO NO INÍCIO DO MUSEU, HÁ UMA ESTÁTUA DO SR. MOURA CAVALCANTI E A FOTO DE MACAPARANA TIRADA VIA SATELITE ENTRE TANTAS COISAS QUE HAVIA NO MUSEU SE DESTACAVAM AS FOTOGRAFIAS DOS POLÍTICOS, DOS ENGENHOS E OS OBJETOS QUE FORAM UTILIZADOS POR MOURA CAVALCANTI. TINHA TAMBÉM A BANDEIRA DE MACAPARANA E O SIGNIFICADO DE CADA UM DOS SEUS DESENHOS.</p>	<p style="text-align: center;">Minha cidade, meu orgulho</p> <p>Em fevereiro, fui visitar o museu de Macaparana e lembro que logo no início do museu, há uma estátua do Sr. Moura Cavalcanti e a foto de Macaparana tirada via satélite.</p> <p>Entre tantas coisas que havia no museu se destacavam as fotografias dos políticos, dos engenhos e os objetos que foram utilizados por Moura Cavalcanti.</p> <p>Tinha também a bandeira de Macaparana e o significado de cada um dos seus desenhos.</p>
--	---

Texto (11) – Aluno de Escola Rural (11 anos)

<p style="text-align: center;"><u>Terra de muitas histórias</u></p> <p>No início de nossa história foi gerada uma grande confusão. A nossa cidade era distrito de Timbaúba e as nossas terras ainda tinham o nome de Macapá.</p> <p>Com o passar do tempo as coisas foram entrando nos eixos e nossa cidade deixou de ser distrito de Timbaúba e recebeu o nome de Macaparana. No entanto, para entender tudo isso, primeiro foi preciso visitar o museu para entender melhor como Macaparana se desenvolveu. Assim fomos aprendendo a história da nossa amada cidade.</p>	<p style="text-align: center;">Terra de muitas histórias</p> <p>No início de nossa história foi gerada uma grande confusão. A nossa cidade era distrito de Timbaúba e as nossas terras ainda tinha o nome de Macapá.</p> <p>Mas com o passar do tempo as coisas foram entrando nos eixos e nossa cidade deixou de ser distrito de Timbaúba e recebeu o nome de Macaparana.</p> <p>No entanto, para entender tudo isso, primeiro foi preciso visitar o museu para entender melhor como Macaparana se desenvolveu. Assim fomos aprendendo a história da nossa amada cidade.</p>
--	--

Texto (12) – Aluno de Escola Urbana (11 anos)

<p><u>Orgulho de um Macaparanense</u></p> <p>Macaparana tem uma história encantadora. Desde a construção de sua primeira moradia feita por Manuel Panguengue para a comercialização até as festividades que as pessoas se divertem muito, principalmente, o São João e também os pontos turísticos.</p> <p>As pessoas gostam muito de ir a Pedra do Bico. O lugar é lindo. Essa cidade tem história e tem cultura boa de ver.</p>	<p>Orgulho de um Macaparanense</p> <p>Macaparana tem uma história encantadora. Desde a construção de sua primeira moradia feita por Manuel Panguengue para a comercialização até as festividades que as pessoas se divertem muito, principalmente, o São João e também os pontos turísticos.</p> <p>As pessoas gostam muito de ir a Pedra do Bico. O lugar é lindo. Essa cidade tem história e tem cultura boa de ver.</p>
---	---

Texto (13) – Aluno de Escola Urbana (11 anos)

<p><u>minha história, minha cultura</u></p> <p>A história de Macaparana começa com a presença dos engenhos e continua depois de um tempo com a reconstrução do rancho de taipa feita por Manuel Panguengue, houve a comercialização e o comércio foi surgindo em Macaparana.</p> <p>Muitos foram os acontecimentos ocorridos nessa cidade. As pessoas que moram nesse local tem muita história para contar. O povo macaparanense é muito acolhedor e gosta de festas.</p> <p>A festa de São João é fenomenal. As pessoas se divertem muito e muita gente vem festejar com a gente.</p>	<p>Minha história, minha cultura</p> <p>A história de Macaparana começa com a presença dos engenhos e continua depois de um tempo, com a construção do rancho de taipa feita por Manuel Panguengue, houve a comercialização e o comércio foi surgindo em Macaparana.</p> <p>Muitos foram os acontecimentos ocorridos nessa cidade.. As pessoas que moram nesse local tem muita história para contar. O povo macaparanense é muito acolhedor e gosta de festas.</p> <p>A festa de São João é fenomenal. As pessoas se divertem muito e muita gente vem festejar com a gente.</p>
--	--

Texto (14) – Aluno de Escola Rural (11 anos)

<p><u>Minha cidadezinha</u></p> <p>A nossa história é marcada pelos antigos engenhos de açúcar que era a fonte de lucro para muitas famílias. A economia de Macaparana era o açúcar. Além do açúcar surgiu também o algodão como forma de fortalecer a renda do povo macaparanense.</p> <p>A política de Macaparana também é marcada por tremendas reviravoltas. Sempre houve disputa entre as famílias dos Cavalcanti e dos Moraes. Essa cidade foi palco para muita política e na sua história até uma mulher já foi prefeita.</p> <p>Toda história do nosso povo é espetacular, pois somos guerreiros e lutamos a cada dia por um lugar melhor com mais amor e menos violência.</p>	<p>Minha cidadezinha</p> <p>A nossa história é marcada pelos antigos engenhos de açúcar que era a fonte de lucro para muitas famílias. A economia de Macaparana era o açúcar. Além do açúcar surgiu também o algodão como forma de fortalecer a renda do povo macaparanense.</p> <p>A política de Macaparana também é marcada por tremendas reviravoltas. Sempre houve disputa entre as famílias dos Cavalcanti e dos Moraes. Essa cidade é palco para muitos políticos e na sua história até uma mulher já foi prefeita.</p> <p>Toda história do nosso povo é espetacular, pois somos guerreiros e lutamos a cada dia por um lugar melhor com mais amor e menos violência.</p>
--	--

Texto (15) – Aluno de Escola Urbana (11 anos)

<p style="text-align: center;"><u>A história de um povo</u></p> <p>A minha amada Macaparana tem uma cultura diferente que chama muita atenção. Nela moram pessoas que fazem crochê para ter uma renda, mas também há pessoas que são agricultores. Essas pessoas cultivam e cuidam da terra. Essas pessoas que cuidam da terra preservam os engenhos que marcaram a nossa história. As famílias dos donos dos engenhos preservam o engenho do mesmo jeito, eles valorizam a sua cultura. Macaparana cresceu muito desde o seu primeiro nome que era Macapá, até hoje sendo reconhecida como Macaparana capital do crochê.</p>	<p style="text-align: center;">A história de um povo</p> <p>A minha amada Macaparana tem uma cultura diferente que chama muito atenção. Nela moram pessoas que fazem crochê para ter uma renda, mas também há pessoas que são agricultores. Essas pessoas cultivam e cuidam da terra.</p> <p>Essas pessoas que cuidam da terra preservam os engenhos que marcaram a nossa história. As famílias dos donos dos engenhos preservam o engenho do mesmo jeito, elas valorizam a sua cultura.</p> <p>Macaparana cresceu muito desde o seu primeiro nome que era Macapá, até hoje sendo reconhecida como Macaparana capital do crochê.</p>
---	---

Texto (16) – Aluno de Escola Urbana (11 anos)

<p style="text-align: center;"><u>Um passeio inesquecível em terras macaparanense</u></p> <p>Eu e meus amigos saímos para explorar as terras de Macaparana e o primeiro lugar foi a Serra do Pirauá. Ficamos parados admirando aquela beleza. Depois seguimos para a Pedra do Bico, ficamos encantados com as formas daquelas pedras. Havia uma que tinha o formato de um barco. Após visitar aqueles lugares voltamos para a cidade, o nosso passeio foi incrível, com certeza nunca mais iremos esquecer.</p>	<p style="text-align: center;">Um passeio inesquecível em terras macaparanense</p> <p>Eu e meus amigos saímos para explorar as terras de Macaparana e o primeiro lugar foi a Serra do Pirauá. Ficamos parados admirando aquela beleza. Depois seguimos para a Pedra do Bico, ficamos encantados com as formas daquelas pedras. Havia uma que tinha o formato de um barco.</p> <p>Após visitar aqueles lugares voltamos para a cidade, o nosso passeio foi incrível, com certeza nunca mais iremos esquecer.</p>
---	--

Texto (17) – Aluno de Escola Urbana (12 anos)

<p style="text-align: center;"><u>Festividades de Macaparana</u></p> <p>As pessoas que moram em Macaparana gostam muito de se divertir nas festas que têm nessa cidade. No São João, por exemplo, muitas pessoas vêm de fora para se divertir aqui, principalmente quando é o dia da cavalgada ecológica. As pessoas que já moraram aproveitam esse dia para festejar com a família. O carnaval também é muito bom. No dia saem muitos blocos e muita gente sai pulando atrás. Macaparana é só diversão. Além dessas têm muitas outras festividades que fazem parte da história do povo macaparanense.</p>	<p style="text-align: center;">Festividades de Macaparana</p> <p>As pessoas que moram em Macaparana gostam muito de se divertir nas festas que têm nessa cidade. No São João, por exemplo, muitas pessoas vêm de fora para se divertir aqui, principalmente quando é o dia da cavalgada ecológica. As pessoas que já moraram aproveitam esse dia para festejar com a família.</p> <p>O carnaval também é muito bom. No dia saem muitos blocos e muita gente sai pulando atrás. Macaparana é só diversão. Além dessas têm muitas outras festividades que fazem parte da história do povo macaparanense.</p>
--	---

Texto (18) – Aluno de Escola Urbana (12 anos)

<p><u>O povo macaparanense</u></p> <p>Em Pernambuco podemos ver a história do povo macaparanense estampada no rosto de cada macaparanense e também através do museu.</p> <p>Em Macaparana há a presença marcante do homem do campo com seus engenhos históricos, de Macaparana é enriquecida através da participação da comunidade, para que esta memória se enriqueça mais e mais.</p> <p>Os engenhos, o rancho de taipa construído, tudo contribuiu para o desenvolvimento da cultura de Macaparana. O povo dessa cidade contribuiu muito para a construção de toda essa história.</p>	<p>O povo macaparanense</p> <p>Em Pernambuco podemos ver a história do povo macaparanense estampada no rosto de cada macaparanense e também através do museu.</p> <p>Em Macaparana, há a presença marcante do homem do campo com seus engenhos históricos. A história de Macaparana é enriquecida através da participação da comunidade, para que esta memória se enriqueça mais e mais.</p> <p>Os engenhos, o rancho de taipa construído, tudo contribuiu para o desenvolvimento da cultura de Macaparana. O povo dessa cidade contribuiu muito para a construção de toda essa história.</p>
--	--

Texto (19) – Aluno de Escola Rural (12 anos)

<p><u>A vida de um povo</u></p> <p>O nome Macapá ganhou o nome RANA passando a ser Macaparana. A construção do rancho de taipa feita por Manuel Panguingue também foi importante para a cidade. Macaparana cresceu com isso.</p> <p>Hoje onde há a igreja matriz da cidade foi onde foram construídas as primeiras moradias. A primeira rua de Macaparana recebeu o nome de Nossa Senhora do Amparo nome da padroeira de nossa cidade.</p> <p>O povo de Macaparana admira muito a história local, a sua cultura, enfim tudo que tem nessa cidade.</p>	<p>A vida de um povo</p> <p>O nome Macapá ganhou o nome “rana” passando a ser Macaparana.</p> <p>A construção do rancho de taipa feita por Manuel Panguingue também foi importante para a cidade. Macaparana cresceu com isso.</p> <p>Hoje onde há a igreja matriz da cidade foi onde foram construídas as primeiras moradias. A primeira rua de Macaparana recebeu o nome de Nossa Senhora do Amparo, nome da padroeira de nossa cidade.</p> <p>O povo de Macaparana admira muito a história local, a sua cultura, enfim tudo que tem nessa cidade.</p>
---	---

Texto (20) – Aluno de Escola Urbana (13 anos)

ANEXO 06 - Produção individual – reescrita (Ciclo de Ensino-Aprendizagem/construção independente)

Um pouco sobre Macaparana

Havia no interior de Pernambuco um lugar que ainda não tinha recebido um nome desde que foi descoberto. Mas depois de um tempo, o lugar foi denominado de Macapá. O nome foi decorrente de uma palmeira que havia em grande quantidade na região naquela época.

Macapá também recebeu em suas terras um homem de nome Manuel Panguengue que não pensou duas vezes e construiu um rancho de taipa no engenho Macapá, propriedade do fazendeiro José Francisco.

O rancho construído passou a ser utilizado como ponto de apoio para o comerciante realizar seus negócios e depois se tornou estalagem para os viajantes.

Com as negociações Macapá cresceu muito e as construções de casas também aumentaram. Com isso, a nossa Vila de Macapá foi se formando.

As pessoas ficaram felizes com esse crescimento. A única coisa que as incomodava era o nome do local que já era de outra cidade. Mas para resolver essa situação Mário Melo acrescentou ao nome “rana” e assim o local passou a ser chamado de Macaparana.

Até hoje, ela é conhecida por esse nome. E eu acho o nome bonito e também interessante, porque o nome Macaparana tem diferentes consoantes em sua formação e vogal apenas a “A”.

TEXTO (01) – Aluno de Escola Urbana (Idade: 11 anos)

A amada Macaparana

Tudo começou no interior do estado de Pernambuco quando uma cidade começou o seu desenvolvimento.

Não passou muito tempo e esse lugar, logo, recebeu o seu primeiro nome, que se originou de uma palmeira muito abundante na região naquela época. Essa cidade recebeu o nome de Macapá e desde então começou a sua formação.

Certo dia, Manuel Panguengue se instalou nas terras de Macapá e imediatamente construiu um rancho de taipa nas propriedades do senhor Francisco. Depois de um tempo foram construindo outras casas, formando o local que foi chamado Vila de Macapá, que continuava sendo distrito de Timbaúba.

Com o passar do tempo descobriram que já existia outra cidade de nome Macapá, sendo assim, deveriam mudar o nome dado as nossas terras. Por esse motivo, Mário Melo aumentou “rana” e a nossa cidade passou a ser chamada de Macaparana.

Depois de alguns anos ela foi levada à categoria de cidade e deixou de ser distrito de Timbaúba. A história do nosso município é encantadora. Foram muitas lutas para ela se tornar independente e continuar com o desenvolvimento da agricultura e da pecuária.

TEXTO (02) – Aluno de Escola Rural (Idade:11 anos)

Um lugar nunca imaginado

Eu vou contar para vocês a história da minha cidade. É uma história marcada por muitas conquistas. No começo ela tinha sua economia baseada na cana-de-açúcar, mas com o tempo isso mudou.

A história de minha cidade começa assim, há muitos anos atrás Manuel Panguengue que gostava muito de viajar pelo mundo afora chegou em Macapá e decidiu ficar um tempo vivendo nessas terras. Mas ele precisava de um lugar para morar. Então, ele construiu a primeira casa em Macapá, a qual serviu como um ponto para realização de negócios entre comerciantes. Como naquele tempo não tinha todo material de construção que tem hoje, ele construiu um rancho de taipa e foi a partir desse rancho que as outras casas passaram a ser construídas, formando a Vila de Macapá.

Era assim que esse local se chamava até que um dia se deram conta de que tinha outro lugar com esse nome. Com certeza pensaram, e agora o que fazer? Mas logo ficaram despreocupados, porque Mário Melo grande filólogo acrescentou ao nome “rana”, denominando o lugar de Macaparana, que tem uma história linda.

Durante muitos anos, os engenhos foram responsáveis pelo desenvolvimento de Macaparana, pois a instalação dos engenhos da família Cavalcanti muito acrescentou a essa cidade, pois ela gerou o crescimento econômico desse município.

Hoje a economia de Macaparana é centralizada no comércio. Ela é um lugar bom de viver, por isso todo mundo deveria conhecê-la.

TEXTO (03) – Aluno de Escola Urbana (Idade: 11 anos)

História de minha cidade

Havia um lugar no Nordeste, especificamente no interior de Pernambuco, bem distante e longe de tudo. Lá tinha várias palmeiras de nome Macapá e o nome dessa planta foi também o desse lugar.

Nesse local Manuel Panguengue fez um rancho de taipa, sendo ele um dos primeiros viajantes que aqui se instalou, mas não só ficou nisso não, pois o rancho que ele construiu passou a ser um lugar de negociação entre os comerciantes. Depois dessa construção outras foram sendo feitas e assim a Vila de Macapá surgiu.

Finalmente passamos a ter a nossa cidade que agora tinha um nome. Mas a felicidade não era total, porque Macapá ainda era distrito de Timbaúba e a sede da prefeitura estava em São Vicente.

Com o passar do tempo as coisas passaram a mudar e Macaparana foi elevada à categoria de cidade. E depois disso uma coisa inesperada aconteceu, trouxeram a sede da prefeitura de São Vicente para Macaparana. Assim nossa cidade deixou de ser vila e a prefeitura se instalou aqui.

TEXTO (04) – Aluno de Escola Urbana (Idade: 11 anos)

Cultura de Macaparana

Macaparana é uma cidade boa, tem muitas festas e muita história para conhecer. Antes não tinha muita gente morando aqui, porque ela ainda não era conhecida por ficar muito afastada da capital, mas agora a população cresceu muito. Nela tem comércio, lojas, fazendas, engenhos e muitas outras coisas.

Foram os nossos engenhos que deram início a nossa história. Eles fazem parte da nossa cultura e a bandeira de nossa cidade tem o desenho de um engenho.

A nossa bandeira foi desenhada por dona Ana, uma moradora macaparanense muito sábia e esperta que vendo a riqueza de Macaparana quis logo representá-la. No desenho ela pintou o engenho que muito emprego gerou para o povo naquela época e a cana-de-açúcar que fazia e faz parte de nossa agricultura.

Minha cidade tem muitas coisas boas para visitar. A Serra do Pirauá e a Pedra do Bico são pontos turísticos belíssimos. Eu aprendi a gostar de Macaparana e sei que ela é muito boa para morar.

TEXTO (05) – Aluno de Escola Urbana (Idade: 11 anos)

Macaparana

Eu decidi contar um pouquinho dessa cidade. Ela é bonita e muito boa para se viver. Quando eu vim morar aqui, eu achei tudo muito bom. O lugar era muito calmo e eu fiquei encantada. Antes o nome desse lugar era Macapá, nome que recebeu de uma palmeira muito abundante na região.

É claro que esse nome não foi o permanente, mas por que mudou? Porque depois de algum tempo surgiu outra cidade com esse mesmo nome e assim essa cidade teve que receber outro nome. Então, um homem conhecido por Mário Melo acrescentou “rana” para ficar diferente da outra cidade e a nossa passou a ser Macaparana.

Macaparana é uma cidade pequena, mas nela tem muitas coisas boas e pessoas também. Além disso, tem pontos turísticos para visitar e também o museu que conta a nossa história. Eu amo a minha cidade e as belezas naturais que ela tem.

TEXTO (06) – Aluno de Escola Rural (Idade: 11 anos)

Macaparana e sua história

Eu vou contar para você a história da linda Macaparana. Em uma cidadezinha do interior de Pernambuco surgia um lugar chamado Macaparana que no início pertencia a São Vicente e era distrito de Timbaúba.

Mas acontece que antes essa cidade era chamada de Macapá. No entanto, como já existia outro lugar com esse nome, Mário Melo mais tarde acrescentou a terminação “rana” e ficou Macaparana.

Essa cidade foi crescendo e se desenvolvendo bastante com a ajuda da cana-de-açúcar e dos engenhos que têm na região até hoje.

Macaparana não é tão calma como era, mas mesmo assim é uma cidade boa de morar. Eu gosto muito dela.

TEXTO (07) – Aluno de Escola Urbana (Idade: 11 anos)

A minha cultura

Desde que comecei a morar aqui as pessoas dizem que o primeiro morador foi Manuel Panguengue que aqui construiu o primeiro rancho de taipa. Através desse rancho os comerciantes faziam suas negociações, o qual passou a ser o ponto de encontro entre eles.

Com a construção desse rancho outras construções foram surgindo e a Vila Macapá apareceu e muito cresceu. Houve também o acréscimo do nome da cidade. Como já existia outra cidade chamada Macapá, o nome teve que ser Macaparana.

Essa cidade se desenvolveu muito e com isso, não só o comércio cresceu, mas a agricultura também. Na época a cana-de-açúcar dominava tudo e a nossa economia só aumentava.

Hoje mora muita gente aqui. A minha cidade não tem muito barulho e é calma. Além disso, tem muitos lugares para visitar como: a Pedra do Bico e a Serra do Pirauá.

TEXTO (08) – Aluno de Escola Urbana (Idade: 11 anos)

A estória

No interior de Pernambuco havia um lugar que passou a ser chamado Macapá por causa de uma palmeira que existia em grande quantidade naquele local.

No começo havia uma dúvida muito grande, porque as pessoas não sabiam se a cidade pertencia a São Vicente ou a Timbaúba. As pessoas que moravam nesse local, inclusive eu, passamos muitos anos sem entender isso.

Um dia entendemos que não era de nenhuma dessas cidades, porque ela conseguiu finalmente se tornar cidade, deixando de ser distrito desses dois lugares.

Assim, Macapá passou a ser chamada de Macaparana acréscimo feito por Mário Melo quando descobriu que já havia outra cidade com esse nome. Acontece que naquele tempo Macaparana era uma vila.

No entanto, com o passar do tempo, ela deixou de ser vila para ser cidade, deixou de ser distrito de Timbaúba e a prefeitura de São Vicente foi instalada aqui. A estória de Macaparana é muito linda e muito boa de conhecer.

TEXTO (09) – Aluno de Escola Urbana (Idade: 11 anos)

A linda Macaparana

Um dia a cidade de Macaparana surgiu e muitas pessoas vieram morar aqui. Quando vieram não tinha muita coisa, porque ela era bem pequena.

No início tinha apenas um rancho de taipa construído por Manuel Panguengue. Entretanto, depois dessa construção outras pessoas começaram a construir.

Com tanta construção uma Vila chamada Macapá se formou. Macapá era o nome da nossa cidade no começo de tudo.

Hoje mora muita gente em Macaparana e grande parte da economia é gerada pelo comércio, também há pessoas que fazem crochê. Quem não conhece esse lugar deveria conhecer e visitar os pontos turísticos que tem nele.

TEXTO (10) – Aluno de Escola Rural (Idade: 11 anos)

Minha cidade, meu orgulho

Em fevereiro, fui visitar o museu de Macaparana e depois dessa visita aprendi muito sobre a cultura e a história de minha cidade.

Logo no início do museu, havia uma estátua do Sr. Moura Cavalcanti e a foto de Macaparana tirada via satélite.

Entre tantas coisas que havia no museu se destacavam as fotografias dos políticos, dos engenhos e os objetos que foram utilizados por Moura Cavalcanti.

Entre todos esses objetos tinha a bandeira de Macaparana. Ela ficava em destaque no museu para uma observação mais detalhada do significado de cada um dos seus desenhos.

TEXTO (11) – Aluno de Escola Rural (Idade: 11 anos)

Terra de muitas histórias

O início de nossa história foi gerado por uma grande confusão. Essa confusão ocorreu por causa do nome da cidade que já era de outro lugar e também porque ela era distrito de outras cidades. A nossa cidade era distrito de Timbaúba e as nossas terras ainda tinha o nome de Macapá.

Mas com o passar do tempo as coisas foram entrando nos eixos e nossa cidade deixou de ser distrito de Timbaúba e recebeu o nome de Macaparana.

Os detalhes de nossa história e de como tudo aconteceu encontra-se no museu. O lugar revela muitas coisas da nossa cultura e assim pudemos aprender muito.

TEXTO (12) – Aluno de Escola Urbana (Idade: 11 anos)

Orgulho de um Macaparanense

Macaparana tem uma história encantadora e uma paisagem que deixa as pessoas de boca aberta de tão linda.

As pessoas gostam muito das festividades que têm nessa cidade, principalmente, o São João, onde elas se divertem bastante. Além disso, Macaparana tem pontos turísticos belíssimos como a Pedra do Bico e a Serra do Pirauá. Muitas pessoas gostam de ir para esses lugares.

Mas todo crescimento de Macaparana começou com o rancho de taipa que Manuel Panguengue construiu, o qual depois foi utilizado para a comercialização. A minha cidade tem história e cultura boa de ver.

TEXTO (13) – Aluno de Escola Urbana (Idade: 11 anos)

Minha história, minha cultura

A história de Macaparana começa com a presença dos engenhos que naquele tempo eram responsáveis pela economia da cidade. Depois de um tempo, houve a construção do rancho de taipa feita por Manuel Panguengue. Com isso, houve a comercialização e o comércio foi surgindo em Macaparana.

Muitos foram os acontecimentos ocorridos nessa cidade. Todos esses acontecimentos serviram para o crescimento de Macaparana. As pessoas que moram nesse local tem muita história para contar.

Macaparana é uma cidade de povo acolhedor que gosta muito de festas, a do São João é a mais esperada, ela é fenomenal. As pessoas se divertem muito e muita gente vem festejar com a gente.

TEXTO (14) – Aluno de Escola Rural (Idade: 11anos)

Minha cidadezinha

A nossa história é marcada pelos antigos engenhos de açúcar da região, os quais eram a principal fonte de lucro para muitas famílias daquela época.

O açúcar foi durante muito tempo o responsável pela economia de Macaparana. Além do açúcar surgiu também o algodão como forma de fortalecer a renda do povo macaparanense.

A política de Macaparana também é marcada por tremendas reviravoltas. Sempre houve disputa entre as famílias dos Cavalcanti e a dos Moraes. A primeira administrou o nosso município por muitos anos, mas atualmente e a família dos Moraes que governa Macaparana.

Essa cidade é palco para muitos políticos e na sua história até uma mulher já foi prefeita. Dona Anita

Moraes foi a primeira prefeita e única a ser eleita em Macaparana. Toda história do nosso povo é espetacular, pois somos guerreiros e lutamos a cada dia por um lugar melhor com mais amor e menos violência.

TEXTO (15) – Aluno de Escola Urbana (Idade: 11 anos)

A vida de um povo

Toda história de Macaparana começou com uma palmeira abundante na região. Ela deu nome ao lugar, o qual se chamou Macapá, mas depois precisou acrescentar ao nome “rana” passando a ser Macaparana.

A construção do rancho de taipa feita por Manuel Panguengue também foi importante para a cidade. Nele os comerciantes se reuniam para negociar. Macaparana cresceu e se desenvolveu a partir do comércio.

Hoje onde há a igreja matriz da cidade foi onde foram construídas as primeiras moradias. A primeira rua de Macaparana recebeu o nome de Nossa Senhora do Amparo, nome da padroeira da cidade. O povo de Macaparana admira muito a história local, a sua cultura, enfim, tudo que tem nessa cidade.

TEXTO (16) – Aluno de Escola Urbana (Idade: 11anos)

O povo macaparanense

No interior de Pernambuco podemos ver a rica história do povo macaparanense estampada no rosto de cada cidadão e também através da representação dessa linda história no museu.

Em Macaparana, podemos ver a presença marcante do homem do campo com seus engenhos históricos. A história de Macaparana é enriquecida através da participação e da memória do povo da comunidade.

Os engenhos, a agricultura, a pecuária, o rancho de taipa construído, tudo contribuiu para o desenvolvimento da cultura de Macaparana. O povo dessa cidade também contribuiu muito para a construção de toda essa história.

TEXTO (17) – Aluno de Escola Urbana (Idade: 12 anos)

Festividades de Macaparana

As pessoas que moram em Macaparana gostam muito de se divertir nas festas que têm nessa cidade. No São João, por exemplo, muitas pessoas vêm de fora para se divertir, principalmente quando é o dia da cavalgada ecológica. As pessoas que já moraram aqui aproveitam esse dia para festejar com a família.

Não podemos esquecer que o carnaval também é muito bom. As pessoas saem na rua para vivenciar essa data, são muitos blocos e muita gente pulando atrás do trio. Macaparana é só diversão. Além dessas festas têm muitas outras que fazem parte da história do povo macaparanense.

TEXTO (18) – Aluno de Escola Urbana (Idade: 12 anos)

Um passeio inesquecível em terras macaparanense

Certo dia, eu e meus amigos saímos para explorar as terras de Macaparana. A nossa primeira parada foi na Serra do Pirauá. Ficamos parados admirando aquela beleza natural e sentindo aquele friozinho que só tem lá. Depois seguimos para a Pedra do Bico, ficamos encantados com as formas daquelas pedras. Havia uma com o formato de um navio. Como foi bom ver toda aquela beleza de pertinho.

Após visitar aqueles lugares voltamos para nossa casa. Com certeza o nosso passeio foi inesquecível. Aquele dia que vivemos juntos foi incrível, por isso não tem como sair da memória.

TEXTO (19) – Aluno de Escola Rural (Idade: 12 anos)

A história de um povo

A minha amada Macaparana tem uma cultura diferente que chama muito a atenção de todos por suas belezas naturais.

Nela moram pessoas que fazem de um tudo para sobreviver, tem as que fazem crochê para ter uma renda, aquelas que trabalham no comércio e também as que vivem da agricultura. Essas pessoas cultivam e

cuidam da terra.

Além disso, elas preservam os engenhos que marcam a nossa história. As famílias dos donos dos engenhos preservam o engenho do mesmo jeito, elas valorizam a sua cultura, até porque é um monumento histórico.

Macaparana cresceu muito desde o seu primeiro nome que era Macapá. Atualmente ela é conhecida como a capital do crochê.

TEXTO (20) – Aluno de Escola Urbana (Idade: 13 anos)

